

**Universidade de Lisboa**



**“As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX”**

**A ARTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA**

Leonor Graça Rocha

Mestrado em Ensino de História no  
3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo  
Professor Doutor Miguel Maria Santos Corrêa Monteiro

2017

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu irmão José Rocha que foi sempre um exemplo e uma inspiração para mim.

Ao meu companheiro de sempre, nesta jornada de vida, José Miguel.

Aos meus filhos e netos aqui citados por ordem cronológica, estando os cônjuges entre parenteses e os netos citados em seguida ao casal:

Leonor (Edson): Victoria e Megan;

Inês (Rúben): Katherine e Vincent;

Miguel (Teodora): Diogo e Emma;

Francisco.

Ao meu irmão Luís Carlos (Cremilda): Luís, Pedro e João.

## AGRADECIMENTOS

Ao nosso orientador, o Professor Doutor Miguel Maria Corrêa Monteiro, nosso mestre, pela paciência que sempre demonstrou na mediação do nosso conhecimento, mas sobretudo pela forma sempre incansável com que soube orientar o caminho que escolhemos seguir.

Aos professores da Faculdade de Letras de Lisboa, a nossa casa de tantas e variadas aprendizagens, a nossa gratidão por acreditarem sempre em nós.

Aos professores do Instituto de Educação, o nosso obrigada pelos conhecimentos adquiridos e pela disponibilidade sempre presente.

Uma palavra amiga de agradecimento à nossa Professora Cooperante Doutora Isabel Cluny, que nos guiou e sempre que necessário corrigiu a nossa rota.

Aos alunos do 11º. B e 12º. B, do ano académico de 2016-2017, da Escola Dona Luísa de Gusmão, auxiliares valiosos nesta nossa demanda.

Por fim, mas não por último, aos colegas, pela partilha e pela generosidade durante este nosso percurso, especialmente à Filipa e à Ivone.

A todos(as), o nosso Bem-Haja.

Leonor Rocha

## Lista de Siglas

CD-ROM	Compact Disc-Read-Only Memory
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNES	Currículo Nacional do Ensino Secundário
DES	Departamento do Ensino Secundário
DGAE	Direção-Geral da Administração Escolar
DGE	Direção-Geral da Educação
DRE	Diário da República Eletrónico
DRELVT	Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo
DVD-ROM	Digital Versatile Disc-Read-Only Memory
EFA	Educação e Formação de Adultos
ENES	Exames Nacionais do Ensino Secundário
FCSH/UNL	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa
FCT	Fundação para a Ciência e a Tecnologia
IGEC	Inspeção-geral da Educação e Ciência
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPP (I, II, III)	Introdução à Prática Profissional (I, II, III)
ISCTE	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
ISSN	International Standard Serial Number
ISBN	International Standard Book Number
IOS	International Organisation for Standardisation
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro; Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro; Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto; Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto; Decreto-Lei n.º 137/2012 de 2 de Julho)
ME	Ministério da Educação
MEC	Ministério da Educação e Ciência



MOODLE	Modular Object-Oriented Dynamic Learning
MP	Ministério Público
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
QI	Quociente de Inteligência
QZP	Quadro de Zona Pedagógica
RVCC	Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências
URL	Uniform Resource Locator
WWW	World Wide Web
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal

**Lista de Abreviaturas**

(sic)	Conforme
[...]	Corte na citação de texto
AC	Aprendizagem Cooperativa
Apud	Segundo, conforme
ARVS	Aprendizagem por receção verbal significativa
cf.	confronte, confira
cit.	citado
colab.	colaboração
compil.	compilation
coord.	coordenação
cop.	copyright
des.	desenhador ou editor litográfico
dir.	direção
ed.	edição, editor(a)
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo <i>et al.</i> e outro(a) <i>et alii.</i> e outros(as)
fasc.	fascículo
fig.	figura
<i>ibid.</i>	<i>ibidem</i> , mesmo lugar, i.e., id est. isto é idem o mesmo
imp.	impresso
lit.	literário(a)
nºs.	números
op. cit.	obra citada
p.	página
pp.	páginas
Ppt.	Power Point Presentation
reimp.	reimpressão
rev.	revisão, revisor(a)

séc.	século
s.a.	sem autor(a)
s.e.	sem editor
sep.	separata
s.l.	sem local
s.n.	sem nome
ss.	seguintes
trad.	traduzido, tradução
v.	volume
vol.	volume
vols.	volumes

**CONFORMIDADE:** esta tese está redigida segundo as normas aprovadas pela Comissão Científica dos Mestrados de Ensino do Instituto da Educação.

**NORMA E GRAFIA UTILIZADA:** A elaboração desta tese está conforme os termos do Novo Acordo Ortográfico. As referências bibliográficas e citações foram elaboradas tendo em conta a Norma Portuguesa, NP 405-1 (1994, 1.<sup>a</sup> ed.). Nas transcrições procurámos seguir a grafia original.

## Resumo

O presente trabalho pretende demonstrar a importância que a Arte pode ter para o ensino da História em contexto de sala de aula.

A educação permite o desenvolvimento intelectual e, como entendemos que a Arte também fornece o fluxo de criatividade, acreditamos que, quando ambos são usados no mesmo contexto, podem resultar no ensino e na sensibilidade estética de um cidadão, bem como na consolidação de valores e respeito pela diversidade cultural, o que pode levar a uma aprendizagem mais significativa.

O período lecionado, *As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX*, bem como o conhecimento de conceitos essenciais em História, foram o horizonte ideal para nos ajudar a transmitir conteúdos, através de documentos iconográficos, sem esforço acrescido por parte dos alunos, mas para quem o estudo da História se mostra tantas vezes desinteressante.

Concluimos que a informação apresentada e assente em dois requisitos imediatos, enriquecer e firmar o conhecimento dos discentes e contribuir para aumentar um bom resultado final, pode ser a resposta – entre outras variáveis não abordadas – que procurámos para alcançar o objetivo de uma escola com alunos motivados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem, Arte, Historia, Cultura Artística, Século XX.

## Abstract

The following work tries to demonstrate the importance of how Art can have in a General History Course, under a academical teaching environment.

Education enables the intellectual development and, as our understanding that Art also provides the flow of creativity, we believe that when both are used in the same context, it can result in the teaching and aesthetic sensibility of a citizen as well as in the consolidation of values and respect for cultural diversity, which might lead to a more significant learning.

Under the thought period “*As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX*” [The Social and Cultural Transformations of the 3rd Quarter of the XX century] as well as the essential conceptualizations of Historical Knowledge were the perfect setting to help transmitting its contents, through iconographic documentation, without added effort from the part of the students which usually classify History Studies somewhat disinteresting.

We concluded that the information gathered is placed under two main immediate requirements: enriching and solidifying the knowledge of the students which contributes to yield a better positive result, can be the answer, among various other not-studied variables, to reach the goals placed by the school with motivated students.

**KEY WORDS:** Learning, Art, History, Artistic Culture, 20th Century

**ÍNDICE GERAL**

DEDICATÓRIA .....	II
AGRADECIMENTOS .....	III
LISTA DE SIGLAS .....	IV
LISTA DE ABREVIATURAS .....	VI
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
ÍNDICE GERAL.....	X
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XII
ÍNDICE DE QUADROS .....	XIII
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	XIV
ÍNDICE DE ANEXOS .....	XV
INTRODUÇÃO .....	1
PRIMEIRA PARTE – TEORIAS DA EDUCAÇÃO.....	5
1. Teorias da Educação.....	6
1.1 Modelos adotados .....	7
1.2 O Ensino da História e a motivação em contexto escolar .....	11
SEGUNDA PARTE – CONTEXTO ESCOLAR DA LECIONAÇÃO .....	13
Escola Dona Luísa de Gusmão .....	14
1. Escola Dona Luísa de Gusmão.....	15
1.1 Caracterização da Escola Dona Luísa de Gusmão e Área Envolvente..	15
1.2 A Arte na Escola .....	20
1.3 O programa de História.....	23
1.4 A professora Cooperante.....	24
1.5 As turmas que lecionámos .....	25
TERCEIRA PARTE – ASPETOS GERAIS RELATIVOS ÀS AULAS	
LECIONADAS .....	28
1. Ponto de partida .....	29
2. A Obra de Arte em contexto de sala de aula .....	30
3. As planificações.....	31

5. Avaliação.....	32
4.1 O que significa avaliar? .....	32
4.2 Tipos de avaliação.....	33
4.2.1 Avaliação formativa .....	33
4.2.2 Avaliação sumativa .....	33
4.3 Porquê avaliar?.....	34
QUARTA PARTE – AS AULAS LECIONADAS .....	35
1. As Aulas .....	36
1.1 Primeira Aula .....	36
1.2 Segunda Aula .....	43
1.3 Terceira Aula .....	46
1.4 Quarta Aula .....	49
1.5 Quinta Aula .....	50
1.6 Sexta Aula .....	53
2. Comentário final da prática letiva .....	56
3. Outras atividades da mestranda na Escola .....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
BIBLIOGRAFIA .....	64
OBRAS GERAIS E ESPECÍFICAS.....	65
TEORIAS DA APRENDIZAGEM .....	66
DIDÁTICA / PEDAGOGIA.....	66
PROGRAMAS.....	69
DOCUMENTOS ELETRÓNICOS .....	69

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Resultado em Aprendizagem Cooperativa .....	9
Figura 2 -Localização da Escola Dona Luísa de Gusmão .....	14
Figura 3 – Aspeto frontal da Escola Dona Luísa de Gusmão .....	14
Figura 4 - Sala de Aula, Vista Parcial.....	17
Figura 5 – Sala de Aula, Vista Parcial .....	18
Figura 6 - Sala de Aula, Vista Parcial.....	18
Figura 7 - Sala de Aula, Vista Parcial.....	18
Figura 8 - Contentores de Reciclagem para plástico e cortiça.....	19
Figura 9 - Programa de arte de alunos de 1º Ciclo (Agrupamento).....	20
Figura 10 - Painel em azulejo executado por alunos da escola (1970).....	21
Figura 11- Pintura mural de Severo Portela (1898-1985) alusiva à rainha D. Luísa de Gusmão (1958), no átrio de entrada da escola. ....	22
Figura 12 - Painel de azulejo na parede exterior da Escola .....	22
Figura 13 - Pormenor do Painel de Azulejo.....	23



## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - J. Pollock, <i>Convergência</i> (1952), Óleo s/ Tela, (140x180cms), MoMa-USA.....	38
Quadro 2 - W. Kooning, <i>Woman</i> (1950/2), grafite giz de cera, pastel e tinta de óleo sobre tela, (192x147cm), MoMa-USA .....	39
Quadro 3 - Mark Rothko, Sem Título ( <i>Violet, Black, Orange, Yellow on White and Red</i> ) 1949, Óleo s/Tela (207x167.6cm), Museu Guggenheim - NY, USA40	
Quadro 4 - Richard Hamilton, <i>Just what was it that made yesterday's homes so different, so appealing?</i> (1956), Colagem s/Tela (26x25cm), Tate Galleries, London, UK.....	41
Quadro 5 - René Magritte, <i>The Treachery of Images</i> 1929, Óleo s/Tela (63,5 x 93,98cm) - Los Angeles County Museum of Art - LA, USA.....	44
Quadro 6 - <i>Leitura da Tragédia de Voltaire L'Orphelin de la Chine</i> , no salão de Madame Geoffrin em 1755, Pintura de Anicet Charles Gabriel Lemonnier (1812).....	54

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Inquérito elaborado aos alunos de ambos os géneros da turma B do 12º. ano de escolaridade .....	12
--	----

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXOS .....	- 1 -
ANEXO 1 – Planificação Curto Prazo.....	- 2 -
Anexo I – Planificação da aula lecionadas ao 11º Ano, Turma B .....	- 3 -
Anexo II - Planificação da aula lecionada ao 12º Ano, Turma B .....	- 13 -
Anexo III - PowerPoint referente às aulas elaboradas do 11º Ano, Turma B...	- 20 -
Anexo IV –PowerPoint referente às aulas elaboradas do 12º Ano, Turma B ..	- 35 -
ANEXO 2 – Modelos de obtenção de dados aos alunos .....	- 65 -
Anexo I – Questionário aos Alunos sobre o Ambiente.....	- 66 -
Anexo II – Guião de Análise de uma Pintura .....	- 67 -
Anexo III – Modelo de Inquérito aos alunos sobre a relevância da Arte no ensino da História .....	- 68 -
Anexo IV – Modelo de Inquérito aos alunos sobre a relevância do ensino da História .....	- 69 -
ANEXO 3 – Diversos .....	- 70 -
Anexo I – <i>Currículum Vitae</i> da Profª. Cooperante Doutora Isabel Cluny.....	- 71 -
Anexo II – Planta tipo da Sala de Aula.....	- 77 -
Anexo III – Cronologia histórica de 1985/2015 .....	- 78 -
Anexo IV – PowerPoint “Uma Viagem à História da Arte” .....	- 79 -

## INTRODUÇÃO

---

*“Para se tornar um bom professor, não tens apenas que  
ensinar as crianças.*

*Também tens que aprender com elas”*

Tasha-Leigh, 12, Jamaica

UNESCO What makes a good teacher? Paris. (1996)

O presente Relatório tem como objetivo descrever a prática letiva desenvolvida no âmbito da unidade curricular de Introdução à Prática Profissional III (IPPIII).

Se a escola promove a descoberta, a pesquisa e o questionamento, cada vez mais necessários, se nos processos acompanha e envolve todos os intervenientes escolares, se as novas tecnologias invadem adequadamente os espaços criativos e cognitivos, se as atitudes adotadas dentro da sala de aula são as que estão melhor adaptadas aos alunos em presença, então podemos acreditar que novos processos podem ser vantajosamente implementados.

Reconhecendo que o binómio Arte/Educação, pelo seu conteúdo cultural, faz sentido no mundo de hoje e que esse valor é reconhecido, mas não generalizado, estabeleceu-se um plano de procura que pudesse dar força a essa ideia e elidir tais reservas. Respondendo à crescente necessidade de fazer parte do processo de globalização, a diversidade e o pluralismo adivinham soluções através das quais a promoção de políticas multiculturais fazem sentido em âmbitos alargados de conhecimento. Mas a Arte não poderá estar ausente dessa aprendizagem e por essa razão torna-se fácil entender Read<sup>1</sup> quando escreve que, “[...] o objetivo da educação é a formação de artistas – pessoas eficientes nos vários modos de expressão”.

Torna-se necessário adotar uma prática de ensino mais atual, que combata ou anule por completo as fragilidades das exposições tradicionais, evitando por exemplo, o excesso de informação no seu discurso e adaptando a exposição às características, interesses e capacidades dos seus alunos. Nessa conformidade, defendemos a utilização de uma linguagem gramaticalmente correta, um discurso bem articulado, enfático e expressivo de forma a cativar os alunos.

---

<sup>1</sup> Herbert Read (1893-1968), *A Educação pela Arte*, Arte e Comunicação, Edições 70, Lisboa, 2001, p. 12.

Ao procurarmos desenvolver as competências de discurso e comunicação dos discentes, além da importância cognitiva - pois acreditamos que esta é uma estratégia que contribui para um melhor ambiente em sala de aula – desejamos aproximar os alunos do professor.

Se os discursos usados no decorrer da aula, se limitam às “recitações” do docente, o que deixa um espaço quase nulo para questionar e dar palavra aos alunos, a consequência será a reprodução por estes dessa mesma “recitação”, sem qualquer componente pessoal.

Assim, como nem todos participam, seja porque há alunos que não se sentem à vontade para responder, seja porque o professor não tem tempo para colocar questões a todos, perde-se o tempo da curiosidade e do gostar de aprender e são os objetivos do professor que são alcançados e não o conhecimento que, eventualmente, se pretende que os alunos adquiram. Assim, tendo em vista a verdadeira natureza dos jovens e a forma tradicional do ensino - que ainda se pratica - em que a identidade e o desenvolvimento cultural se apresentam sistematizados, esse não pode continuar a satisfazer a educação contemporânea.

Existem projetos com provas dadas<sup>2</sup> que podem e devem originar outras reflexões sobre a pedagogia, as aulas, a seleção de materiais e recursos tecnológicos, mas que, sobretudo, contribuam para uma formação mais interativa e eficaz, em que alunos e professores sejam mentores de novas práticas.

Tendo-se antecipado que a Arte pode conduzir a uma nova forma de olhar a História, sem nunca limitar o rigor científico, as nossas aulas ministradas maioritariamente a alunos finalistas do 3º. Ciclo, cujo tema se centrou nas “*Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX*”, vieram confirmar a utilidade dessa aproximação para ajudar a refletir sobre as condições do Homem, condições essas que haveriam de chegar ao tempo presente através de novas produções culturais.

O desfazimento constatado entre o tema assim identificado e as leituras sugeridas nos planos curriculares, constituiu ponto de partida para o reforço do nosso interesse em procurar novas formas de explicar a História, colmatando essa lacuna e

---

<sup>2</sup> A “*Escola da Ponte*” é um dos exemplos que aqui podemos citar, cujo modelo organizacional praticado diverge substancialmente do modelo convencional de escola pública.

procurando obter bons níveis de aprendizagem. As unidades didáticas lecionadas, estamos certas, contribuíram para desenvolver nos alunos uma maior capacidade de reflexão sobre os acontecimentos do passado obrigando-os a uma problematização crítica do mundo atual.

## **PRIMEIRA PARTE – Teorias da Educação**

---



## 1. Teorias da Educação

Descrever acriticamente as variadas teorias aplicáveis seria um contributo longo e sem grande validade. Por isso, tendo em devida conta os ensinamentos ministrados tanto pelo Instituto de Educação como pela Faculdade de Letras, seleccionámos duas correntes pedagógicas que acabaram por estar subjacentes nas metodologias que aplicámos e que abordaremos.

Apesar das constantes inovações, formas e contextos em que os estudantes podem aprender, a atuação do professor dentro da sala de aula continua a ser condição preponderante no processo de ensino-aprendizagem. Podemos identificar os requisitos necessários para uma boa aula, relacionando-os com o que é mais utilizado. Na aprendizagem, podemos referir a audição e a leitura - e no ensino a exposição - estabelecendo como grande diferença entre estes o facto de o ensino ser intencional.

Se concentrarmos a atenção no ensino expositivo, ainda que não seja aquele que desenvolve mais o pensamento dos alunos, reconheceremos que este alcança vários objetivos, que justificam a sua utilização. Pelo facto de economizar tempo e recursos, permite lecionar conteúdos mais extensos e complexos de uma forma mais eficiente, mas à custa de uma menor partilha de experiência e ideias a respeito de um determinado tema. Todavia, para que mesmo assim aconteça aprendizagem é importante que o primeiro passo nesse sentido seja a compreensão do professor pelos alunos. Não é de menos salientar que o docente ensina também a ouvir, treina a compreensão e, de forma implícita, ensina técnicas de exposição. Porque numa aula expositiva é complicado manter em todos o desejável nível de atenção, pode minorar-se tal dificuldade pelo recurso a estratégias e uso de materiais de apoio que facilitem a compreensão.

Além disto, devem planear-se bem os momentos da aula, para que a exposição obedeça a uma lógica coerente, que siga um perfil animador, desmobilizando a dispersão na audiência, aumentando a atratividade e fazendo surgir as condições de aprendizagem, que se podem dividir em sete fases.

A primeira é a motivação: nela o professor deve deixar claro quais são os objetivos daquela lição, com o intuito dos alunos saberem para onde devem dirigir a sua atenção e poderem organizar as suas capacidades e o seu estudo de forma a atingirem os objetivos traçados.

Na segunda fase, meramente condutora, mas determinada, o docente procurará dirigir os alunos para o cerne da matéria, pois que, será na terceira fase que ocorre aquisição dos conhecimentos. Para isso o professor pode, por exemplo, realizar perguntas para averiguar e moldar esse conhecimento e/ou apresentar fotografias, obras de referência, pictóricas ou literárias, ou mesmo vídeos de música alusivos ao exposto.

A fase seguinte, que é a quarta, está intimamente ligada a esta pois é nela, pelo seu carácter estruturante, que os estudantes organizam a informação e estabelecem relações com outros conteúdos e neste caso o professor pode abrir espaço ao diálogo, para partilhar experiências úteis. O mesmo acontece com a quinta fase em que ocorre a recuperação da informação e aqui, o ato de resumir e reiterar os tópicos passados é ainda mais preponderante. Nas últimas duas fases ocorre quer uma generalização em que se procura que aquele conhecimento seja aplicado a outras situações, quer por fim a retroalimentação em que se expressam as aprendizagens realizadas, tendo em conta os objetivos estabelecidos inicialmente. Funciona, pois, como uma avaliação, do desempenho do professor e dos alunos.<sup>3</sup>

### 1.1 Modelos adotados

Porque não existe um só modelo de lecionação e por termos compreendido que muito do que somos se transmite nessa prática, é natural que determinadas opções pedagógicas se tenham aproximado mais dessa “que somos” e da forma como olhamos para a escola e para a sala de aula.

Optámos, pois, quer pela Teoria de Ausubel<sup>4</sup> - Teoria Cognitivista da “*Aprendizagem por Receção Verbal Significativa*” (ARVS), quer pela Teoria de Carl Rogers<sup>5</sup> - que pretende entender o homem na assunção da liberdade humana, não as separando da “*Aprendizagem Cooperativa*” (AC).

Começaremos por referir a teoria atual da aprendizagem significativa, que teve origem no trabalho do psicólogo educacional americano David Ausubel e da sua obra

---

<sup>3</sup> Relativo a esta temática: acedido em agosto de 2017:

[https://elearning.iefp.pt/pluginfile.php/48095/mod\\_resource/content/0/2\\_Metodos\\_Pedagogicos.pdf](https://elearning.iefp.pt/pluginfile.php/48095/mod_resource/content/0/2_Metodos_Pedagogicos.pdf)

<sup>4</sup>David Paul Ausubel (1918-2008), USA.

<sup>5</sup> Carl Rogers (1902-1987), USA.

“*The psychology of meaningful verbal learning*”<sup>6</sup>, publicada em 1963, obra essa que deu origem à revolução cognitiva na Psicologia Educacional.

Este Autor estabelece uma nova fronteira ao afirmar que o aluno, para além da importância da sua idade cognitiva, aprende através de experiências significativas, onde faz a ponte entre o que já sabe e o conflito cognitivo que é gerado com a nova aprendizagem. Considera, assim, que é possível desenvolver uma ARVS alicerçada no princípio de que o aluno já detém uma bagagem de conhecimento e que deve ser por acréscimo e em ligação a essa que o novo conhecimento deve ser-lhe ministrado, para que melhor se radique na sua estrutura cognitiva. A aprendizagem significativa, em oposição à aprendizagem mecânica, dá a conhecer uma ferramenta que pode ser mais eficaz e permite conduzir a melhores escolhas.

Quando se refere à aprendizagem em sala de aula fala na existência de dois contínuos, o contínuo aprendizagem mecânica e o contínuo aprendizagem por receção ou descoberta. Essas duas formas, quando aplicadas ao ensino-aprendizagem, resultam efetivamente, já que o aluno pode fazer uma acoplagem do novo ao que já conhece, resultando numa aprendizagem verdadeiramente significativa, para si.

Carl Rogers, por seu lado, defende a aula não-diretiva no processo de ensino-aprendizagem e considerando essa posição, poderíamos desde logo declinar essa prática pois ela parece-nos não exequível. Tal impossibilidade radica no simples facto de constatarmos que, na revisão da matéria da aula anterior, ou na exposição de nova matéria, estarmos implicitamente a ser diretivos, sem que possamos excluir-nos do binómio professor/ensino-aprendizagem. Na realidade só devemos falar na não-diretividade quando os alunos trabalham livremente, em grupo.

Mas então porque é que a teoria deste pedagogo afinal se adequa ao nosso processo? Porque entendemos que, ao defender as aulas não-diretivas, o que ele propõe ao próprio aluno é que ele seja livre para aprender que o mesmo é dizer que o aluno se torne ativo na aprendizagem<sup>7</sup>. A abordagem centrada na pessoa - é essa a noção - deixa o aluno perceber que aquilo que aprende é não só pertinente, como útil. O professor, neste caso, deve ser um facilitador, criando condições que levem os alunos a desejar aprender.

---

<sup>6</sup> David Paul Ausubel, “*The psychology of meaningful verbal learning*”. Oxford, England: Grune & Stratton. 1963. p. 200

<sup>7</sup> Carl Rogers. Tornar-se Pessoa. Lisboa, Morais Editores. 1961. p. 249

Em termos práticos, Ausubel e Rogers encontram-se no caminho da eficácia do ensino-aprendizagem atuante e motivador no e do próprio aluno.

Coerentemente, a mesma convergência das duas práticas vai verificar-se na AC dando-lhes assim uma maior consistência na operacionalização. A AC como referida em Arends<sup>8</sup>, propõe modelos educacionais que se baseiam na estrutura de tarefas, de objetivos e de recompensa. Na prossecução dos objetivos encontram-se a realização escolar, a tolerância e a aceitação da diversidade e do desenvolvimento de competências. Assim o seguinte esquema:

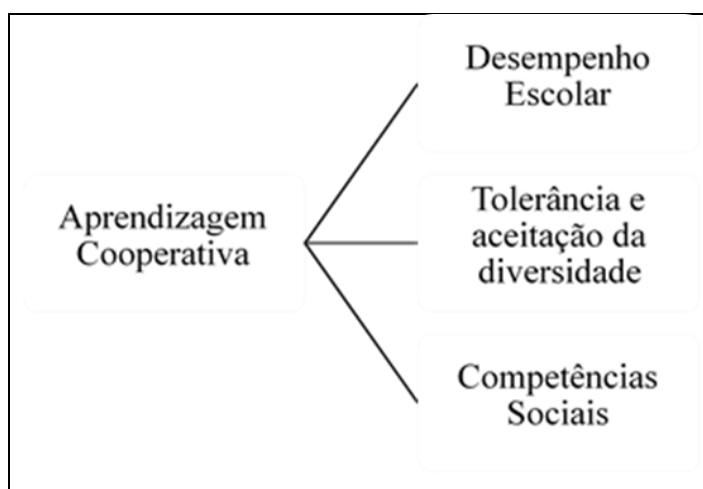


Figura 1 - Resultado em Aprendizagem Cooperativa <sup>9</sup>

Vamos encontrar ali, a motivação e a descrição dos objetivos, a apresentação da informação, a organização dos alunos em grupos de trabalho, a realização de tarefas interdependentes com a orientação do professor, e a criação, apresentação e valorização do trabalho realizado. Com a AC, o conceito de sala de aula democrática, as relações intergrupais e a aprendizagem pela experiência estão na fundamentação teórica e empírica, tendo como resultado um maior comportamento cooperativo e um menor efeito competitivo. Todavia, a planificação tem de ser desafiadora e do interesse do aluno.

<sup>8</sup> Richard I Arends, *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill. 2008. pp. 343- 375

<sup>9</sup> *Idem ibidem*

Com trabalho desenvolvido na área da Psicologia Educacional, os teorizadores Robert Slavin<sup>10</sup>, Herbert Thelen<sup>11</sup> e Spencer Kagan<sup>12</sup>, que nos foram “apresentados” por Arends, fizeram-nos desejar, desde logo, implementar esse modelo numa sala de aula.

Mesmo depois de tanta discussão sobre o facto de ser imprescindível que o aluno tenha o domínio da sua aprendizagem, podemos afirmar que o ensino centrado no aluno ainda não está generalizado embora saibamos, mercê de experiências concretas e bem-sucedidas, que há casos muito positivos.<sup>13</sup>

O ensino professor-verbalista passou de moda, é verdade, e os alunos sentem-se mais integrados se tiverem uma palavra a dizer sobre a forma como aprendem, por essa razão não compreendemos porque é que as escolas continuam a utilizar tantas vezes os mesmos processos obsoletos que ativam absentismo e continuam a apresentar elevadas taxas de abandono escolar.

Esta questão esteve sempre presente durante as aulas que lecionamos, porque é cada vez mais importante e interessante ouvir o que uma turma tem a dizer e como o diz. Quando nos propomos educar com novas estratégias, precisamos ter ao nosso alcance ferramentas pedagógicas alternativas, mas consistentes. Essa pode ser uma das respostas à exigência que a informação dos nossos dias impõe, procurando-se conseguir uma maior eficácia e sustentabilidade para lá da apreensão dos conhecimentos da escola.

Dentro dessa informação que anteriormente referimos não podemos deixar de considerar as novas tecnologias que, na sua melhor utilização, podem neste contexto desenvolver um papel importante.

Sabemos por experiência que a aprendizagem assim complementada pode ter uma enorme importância, apesar de por vezes ser difícil ultrapassar o desequilíbrio tecnológico, que professores e alunos ainda sentem. A alternativa tem de ser criativa para se tornar motivadora, mas não devemos esquecer que, para um professor, a muita

---

<sup>10</sup> Robert Slavin (1950- ...). USA.

<sup>11</sup> Herbert Thelen (1913-2018). USA

<sup>12</sup> Spencer Kagan (1944- ...). Pela ordem proposta por Arends

<sup>13</sup> Página da escola “*Escola Cooperativa a Torre*” (accedida em setembro 2017) <https://atorre.pt/> e ainda, acedido na mesma data <http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2017/02/2017-02-Programa-003.pdf>

tecnologia que possa ter ao seu alcance não supre uma boa preparação científica e humana.

## 1.2 O Ensino da História e a motivação em contexto escolar

Também como nova estratégia, ao defendermos o estudo da História com recurso à Arte, pretendemos que se lhe reconheça a possibilidade de olhar para a História de uma forma diferente, dando-lhe a oportunidade de introduzir novas leituras.

Assim, como o arco temporal em estudo é o século XX, as aulas que ministrámos vieram confirmar a utilidade da Arte na reflexão sobre as condições do Homem no pós-guerra. As tarefas realizadas tanto na preparação como na efetivação das aulas, considerámo-las como muito importantes, tendo sempre subjacentes os critérios já referidos: criar pontes significativas entre o que o aluno já sabe e o desejo de aprender mais.

Ao longo da escolaridade obrigatória são poucos os alunos que gostam da disciplina de História. A questão prende-se maioritariamente com a necessidade de aprender datas e factos que, não fazendo ligação com o presente em que vivem, não se relacionam com a sua existência. Dessa forma, como não percebem como esses acontecimentos são significativos, tomam-nos somente como uma inevitabilidade curricular, deixando-se conduzir em aprendizagens mecânicas. Ora, se o que pretendíamos eram alunos motivados, esta foi, logo à partida, uma batalha que precisámos de vencer.

Por isso ao iniciarmos a leção distribuímos aos alunos um questionário que, entre outras perguntas, procurava avaliar e diagnosticar a questão de “gostar de História”<sup>14</sup>. E as respostas confirmaram o que acabámos de expor.

---

<sup>14</sup> O modelo do questionário está apresentado no ANEXO 2- III – Modelo de Inquérito aos alunos sobre a relevância do ensino da História p. 62.

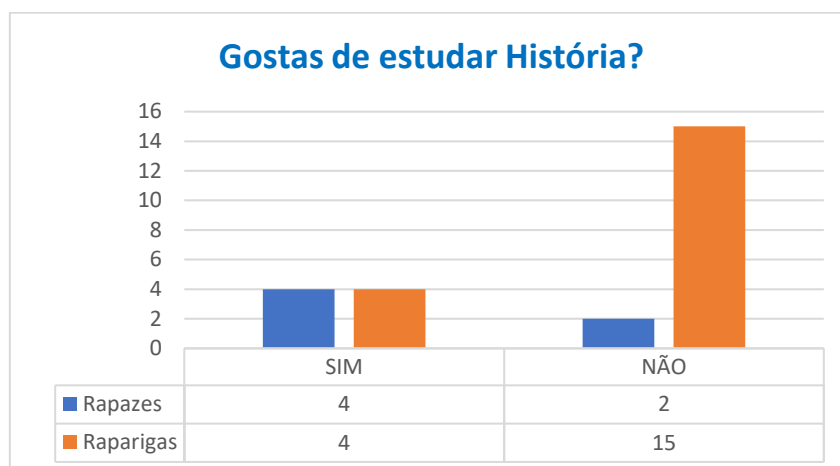


Gráfico 1 - Inquérito elaborado aos alunos de ambos os géneros da turma do 12º ano de escolaridade da turma B

Depois de verificadas as respostas, tomámos a iniciativa - na aula seguinte - de abrir o tempo letivo com esse tema. Ao fazermos analogias práticas, como por exemplo quando e onde nasceram, a história das suas vidas, dos seus pais, como todos esses acontecimentos estão relacionados com a realidade que hoje vivem, começámos a vislumbrar expressões de compreensão e sorrisos cúmplices. Afinal a História, acedida num mero plano próximo e pessoal, podia mostrar-se como mesmo importante para compreender o presente.

Será, pois, possível modificar a forma como se apresenta e estuda a História? Sim! Se lhe dermos a atenção necessária e se a desenharmos no sentido do protagonista, o estudo dessa disciplina pode tornar-se interessante e constituir uma ajuda muito importante para entender os fenómenos políticos, económicos e sociais em que se participa ou de que se receberam consequências. Basta perceber como fazê-lo.

Como docente, entender para lá do que se vê torna-se crucial. Estamos certas de que a interdisciplinaridade tem uma enorme relevância nesse “como fazer”, pois, o simples entendimento e explicação da existência de perspetivas múltiplas para a abordagem e estudo do facto histórico pode conduzir a melhores resultados, tanto para alunos como para professores. Quanto maior for a interligação entre a comunidade escolar e maior imbução de todos os seus participantes no favorecimento harmonioso dessa interdisciplinaridade, maior operacionalidade será conseguida e uma maior apetência para novos conhecimentos levando essa aventura mais longe na conquista do espaço comum – o saber.

## **SEGUNDA PARTE – Contexto escolar da leção**

---



Escola Dona Luísa de Gusmão



Figura 2 -Localização da Escola Dona Luísa de Gusmão<sup>15</sup>



Figura 3 – Aspeto frontal da Escola Dona Luísa de Gusmão<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.google.pt/search?q=escola+dona+Luísa+de+gusm%C3%A3o&ie=&oe=> (acedido em setembro de 2017)

<sup>16</sup> Fonte: <https://www.google.pt/search?q=escola+dona+Luísa+de+gusm%C3%A3o&ie=&oe=> (acedido em setembro de 2017)

## 1. Escola Dona Luísa de Gusmão

### 1.1 Caracterização da Escola Dona Luísa de Gusmão e Área Envolvente

A Escola Dona Luísa de Gusmão está situada na freguesia da Penha de França, Lisboa e foi inaugurada em 1958 como Escola Industrial Feminina. Em 1970 passou a ter a denominação de Escola Industrial e Comercial e, a partir de 1975, na sequência da política de unificação do ensino liceal e técnico, passou a Escola Secundária. Nesse percurso de vida a escola soube adaptar-se às exigências das diferentes reformas e políticas educativas, sem nunca cortar por completo com a sua identidade técnica. Mesmo na época de unificação do ensino, na década de 80/90, a escola manteve sempre a oferta de cursos técnico/profissionais no ensino diurno e noturno. Hoje a Escola Dona Luísa de Gusmão assume-se como uma escola em regime diurno que disponibiliza cursos secundários, científicos e profissionais.

A escola assinou o seu primeiro contrato de autonomia<sup>17</sup> entre 2007-2011, celebrado com a Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo (DRELVT), na sequência da Avaliação Externa de 2006, o que significou um reconhecimento público do seu profissionalismo e capacidade de autorregulação bem como da sua capacidade de organização. Secundada por razões imperativas de reorganização e racionalização do parque escolar no geral e, no particular, por outras razões constantes do relatório da Inspeção Geral da Educação e Ciência (IGEC), de novembro de 2011, da Avaliação Externa das Escolas e à semelhança de muitas outras, a Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão passou, no ano letivo de 2012-2013, a estar associada ao 171955 - Agrupamento de Escolas Nuno Gonçalves, por acordo direto entre as partes.

Este agrupamento de escolas é composto pelos seguintes estabelecimentos: 243346 – Escola Básica Arquiteto Victor Palla, 239367 - Escola Básica de Lisboa n.º 1, 254009 – Escola Básica Natália Correia, 342361 – Escola Básica Nuno Gonçalves (Sede de Agrupamento)<sup>18</sup>, 250259 – Escola Básica Sampaio Garrido e, por fim, a sua

---

<sup>17</sup> Conforme podemos aferir pelo documento de Avaliação Externa a cargo da Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC), (acedido em julho de 2017), disponível em WWW<URL: [http://www.ige.minedu.pt/upload/AEE\\_2012\\_Lisboa/AEE\\_2012\\_ES\\_Luís\\_Gusmao\\_R.pdf](http://www.ige.minedu.pt/upload/AEE_2012_Lisboa/AEE_2012_ES_Luís_Gusmao_R.pdf)>, «[...] conforme previsto no regime jurídico de autonomia, administração e gestão das escolas, homologado pela Ministra da Educação, em 10 de setembro de 2007.», p. 2.

<sup>18</sup> A Escola EB 2/3 de Nuno Gonçalves já era Sede de Agrupamento antes da reorganização das estruturas escolares efetuada em 2012/2013 e, no documento da DGAE/MEC, onde são listadas as escolas agrupadas e as não agrupadas, a Escola Secundária D. Luísa de Gusmão já não consta, embora não se

mais recente associada, 401330 - Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão, onde cumprimos o nosso estágio.<sup>19</sup>

Para além da caracterização da escola na sua vertente identificativa e oficial, escolhemos também falar da mesma, na sua vertente arquitetónica. A introdução de novas e modernas técnicas de engenharia, durante os anos 40 e 50 do Séc. XX, vieram revolucionar não só a maneira de construir, mas também a forma de pensar as construções - e os liceus não foram exceção.

A escola é ampla e tem três andares, com escadarias interiores bem lançadas e largas, que ligam os pisos. O elevador existente no edifício é de construção posterior e destina-se essencialmente a pessoas de mobilidade reduzida. Durante os intervalos o enorme número de estudantes que circula, faz parecer o espaço pequeno.

O corpo docente é numeroso e estável, com bastante experiência científica, o que deveria conferir confiança aos encarregados de educação quando tivessem de escolher uma escola. Contudo, consegue perceber-se em toda aquela população uma quase total ausência de dinamismo espectável naquelas faixas etárias.

Os professores, com o passar dos anos, perderam o *romantismo* inicial das suas carreiras. Embora esse seja um fenómeno estudado<sup>20</sup>, como ali parece não ter significado bastante para se assumir, vamos relembrar aqui os três estádios que, numa visão de 2001, descreviam a evolução da carreira de um professor:

- 1 – O estádio de sobrevivência, ou da fantasia, que geralmente coincide com o início de carreira, e que se singulariza pela necessidade de afirmação do docente, no contacto que mantém com os alunos, com os colegas e com a comunidade educativa;<sup>21</sup>*
- 2 – O estádio da mestria, em que o docente foca o seu esforço no desempenho profissional, na preocupação de ser um “bom” professor, dominando competências inerentes a essa intencionalidade, pelo que procura respostas adequadas para determinadas situações que o ato de ensinar lhe coloca: o número de alunos por turma, a ausência de regras bem definidas de ação, a falta de materiais e*

---

afira diretamente se esta está agrupada ou não ao Agrupamento de Escolas Nuno Gonçalves – 171955. Cf. DGAE/MEC. (acedido em 25 de julho de 2017)

<sup>19</sup> Esta informação foi disponibilizada pelo MEC/DRELVLT [consultado em julho de 2017], disponível em WWW<URL: [http://www.drelvt.minedu.pt/pesquisa/agrupa\\_concelho\\_const.asp?id=171955](http://www.drelvt.minedu.pt/pesquisa/agrupa_concelho_const.asp?id=171955)>.

<sup>20</sup> Cf. Francisco Alves Cordeiro, *A Dimensão Preocupacional dos Professores*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2001, 97 pp. [consultado em agosto de 2017]

<sup>21</sup> Assinale-se desde já que pela estabilidade referida nesta escola e até, em geral, pela modificação de relações no tempo este primeiro estádio deveria considerar-se, no caso, menos representado.

*condições para o exercício do seu trabalho na classe, a falta de tempo para a consecução dos objetivos, ou para a abordagem dos conteúdos;*

- 3 – *O estágio da estabilidade, em que o docente tenta individualizar o ensino, preocupando-se quer com os seus alunos, quer com as suas necessidades e anseios, sejam elas tanto de ordem curricular, como de natureza social e, até familiar.*

Numa escola com alunos pouco motivados, os resultados são sempre inferiores ao desejado e como não conseguem nem transpõem a barreira da apatia, perdidos em aulas monótonas e repetitivas, desejam libertar-se da obrigatoriedade do ensino, justificando em simultâneo o baixo nível de aproveitamento, facilmente comprovado através dos números expressos nos mapas de ranking,<sup>22</sup> das escolas secundárias de Lisboa.

Relativamente às salas onde são ministradas as aulas, apesar de terem mobiliário em número suficiente para a quantidade de alunos, as mesas continuam a ter a disposição tradicional, evitando a desejável cooperação/interação entre docentes e discentes. As paredes estão vazias, sem trabalhos ou projetos que nos indiquem haver partilha, cooperação ou investigação, dentro ou fora da sala. Também mereceu a nossa atenção - como durante o tempo letivo pudemos comprovar - o calor e o frio tornam-se motivo de desconforto para todos (por janelas mal calafetadas). E sabemos que com ambientes adversos a concentração é menor.



Figura 4 - Sala de Aula, Vista Parcial

---

<sup>22</sup> Mapas de Ranking das Escolas Portuguesas – Lisboa:  
<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-12-17-Ranking-2016-mapa-interativo-de-todas-as-escolas-secundarias> (acedido em junho de 2017)



Figura 5 – Sala de Aula, Vista Parcial



Figura 6 - Sala de Aula, Vista Parcial

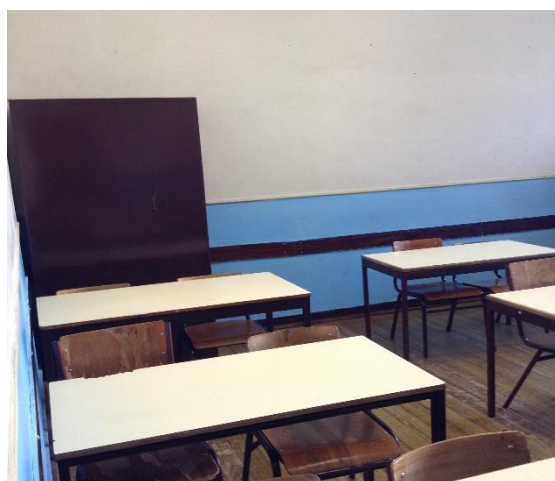


Figura 7 - Sala de Aula, Vista Parcial

Sem querer desmerecer o trabalho que ali se faz e onde - estamos certas - cada um procura fazer o seu melhor, acreditamos que a Escola precisa de ser pensada sob uma nova perspetiva. Não há soluções perfeitas, mas há soluções adequadas e não necessariamente mais onerosas.

Contudo, apesar destes constrangimentos - e esta é uma nota muito positiva - a escola promove esforços acompanhando instituições solidárias ativas na área social



para prevenir e atenuar situações de pobreza e exclusão bem como para fomentar o desenvolvimento social local.



Figura 8 - Contentores de Reciclagem para plástico e cortiça

De facto, na tentativa de uma melhoria da qualidade de vida aos cidadãos, de um modo geral e, particularmente àqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, os bairros confluentes neste espaço de ensino desenvolveram características muito próprias de solidariedade a que a escola nunca procurou subtrair-se. É importante sublinhar, nesta breve caracterização, que o meio social detém uma grande heterogeneidade populacional e diversidade étnica. Essa diversidade produz uma multiculturalidade bastante significativa e potencialmente valiosa, a que a população mais jovem não é indiferente, determinando pela sua forma de integração, atitudes e comportamentos diversos. Assim, a população estudantil que na escola converge constitui uma amostra significativa e manifesta da pluralidade sociocultural que caracteriza as freguesias da Graça, dos Anjos, Arroios e Penha de França.

Ao chegar à Escola Dona Luísa de Gusmão, estávamos longe de perceber a realidade que íamos encontrar e foi surpreendente ver como este estabelecimento de ensino procura conviver com toda a sua “população escolar” dentro dessa diversidade que, se por um lado representa uma mais-valia social, por outro lado também pode ser um marco importante na formação de carácter dos jovens.

## 1.2 A Arte na Escola

Na escola secundária Dona Luísa de Gusmão, a Arte pode ser percecionada em painéis, murais e esculturas dentro de todo o espaço educativo. Arte esta que data dos primórdios da escola e que poderia ter servido de inspiração a todos, alunos e professores, para que ao trabalharem nas mais variadas temáticas pudessem sentir através dessas demonstrações artísticas, as “musas” inspiradoras.

No ano letivo de 2016/2017, numa circunstância temporária e efémera da realização de aulas nesta escola a alunos do 1º. ciclo do Agrupamento de Escolas Nuno Gonçalves, os corredores ganharam nova vida, em resultado da exposição dos trabalhos executados, nos mais diversos suportes materiais, proporcionando a todos momentos de pausa, de cor e boa disposição.



Figura 9 - Programa de arte de alunos de 1º Ciclo (Agrupamento)

Durante os dois anos do mestrado só no Natal, no Carnaval e nas festividades letivas, a escola entrava em alvoroço. Fora desse período, as notícias de atividades, colóquios ou sessões subordinadas a temas sociais ou políticos da atualidade eram sempre organizadas pela Nuno Gonçalves. Nessa altura juntavam-se todos os alunos de todo o Agrupamento e a Biblioteca tornava-se pequena para o evento.

Assinale-se ainda a evidente falta de iniciativas internas de organizações voluntárias e especializadas (clube de História, Matemática, etc.) por iniciativa de professores e alunos.

Nas nossas aulas, procurámos sempre criar nos alunos uma vontade de olhar para o Mundo que os rodeia, mas fazendo-o de um ângulo diferente.

Porque a nossa formação inicial é História da Arte, questionámos os alunos sobre as obras de Arte existentes na Escola, tanto no espaço interior como exterior. Ficámos desiludidas por ninguém saber os autores e procurámos falar sobre as duas peças mais importantes que ali se encontram, num breve apontamento. Fizemos igualmente referência a um painel de azulejo, junto à porta da Sala de Professores, no primeiro piso, que por ter sido feito por alunos da escola na década de 70 do século XX mereceu também ser destacado.



Figura 10 - Painel em azulejo executado por alunos da escola (1970)

À nossa escolha, representamos dois dos artistas que por entendermos merecerem especial referência, inserimos neste Relatório.





Figura 11- Pintura mural de Severo Portela (1898-1985) alusiva à rainha D. Luísa de Gusmão (1558), no átrio de entrada da escola.

O átrio da Escola ostenta um painel decorativo, com assinatura de Severo Portela (1898-1985). Representação da estética escolar vigente nos anos sessenta do século XX, em que autores com obra feita e de bastante prestígio eram chamados para deixar a sua marca em edifícios de cultura. O artista, primeiro escultor e depois pintor, haveria também de deixar obra hoje exposta no Museu da Cidade (Lisboa) e na Fundação Calouste Gulbenkian. Aqui fica a fotografia do painel.



Figura 12 - Painel de azulejo na parede exterior da Escola



Figura 13 - Pormenor do Painel de Azulejo

No exterior, um painel de azulejo com cerca de 30 metros, encima os janelões a norte do edifício, da autoria de Querubim Lapa (1925-2016) que foi um dos mais importantes ceramistas portugueses. Também para este autor, que deixou obra em desenho, pintura, escultura e gravura, estes muros tornam viva a marca indelével do seu espírito, que a escola enuncia: “Aqui constrói-se Educação”.<sup>23</sup>

### 1.3 O programa de História

O programa que a Escola segue é o da reforma curricular de 2001<sup>24</sup>, e encontra-se fundamentado na Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986<sup>25</sup>.

Esta reforma, entre outros aspetos, chama a atenção para a correção das desigualdades do desenvolvimento escolar, pretendendo uma igual forma de acesso, desejando promover a capacidade, o espírito democrático e a igualdade de oportunidades, de todos e para todos. Procura ainda promover a educação de forma humanista caracterizando-se por *contribuir para a realização pessoal e comunitária*

<sup>23</sup>Cf. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Nuno Gonçalves, [http://aenunogoncalves.net/upload/projeto\\_educativo\\_pdf\\_03\\_10\\_2016.pdf](http://aenunogoncalves.net/upload/projeto_educativo_pdf_03_10_2016.pdf) (acedido em julho de 2017)

<sup>24</sup> Cf. Programa de História A – 10º, 11º e 12º ANOS – Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia\\_a\\_10\\_11\\_12.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_a_10_11_12.pdf) (acedido em agosto de 2017)

<sup>25</sup>Cf. Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lei\\_bases\\_do\\_sistema\\_educativo\\_46\\_86.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lei_bases_do_sistema_educativo_46_86.pdf) (acedido em agosto de 2017)

(...) e a formação para o sistema de ocupações socialmente úteis, privilegiando também tempos livres de forma criativa.

A História A; ministrada aos Cursos de Ciências Sociais e Humanas do 10º, 11º e 12º anos, e que integra o tronco comum dos cursos, pretende conseguir, no domínio historiográfico, um mais alargado conhecimento, aprofundando e completando o ensinamento já ministrado a alunos do ciclo anterior, mas reconhecendo que estes, quando no terceiro ciclo, adquirem maior adequação e capacidade cognitiva para tal.

Nesta conformidade, a escola adotou para o 11º ano para o biénio 2015/2017 (quando ali ministramos aulas) os manuais, a saber: Horizonte da História, Vol. I, II, III, de Paula Marinho, ed.alt, da Texto Editora. E para o 12º ano, Linhas da História, Vol. I, II, III, de Alexandra Fortes, ed.alt., da Areal Editores.

#### 1.4 A professora Cooperante

Na fase inicial do estágio, na escola, o primeiro passo foi o contacto com a professora cooperante. Conhecer a escola e posteriormente a assistência às aulas, em abordagens simples, acabaram por valorizar o espaço da nossa atividade.

Foi com a professora cooperante que pudemos viver e vivenciar a escola e, ao acompanhar-nos desde o início, procurou que a nossa adaptação às suas metodologias para o ensino da História fosse um meio para encontrar o nosso caminho para a efetivação das aulas.

Da biografia da professora cooperante destacamos, em pequeno excerto, os aspetos que considerámos de maior relevância<sup>26</sup>.

“Isabel Maria de Araújo Lima Cluny (1957), natural do Porto, é licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, (1980), Mestre em História das Ideias (1997), é doutorada em História e Teoria da Ideias Políticas (2003).

Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária D. Luísa de Gusmão, (1978-2017) foi também orientadora do núcleo de estágio desta mesma escola em: 1993 -1997, 2003-2005, 2015-2017. Conferencista convidada do mestrado de Didática da História pela Faculdade de Letras de Lisboa, 2003-2004, 2004-2005, 2015-2017 em Didática da História. Docente no mestrado de Diplomacia da

---

<sup>26</sup> Cf. *Curriculum Vitae* da professora cooperante (a professora facultou-nos o documento que apresentamos) ANEXO 3.I, p. 71

Universidade Lusófona, curso de ciência Política e Relações Internacionais, 2010-2011 e 2011-2012. Disciplina: História da Diplomacia Portuguesa XII-XXI: Disciplina: Diplomacia e Formação dos Diplomatas no Século XXI.

Com obra publicada, da qual indicamos a título de exemplo, O Tratado de Methuen, 2003, a coordenação do Dicionário do Vintismo e do Primeiro Cartismo (1821-1823 e 1826-1828), 2002, D. Luís da Cunha e a ideia da diplomacia em Portugal, 1999, são apenas alguns dos seus contributos de entre dezenas de publicações.

Foi Comissária Científica da Exposição Inaugural do Museu do Douro – O Barão de Forrester – Razão e Sentimento (1831-1861), Uma História do Douro, 2008; ganhou os prémios da Academia de Portuguesa de História e da Fundação Calouste Gulbenkian com “História da Europa”, 2008. Lecionou, na Universidade Lusófona, a disciplina “A Diplomacia e a Formação Diplomática Portuguesa no Século XX-XXI”, no ano de 2010-2011.”

Com um currículo extenso em áreas de interesse fundamental para o ensino da História, tem da lecionação, uma continuada prática científica.

### 1.5 As turmas que lecionámos

A Escola Dona Luísa de Gusmão tem uma prática letiva de avaliação contínua e foi dentro desse plano escolar que lecionámos História/A às turmas do 11º e 12º ano do curso de Artes e Humanidades.

No primeiro ano do Mestrado 2015-2016, assistimos ao maior número possível de aulas ministradas pela professora cooperante, com a finalidade de caracterizar alunos e turmas, mas também perceber a melhor maneira de lecionar os conteúdos relevantes. Por termos desenvolvido proximidade com os discentes, criámos algumas rotinas que acabaram por ser benéficas para o nosso trabalho futuro.

Com o novo ano letivo 2016-2017, reiniciámos todo o processo, mas agora com novas turmas de 11º e 12º.anos.

Voltámos a assistir a aulas da professora cooperante. Desenvolvemos um novo questionário, procurando maior incidência na vertente académica dos discentes,<sup>27</sup> mas relacionado com o estudo da História que tinham tido até àquela data. Criámos novas

---

<sup>27</sup> Cf. ANEXO 2.IV, p. 69

metodologias com vista à leção, pois os temas desenvolvidos nessas aulas estiveram na razão direta da formulação deste Relatório.

Logo que iniciámos o processo de observação de aulas, verificámos que na turma 12º B havia dois alunos de naturalidade estrangeira (de entre os 25 alunos) com muita dificuldade na compreensão/ expressão da língua portuguesa e que vieram a merecer da nossa parte acompanhamento adequado e especial.

Em termos de comportamento, toda a turma participou sempre que o solicitámos. Tivemos presente para estas turmas – e para qualquer outra – que é essencial a criação de um ambiente assertivo para que respondam ao objetivo: “*Um clima positivo é aquele em que os alunos têm expectativas de que cada um irá dar o seu melhor intelectualmente e se apoiam mutuamente (...)*”<sup>28</sup> – o que verificámos sempre nas nossas aulas.

Para conhecer melhor as dinâmicas de grupo nestas salas de aula, precisaríamos da possibilidade de uma participação mais demorada, mas as boas interações levaram-nos a acreditar que, embora o ambiente ainda fosse condicionado pela professora, teve sempre bons níveis de coesão grupal.

Apesar de não termos tido a oportunidade de experienciar *in loco*, pensamos ser de utilidade explicitar alguns processos Schmuck<sup>29</sup> pois pensamos que estes modelos<sup>30</sup> são sem dúvida bons indicadores para o que desejamos seja expectável num grupo em sala.

1. **Expectativa:** nas salas de aula, as pessoas têm expectativas em relação aos outros e a si própria. Os Schmuck estão interessados no modo como as expectativas se estabelecem ao longo do tempo e influenciam o clima da sala de aula e a aprendizagem.
2. **Liderança:** refere-se à forma como o poder e a influência são exercidos nas turmas e ao seu impacto na interação e coesão do grupo. Os Schmuck veem a liderança como um processo interpessoal mais do que a característica de uma pessoa e encorajam que a liderança seja partilhada nos grupos de sala de aula
3. **Atração:** refere-se ao grau em que as pessoas numa sala de aula tem respeito umas pelas outras e ao modo como os padrões de amizade dentro das turmas afetam o clima de aprendizagem.

---

<sup>28</sup> Richard I. Arends, *Aprender a Ensinar*, Lisboa, MCGRAW-HILL, 1995, p. 112

<sup>29</sup> Patrícia e Richard Schmuck, caracterizaram o modelo que ficou com o seu nome, como um dos elementos fundamentais na gestão da sala de aula pois ajuda o professor a planificar as atividades se a turma funcionar como um grupo coeso. Cf, em Richard I Arends, *Aprender a Ensinar*, Lisboa, McGraw-Hill, p. 112

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, pp. 112 e 113

4. *Coesão: O processo final refere-se aos sentimentos e empenhamento que os alunos e professores têm em relação à turma como um todo.*

Acreditámos ser possível, em cada momento na prática letiva, e perante os nossos alunos, influenciar e reproduzir um resultado dinâmico e positivo. As turmas onde lecionámos apresentaram sempre bons níveis de atenção e resposta, como anteriormente exposto, pelo que damos assim conteúdo ao desiderato expresso da afirmação seguinte:

*Mobilizar grupos na aprendizagem é praticar o diálogo com o rigor metodológico necessário, mas ao professor cabe procurar o diálogo na busca da aprendizagem do ser autónomo, refletindo o ensinar com base na existência de elementos como rigor, ética, pesquisa, risco, aceitação do novo (...).<sup>31</sup>*

---

<sup>31</sup> Rodrigues Júnior, José Florêncio. *Mobilizando o Grupo na Instrução*. APPRIS, Curitiba 2016, pp. 11-12

### **TERCEIRA PARTE – aspetos gerais relativos às Aulas lecionadas**

---

## 1. Ponto de partida

Pretende-se incluir neste ponto, ao abordar a Unidade Didática lecionada, o que pensamos sobre a importância da Arte no processo de aprendizagem da História.

Atendeu-se à proposta do Manual<sup>32</sup> para a leção do módulo 8, unidade 3, “*As transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX*”.

Tendo presente que, nesta unidade, se propõe aos alunos a consideração da importância dos Polos Culturais Anglo Americanos bem como uma reflexão sobre a condição humana nas Artes e nas Letras, pretende-se que desenvolvam competências sobre o progresso científico e a inovação tecnológica então verificados e para os quais contribuíram quer a evolução dos media, com os novos centros de produção cinematográfica, quer o impacto da televisão e da música no quotidiano.

O conhecimento das alterações na estrutura social e nos comportamentos foram ainda objetivos que pretendíamos fossem alcançados ao compreenderem os aspetos da terciarização da sociedade e a gestação de uma nova mentalidade. Com a procura de novos referentes ideológicos emergentes, como a contestação juvenil e a afirmação dos direitos da mulher,<sup>33</sup> é desejável que o sentido crítico e objetividade se desenvolvam, fomentando-lhes uma dimensão ética para as causas universais.

Na impossibilidade de lecionar um módulo completo ao 12º ano, completámos os requisitos obrigatórios de tempo lecionado fazendo-o com uma turma de 11º ano.

Considerámos então a oportunidade de comparar as respostas das duas turmas a uma mesma aproximação metodológica. Assim, atendeu-se também para esta última à proposta do manual<sup>34</sup> constante no módulo 4 sob a epígrafe “*A Construção da Modernidade Europeia*”. Nestas aulas pretendemos que valorizassem o contributo dos progressos do conhecimento, bem como a afirmação da filosofia das Luzes -Iluminismo - dando especial relevo aos factos relacionados com a Corte Portuguesa durante o reinado de D. José I, atendendo à especificidade do tempo (1755 e o terramoto de Lisboa) e à obra do então ministro Marquês de Pombal.

---

<sup>32</sup> José Fortes, Alexandra Fortes, Fátima F. Gomes. *Linhas da História*. Vol. II. Lisboa. 2015, pps. 166/205, Vol. III, pps. 76/101.

<sup>33</sup> *Idem ibidem* (texto a partir do manual)

<sup>34</sup> Paula Marinho, Marília Gago, Alice Costa. *Horizonte da História*. Vol. I. Texto Editora. Lisboa. 2015, pps. 106/145



## 2. A Obra de Arte em contexto de sala de aula

Ao pensarmos em introduzir a Arte como ferramenta pedagógica disponível, para o processo de aprendizagem na útil perspetiva já oportunamente apontada, imediatamente percebemos a essencial importância que em História o documento assume, *pois ele é motivador e adequado a uma participação ativa e eficaz do aluno na aula ao mesmo tempo que realça a importância do facto histórico, ajuda à compreensão de um determinado momento histórico ao mesmo tempo que desenvolve a sua capacidade de análise e síntese.*<sup>35</sup>

Foi necessário estabelecer com a turma, *à priori*, as noções de “Documento”, “História da Arte” e “Crítica da Arte”, para que, ao serem apresentadas as questões com eles relacionadas, pudessem ser entendidas.

Para a leitura dos documentos iconográficos, dissociámos a Crítica da Arte da História da Arte pois, enquanto a primeira revela discursos interpretativos, a segunda revela-se através do método científico que é efetivamente o que se pretende em História. Todavia, para os alunos, é através da crítica da arte que melhor se exprimem pois que esta lhes permite, especulando, desconstruir a imagem. Cabe ao professor mostrar o contributo científico das obras, mobilizando a especulação dos alunos a favor do conteúdo que está a ser trabalhado.

Desfaz-se aqui uma confusão possível. Não se pretende trazer ao ensino da História apenas os documentos que reproduzam por qualquer forma acontecimentos e protagonistas históricos. Sem dispensar estes, o que se pretende é trazer a Arte como representação do contexto em que a História se desenvolveu e como expressão variada, mas sentida, dos que a viveram. Sabemos que nem todas as imagens podem ter o mesmo teor informativo, mas essa questão acaba por ser um aliciante para o seu estudo se estivermos certos de oferecer as que sejam cientificamente determinantes e com carácter descritivo e motivador.

Como o tema que nos foi dado lecionar é bastante rico em obras de arte coetâneas, não só permitiu aos alunos tomar contato com arte contemporânea de referência, como lhes permitiu compreender de uma forma mais consciente o tempo

---

<sup>35</sup> Miguel Corrêa Monteiro. *Didática da História-Teorização e Prática*, Lisboa, Plátano Editora, 2001, pp. 117-8

que vivem, sendo tarefa do professor manter o já referido rigor científico na escolha para que, sem polarização ideológica esta se torne significativa.

É importante que o aluno perceba o que vê para poder integrar a obra no tempo em que foi executada, já que essa interpretação corre sempre o risco de ser percebida à luz da contemporaneidade tirando-lhe dimensão e sentido. Na impossibilidade de sairmos da sala, recorreremos à ferramenta mais usual nestas situações que foi a de apresentar reproduções através da exploração de ficheiros on-line e projetados em PowerPoint (Ppt).

Considera-se que o acompanhamento da narrativa histórica com apresentação artística conexa, no sentido amplo anteriormente afirmado é algo que de forma relativamente simples, acessível e inclusive economicamente atrativa, poderia e deveria ser prosseguida com todo o valor didático que lhe podemos encontrar.

Atinge-se assim um duplo objetivo pela História e pela Arte e não ficaremos necessariamente limitados a uma relação biunívoca entre o facto histórico e a correspondente representação artística como se fosse uma imagem do evento.

Igualmente se realçam outras formas de expressão como são a fotografia, imagem, incluindo o cartune, cinema, literatura, poesia e mesmo a música.

### 3. As planificações<sup>36</sup>

A planificação é uma necessidade decorrente da conceção do processo didático. Por essa razão, podemos afirmar desde logo que a planificação é o melhor auxiliar do professor na estrutura e posterior condução das aulas por forma a desenvolver capacidades e competências nos seus alunos.

*O professor ao planificar deverá ter sempre em atenção o currículo da disciplina, as características dos alunos, as condições de contexto da escola e ainda as estratégias a adotar. A planificação deve ter sempre subjacente os objetivos a atingir, conteúdos, atividades e projetos.*<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Durante todo o período de estágio curricular só foram necessárias planificações de curto prazo, pelo facto do programa de História, estar determinado pela escola, embora subjacente ao programa curricular oficial.

<sup>37</sup> Miguel Corrêa Monteiro. *Didática da História-Teorização e Prática*, Lisboa, Plátano Editora, 2001, p. 33

Além disso, no estabelecimento da planificação, o professor deverá planejar bem os momentos da aula, para que, como já referido, a exposição obedeça a uma lógica coerente, que siga um perfil animador, desmobilizando a dispersão na audiência, aumentando a atratividade e fazendo surgir as condições de aprendizagem, que se podem dividir em sete fases oportunamente citadas.

Assim, sistematizadas em três tipos, as planificações são de longo, médio e curto prazo. As de longo prazo visam no essencial organizar os esquemas conceptuais. A planificação de médio prazo deve ter atenção os pré-requisitos e os objetivos gerais da disciplina. A ação de curto prazo, é a planificação da unidade didática com toda a sua especificidade: conteúdos organizados, estratégias, recursos, avaliação e demais instrumentos necessários para uma boa prossecução de um tempo letivo.

Em todos estes processos devemos sempre ter uma visão abrangente nunca perdendo de vista o pensamento de Maria Cândida Proença:

*“Uma planificação nunca deve ser tão rígida que não permita ajustamentos pontuais, de acordo com os interesses dos alunos ou determinadas condições especiais”<sup>38</sup>.*

Uma vez mais, na nossa prática letiva não foi necessário ir além das planificações curto prazo pelo facto de não termos lecionado nenhum módulo completo.

#### 4. Avaliação

##### 4.1 O que significa avaliar?

*“A avaliação é um processo que permite ao professor reconhecer se os objetivos educacionais que previamente definiu foram ou não atingidos pelos alunos”<sup>39</sup>.*

Ao falar em avaliação temos de falar em propósitos e modelos de referência. Assim, a avaliação sumativa e a avaliação formativa são os processos de avaliação que nunca são uma medida, mas uma construção sobre um desempenho. Sem duvida é um processo de tomada de decisão, de diálogo e de construção social.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Maria Cândida Proença. *Didática da História*. Lisboa, Universidade Aberta. 1989. pp 176/181

<sup>39</sup> Miguel Maria Corrêa Monteiro *Didática da História*. Lisboa. Plátano Editora 2001, p. 119

<sup>40</sup> Leonor Santos & Jorge Pinto (na época ainda no prelo). Ensino de Conteúdos Escolares: A Avaliação como Fator Estruturante. In F. H. Veiga (org.) *O Ensino numa Escola para Todos: Teoria, Investigação e Aplicação*. Lisboa: Climepsi Editores, (pp. 1-41).

Os critérios de avaliação devidamente explicitados são da maior importância nesse processo, pois avaliar as aprendizagens varia conforme o propósito, seja ele de natureza pedagógica (e aí estamos a referir a avaliação formativa), ou de natureza administrativa (e aí estamos a referir a avaliação sumativa).

## 4.2 Tipos de avaliação

### 4.2.1 Avaliação formativa

A avaliação formativa utiliza processos que não permitem ao professor aceder a uma informação igual para todos os alunos, recusando processos formais, que colocam todos os alunos numa posição de idêntica e simultânea solicitação. Esses processos informais desenham-se como não sistemáticos, não necessariamente coletivos e não temporalmente centrados. Sendo, pois, uma designação abrangente, por poder solicitar práticas diversas, usa os percebimentos correspondentes para localizar o estado do aluno, permitindo a adoção de medidas para uma melhor condução da aprendizagem.

Adquire por isso uma dimensão pedagógica que resulta dos contributos quer do professor, quer do aluno, quer de ambos, concorrendo para um desenvolvimento temporal que acompanha o processo de ensino-aprendizagem.

### 4.2.2 Avaliação sumativa

O que se pretende com a avaliação sumativa? Quais os tempos do professor, quais os materiais de que dispõe?

O processo mais comum de avaliação é o teste escrito. Dessa forma é preciso saber o que se pretende avaliar, quais os conteúdos lecionados, qual a importância desses conteúdos e as expectativas correspondentes. Ao aplicar os instrumentos de avaliação - aplicabilidade, validade e fidelidade - as estratégias de adequação precisam ser conhecidas *à priori* pelo professor e os alunos, nomeadamente as escalas de classificação quantitativa e qualitativa.

#### 4.3 Porquê avaliar?

A avaliação é um conceito que tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, especialmente após os anos sessenta do século XX. Atualmente, é entendida como parte de um processo de construção social, ao abranger um grande conjunto de tarefas que antes excluía, como por exemplo as relacionadas com o quotidiano. Tem como ponto de partida a tomada de decisão, uma vez que só por este processo consegue atingir um resultado que deriva da recolha e seleção de evidências que permitem o confronto entre os diversos trabalhos realizados pelos alunos e pelo próprio modelo de referência do professor.

O modelo adotado pelo professor emerge de um conjunto de intenções que este tem sobre a sua turma e na qual baseia o seu ato educativo. Define assim normas e critérios de avaliação pelos quais conduzirá o seu trabalho. Acreditamos que uma maior explicitação desses critérios aos alunos permeia e favorece o sucesso escolar - uma vez que, com a definição objetiva do que se pretende, é mais significativa a compreensão para resultado final da aprendizagem.

Relativamente a este ponto<sup>41</sup> não é possível apresentar resultados pois não tivemos possibilidade de colocar em ação os conhecimentos oportunamente aprendidos. Na escola, durante o estágio, não pudemos proceder a qualquer avaliação sumativa, muito embora conseguíssemos promover a avaliação formativa durante as aulas ministradas, não correspondendo esse tempo a matéria suficiente para tirar quaisquer ilações sobre essa prática.

---

<sup>41</sup> A temática da Avaliação não recebeu neste ponto maior desenvolvimento pelo facto de não termos tido oportunidade de a praticar em sala de aula. Todavia, foi amplamente desenvolvida num trabalho apresentado em sede de Processo Educativo, no Instituto de Educação, num exercício crítico sobre o capítulo correspondente, em livro coordenado pelo professor Feliciano Veiga e que ao tempo, estava no prelo.

## **QUARTA PARTE – As aulas lecionadas**

---

## 1. As Aulas

Vamos agora proceder ao ponto que destinámos à nossa experiência letiva bem como todo o processo que a envolveu, relativamente à seleção de materiais, planificação dos conteúdos e operacionalização.

Quanto à descrição das aulas, escolhemos criar um módulo tabular que melhor sistematizasse a correspondente informação.

Quanto às planificações poderão ser consultadas nos anexos que se encontram referidos *infra*.

### 1.1 Primeira Aula<sup>42</sup>

<b>AULA nº 1/2 (100m)</b>	<b>Ano Letivo 2016/2017</b>
<b>12º. B - Sala: 314</b>	<b>Hora: 10:10h – 11:50h</b>
<b>PLANIFICAÇÃO</b>	
A planificação de curto prazo referente a esta aula encontra-se no Anexo I / pg. 13/4	
<b>DESCRIÇÃO DA AULA:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentámo-nos aos alunos e falámos do nosso propósito profissional e da necessidade, neste momento, do nosso percurso académico passar pela leção na Escola;</li> <li>• Pedimos para os discentes se apresentarem e falarem um pouco do seu futuro académico a seguir;</li> <li>• Logo depois, apresentámos o plano geral das aulas que iríamos lecionar, as próximas quatro, e como o pretendíamos fazer, apresentando oralmente matérias e recursos, solicitando que referissem o seu ponto de vista quanto a esta metodologia;</li> <li>• Inicialmente foi difícil a interação, mas aos poucos a turma foi-se descontraindo e participando;</li> <li>• Falámos das obras de Arte que existem na Escola, painéis e murais, bem como dos seus autores, embora de uma forma breve.</li> </ul>	

<sup>42</sup>Manual de História/A, Alexandra Fortes, Fátima Gomes, José Fortes. *Linhas da História*, História/A 12º. Ano. Vol. I. Areal. Lisboa. pps. 166-186

- Questionámos oralmente como definiriam a Arte e ficámos surpreendidas pela forma interessante como cada um o fez.
- Passado esse primeiro momento, que considerámos muito importante, não só pela ênfase que acabámos por colocar na Arte como disciplina associada ao estudo da História, mas também pelo facto da interação havida poder significar um impulso dinâmico no sentido de futuras aprendizagens.
- Seguidamente colocámos algumas questões sobre temas já estudados pelos alunos, para criar pontos de contacto com o que vamos falar.

O tema das aulas centrou-se na temática titulada: *Portugal e o Mundo da Segunda Guerra Mundial ao Início da Década de 80 – Opções internas e contexto Internacional*, constante do manual oficial, já referido e constante do Módulo 8 e Unidade 3, criámos um objetivo para as três aulas a lecionar, caracterizar as transformações culturais e de mentalidade ocorridas no período em estudo, reconhecendo o impacto no quotidiano da inovação científica e tecnológica e da pressão dos média.

Como a segunda guerra foi determinante para que as Artes e a Letras tivessem substituído o arco europeu Paris-Berlim, pelo eixo Nova Iorque-Londres e como os horrores do conflito acabaram por ser motivo de profunda reflexão sobre a essência humana, assistiu-se a uma mudança profunda em conceitos e comportamentos. Sem dúvida um campo preferencial para no espaço letivo darmos razão ao tema central do nosso Relatório: A Arte no Processo de Aprendizagem da História.

- Começamos por identificar os novos centros culturais e referir o papel das Artes e das Letras, depois da 2ª. Guerra Mundial. Contextualizamos o surgimento das correntes da Arte e falámos de uma forma geral da abstração e o que a mesma era capaz de transmitir, através da cor e da espontaneidade do artista.
- A denominação “Expressionismo Abstrato” foi explicação pela definição do conceito, bem como a Pop Art.
- A propósito demos a conhecer as obras de Pollock, Kooning e Rothko, inserindo-as no tempo e no espaço próprio e colocando à consideração dos alunos, uma obra de cada um destes artistas, chamando a esse tempo o nosso momento de as conhecer



e criticar. Começámos com o visionamento de um pequeno filme sobre “*Action Painting*” (técnica de pintura utilizada por Pollock)<sup>43</sup>. Logo de seguida fizemos um comentário ao documentário.

- Passámos de seguida à caracterização das obras de **Pollock**



Quadro 1 - J. Pollock, *Convergência* (1952), Óleo s/ Tela, (140x180cms), MoMa-USA

Um dos trabalhos de Jackson Pollock (1912-1956), pintor, foi *Convergência* (1952), Tela trabalhada aleatoriamente, utilizando todas as cores que ao serem salpicadas evocavam emoções. Com as pinceladas, o artista conseguiu fazer uso de cores, linhas, texturas, luzes e formas contrastantes. Este desenvolvimento foi inovador para a história da pintura e o trabalho *Convergência* foi a personificação da liberdade de expressão pois o artista fazia guerra às restrições e opressões sociais.

- Foi lido e interpretado o documento 2) do manual seguido da resposta ao questionário, na p. 171

<sup>43</sup> Visionamento de um pequeno documentário sobre *Action Painting* (Acedido em março de 2017) [https://www.youtube.com/watch?v=X3Uj\\_HAAvbk](https://www.youtube.com/watch?v=X3Uj_HAAvbk)

De seguida caracterizámos o pintor Willem de Kooning



Quadro 2 - W. Kooning, *Woman* (1950/2), grafite giz de cera, pastel e tinta de óleo sobre tela, (192x147cm), MoMa-USA

Na década de 1940, com o mundo envolvido na Segunda Guerra Mundial e o centro da criatividade a deslocar-se de Paris para a cidade de Nova York, Kooning era ao tempo um artista já consagrado.

Embora ele trabalhasse explorando formas biomórficas ou formas reduzidas – retornava sempre que possível à figura feminina e este trabalho representa uma figura composta por uma amálgama de pinceladas, mas que, apesar disso ela parece pressionada contra a superfície da pintura.

Quando começou a pintar esta tela, a abstração era dominante na arte americana. E artistas e críticos declaravam que a figura humana era um assunto obsoleto. Muitos de seus pares viram *Mulher*, como uma traição, uma regressão de volta a uma tradição ultrapassada. A pintura também o sujeitou a acusações de misoginia, já que os espectadores perceberam sua representação de seu sujeito feminino como ameaçador e violento. Contudo, para Kooning, esta era uma oportunidade para experimentar os métodos abrangentes de aplicação de tinta em tela. No fundo a sua subversão do real. Demorou dois anos a completar a obra.

Ao abordarmos Mark Rothko a experiência foi idêntica para os alunos. Uma mancha de cor que representa?



Quadro 3 - Mark Rothko, *Sem Título (Violet, Black, Orange, Yellow on White and Red)* 1949, Óleo s/Tela (207x167.6cm), Museu Guggenheim - NY, USA

Com pinturas como a que aqui se apresenta (*Violet, Black, Orange, Yellow on White e Red*), o artista atingiu a sua maturidade plena. Nos anos seguintes e pelo menos durante cerca de duas décadas, ele exploraria o potencial expressivo de campos retangulares empilhados de cores luminosas. Como outros artistas da escola de Nova York, Rothko usou meios abstratos para expressar as emoções humanas universais, lutando ardentemente para criar uma arte de intensidade inspiradora para um mundo secular. Morreu prematuramente.

Mas a aula ainda tinha mais um trabalho para compreender toda a problemática expressionista e o seu tempo.

Mas a maior parte da aula foi dedicada à tela de Richard Hamilton “*Just what is it that makes today’s homes so different so apeling*” (1956), trabalho que haveria de ser um símbolo de crítica social, na época. Procurámos que os alunos entendessem que era possível, recorrendo a uma única obra de Arte, interpretar a realidade da época, justificando assim o objetivo que pretendíamos alcançar.

Assim, com o trabalho de Hamilton, construída para o catálogo de uma exposição na Europa, Londres, o artista demonstra-nos através da colagem a sua perspetiva de “modernidade” e do que pode fazer a “massificação social” aos comportamentos,

como sucedeu, primeiro nos anos 30 e depois nos anos 50 e 60 do século XX. Atitudes que abraçaram a Europa e a América durante largas décadas.



Quadro 4 - Richard Hamilton, *Just what was it that made yesterday's homes so different, so appealing?* (1956), Colagem s/Tela (26x25cm), Tate Galleries, London, UK

A colagem, consiste na junção de imagens recortadas de revistas e, neste caso concreto, revistas americanas. Neste trabalho o artista pretendeu mostrar-nos o protótipo de uma sala de estar, em que os anúncios das revistas, de decoração e de moda, foram magistralmente utilizados para afirmar a realidade.

O título é retirado de um anúncio: "O que é o que faz as casas de hoje tão diferentes, tão atraentes? e nesta tela podemos ver: um senhor "musculado" que é o vencedor de um concurso de Mister Músculos em 1954 e a fotografia foi retirada de uma revista masculina; pode ainda ver-se na mão do atleta(?) um lollipop (espécie de rebuçado muito em voga na altura); a rapariga no sofá, representa uma certa mulher moderna; a imagem da televisão foi retirada de uma revista onde se anunciavam eletrodomésticos, bem como o aspirador; a imagem fotográfica do planeta, fecha o topo/teto, do trabalho. O jornal na cadeira é uma cópia do "The Journal of Commerce" e o gravador é um modelo inglês. O que se avista através da janela é uma fotografia amplamente reproduzida do exterior de um cinema que mostra a estreia do

filme "The Jazz Singer", cujo artista principal era Al Jolson, artista que ficou conhecido como o branco mais preto da América por ser branco e pintar-se de negro para atuar.

Hamilton ao participar naquela exposição com este trabalho respondia ao curador que pretendia que os artistas criassem zonas que projetasse a sua visão do futuro.

Ainda falámos da PopArt e recorremos às imagens do Ppt, sobre o trabalho de Roy Lichtenstein e Andy Warhol como principais intérpretes. Foram observadas as três ideias que marcaram o sentido estético deste movimento: o seu carácter popular, a apropriação das temáticas da sociedade de consumo e ainda, a reprodução de imagens que refletiam a necessidade da juventude e *glamour*.

- Os alunos ainda procederam à leitura do documento 7) da página 175 do manual e responderam à questão: refira o novo sentido estético procurado pela PopArt.
- Tendo terminado a aula no tempo oficial, autorizamos os alunos a sair.

**Recursos:** manual escolar, apresentação multimédia de filme e projeção em Ppt

**Comentário crítico:** em termos gerais a aula decorreu num clima agradável e os alunos mostraram-se atentos, ativos e participativos. Fizeram todas as tarefas que solicitámos e a apreciação crítica desenvolveu aceso debate entre os alunos, mas sempre com um bom ambiente entre eles.

A nota mais importante desta aula foi o facto de terem gostado da ideia de aprender História com recurso à Arte, como acabámos de demonstrar.

Os alunos, quando olhavam para uma obra de Arte nem sempre percecionavam o manancial informático que ali estava, bem como o seu verdadeiro significado. Contudo, estamos certas que a partir de agora os discentes terão sempre mais curiosidade ao observar qualquer objeto artístico. Quando saíram da aula perguntaram se as próximas sessões também seriam assim e quando respondemos afirmativamente, sorriram e disseram – Que bom!

TABELA DE CONCEITOS		
CONCEITO	DEFINIÇÃO	AULA Nº 1
Expressionismo Abstrato	Designa a forma de expressão artística desenvolvida por vários artistas, sobretudo em NY que favorece a abstração e a emoção na pintura, seja através de uma pintura gestual ou por meio da exploração da mancha de cor. Reflete a emoção e a interioridade do artista.	
Pop art	Designa o movimento artístico que surgiu em meados da década de 50 e que tem nos EUA o seu polo principal. Inspira-se no homem moderno e na cultura de massas, transportando para a obra de arte os objetos e as figuras associadas a sociedade de consumo.	

## 1.2 Segunda Aula

<b>AULA nº 3/4 (100m)</b>	<b>Ano Letivo: 2016/2017</b>
<b>12º. B - Sala: 308</b>	<b>Horário: 10:10h – 11:50h</b>
<b>PLANIFICAÇÃO</b>	
A planificação de curto prazo referente a esta aula encontra-se no Anexo I / pg. 15	
<b>DESCRIÇÃO DA AULA</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Começámos a aula por ditar o sumário e fazer uma breve revisão à matéria lecionada no dia anterior. Por não haver dúvidas iniciámos um dos temas desta segunda aula: <i>A Arte Conceptual</i>.</li> <li>• Os alunos leram o documento 9 do manual e responderam à questão proposta, mas revelaram muitas dúvidas sobre a definição do conceito e a sua representação, pelo</li> </ul>	



que recorreremos às obras de arte de Magritte, Duchamps e Dali, e com as quais, mais uma vez, obtivemos melhores resultados.



Quadro 5 - René Magritte, "The Treachery of Images" 1929, Óleo s/Tela (63,5 x 93,98cm) - Los Angeles County Museum of Art - LA, USA

René Magritte, foi um artista que encontrou uma maneira de pintar que era muito própria. Com a propagação do modernismo na Bélgica, de onde era natural, no início da década de 1920 foi influenciado pelo futurismo italiano, o cubismo e o início da arte abstrata. Em 1925, encontrou o seu verdadeiro lugar e conseguiu encontrar a sua forma de expressão muito individual.

Apresentámos aos nossos alunos a sua obra "*Ceci n'est pas une pipe*"<sup>44</sup> ou "A Traição das Imagens". Com este exemplo o autor pretendia dizer-nos que a imagem de um objeto não deve ser confundida com algo real, levando-nos a questionar os conceitos de representação. O quadro pode ser visto como um desafio à ordem social e um ataque à maneira de ver e de pensar.

<sup>44</sup> Esta obra de René Magritte. (1898-1967) "*A Traição das Imagens*", 1928-9, é um óleo sobre tela, 60 cm x 81 cm., e pode ser apreciada em County Museum of Art, Los Angeles. Para o Ppt utilizado recorreremos à página <http://collections.lacma.org/node/239578>. (Acedido em março de 2017)

De igual modo nos referimos aos trabalhos de Duchamps, com a "A Fonte"<sup>45</sup>, e a Dali<sup>46</sup> com "A persistência da Memória", apresentando as imagens em Ppt e levando os alunos a entender o seu significado, ligando as imagens aos conceitos anteriormente apresentados.

- Passamos em seguida para o tema do Existencialismo e começamos por definir o conceito. Logo surgiram muitas dúvidas e optámos por ler os textos do manual (documento 10, p. 178), que abordam, através de excertos de obras de vários escritores existencialistas, esta temática de uma forma mais clara.
- Apresentámos em seguida um documentário sobre Jean Paul Sartre (como aconselhado no manual) e demos relevo a Simone de Beauvoir.
- Por terem surgido muitas interrogações promovemos um debate na turma, que pelo tempo despendido, acabou por tornar impossível finalizar os conteúdos descritos no sumário da aula.

**Recursos:** manual escolar, projeção de filme e Ppt

**Comentário crítico:** temos notado que as aulas, apesar de apresentarem dificuldades tanto da explanação como da compreensão dos alunos, têm sido gratificantes pelo ambiente desenvolvido.

Sempre que possível adotámos estratégias mais perto da realidade para que o conteúdo científico se tornasse mais fácil e fomos solicitando pequenos trabalhos para desenvolver na aula, permitindo assim o trabalho em grupo ou com o colega da mesma mesa. Essa metodologia acabou por se tornar valiosa na prossecução e apreensão dos conceitos mais importantes porque ao aliviarmos a tensão natural, sempre existente em aulas de 100m, captávamos de novo a atenção.

Lecionávamos todos os dias matérias novas, porque a prática do docente consubstanciava-se nesse formato, mas para não nos afastarmos dos conteúdos,

<sup>45</sup>Esta obra de Marcel Duchamps (1889 - 1968). "A Fonte" é um trabalho apresentado em 1917, Urinol de cerâmica, com as dimensões 61 cm x 36 cm x 48 cm, e pode ser apreciado na Coleção Janis Sidney, em NY, USA (a peça original está perdida). Para o Ppt. acedemos à página em março de 2017) <https://egonturci.wordpress.com/2012/09/10/a-fonte/>

<sup>46</sup> Esta obra de Salvador Dali (1904-1989), "A Persistência da Memória", 1931, é um óleo sobre tela, 24X33cm, pode ser apreciado no Museu MoMa em NY, USA. A imagem para o Ppt foi cedida em março de 2017 em <https://www.moma.org/collection/works/79018>



procurámos sempre ministrá-la de uma forma apelativa. Objetivo que, infelizmente, nem sempre foi conseguido.

TABELA DE CONCEITOS		
CONCEITO	DEFINIÇÃO	AULA Nº 2
Arte Conceitual ou Conceptual	Designa a teoria e a expressão artística que se desenvolveu a partir de meados da década de 60. Questionou os princípios tradicionais da Arte e valorizou a ideia e o conceito na criação artística e desvalorizou a importância do objeto.	
Existencialismo	Movimento filosófico que defende que o indivíduo age, por si, e pode transformar a sua existência, através das suas ações.	

### 1.3 Terceira Aula

<b>AULA Nº 5/6 (100m)</b>	<b>Ano Letivo: 2016/2017</b>
<b>12º B - Sala: 209</b>	<b>Horário: 10:10h – 11:50h</b>
<b>PLANIFICAÇÃO</b> A planificação de curto prazo referente a esta aula encontra-se no Anexo I / pg. 16	
<b>DESCRIÇÃO DA AULA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciámos uma nova aula com o sumário e como sempre, procurámos saber se havia dúvidas sobre a matéria anterior. Como a resposta foi negativa avançámos com o tema que tinha ficado por falar e que o sumário da aula anterior enunciava.</li> <li>• A Inovação Tecnológica foi o tema que pudemos colar com a física nuclear, as bombas atómicas da Segunda Guerra e a partir daí falar no incrível e acelerado desenvolvimento dos anos 50, 60, 70 e seguintes.</li> </ul> <p>Esse tempo que trouxe ao nosso quotidiano a revolução tecnológica em campos tão importantes como a medicina, a eletrónica e demais inovações, ajudou-nos a desenvolver assuntos como o aparecimento da pílula e o seu contributo para a</p>	

emancipação feminina, o primeiro transplante cardíaco (1967) e o bebé-proveta (1978).

Tanto desenvolvimento na ciência não podia deixar de contaminar as Artes, sendo o cinema, e os novos centros de produção, os primeiros a entender as transformações sociais. A *Nouvelle Vague* em França ou o cinema *Neorrealista* em Itália, não esquecendo o sentido da existência captado pelo cinema sueco ou a exploração em imagem do respeito pelo indivíduo, no Japão determinaram novos padrões, diferentes dos já conhecidos nos EUA, produzidos em Hollywood. Falávamos de filmes e de realizadores e a razão pela qual o mundo estava em mudança.

- Não foi difícil passar para a televisão e aí, fomos buscar às nossas memórias do estudado em História, especialmente o que se passou nos anos 30/40, quando houve a massificação da cultura na América. Esse período haveria de dar lugar a uma maior expansão da televisão nos anos 50 nos EUA e na Europa nos anos 60.
- Responsável pela uniformização de padrões culturais, por aproximar o campo da cidade, pela divulgação de marcas e produtos bem como pela nova perspetiva de entretenimento.
- A mediatização do debate político e o confronto quase “ao vivo” de situações de guerra moldaram opiniões, levando multidões para a rua.
- Entendemos como importante a análise crítica do documento 1) da página 185 do manual, por se apresentarem dois gráficos, um sobre a importância da televisão e o outro uma grelha sobre a problemática da venda de aparelhos, com a tabela de incidência económica ao longo dos anos.
- Pedimos para lerem e interpretarem o documento 2) da página 185 do manual.
- Avançámos depois para o tema da música dos anos sessenta. Houve uma reação agradável porque apesar de serem muito jovens sabiam e conheciam alguns intérpretes, pelo menos os mais icónicos dos anos 60.
- Foi visionado um pequeno filme sobre a história do rock ‘n’ roll e em seguida foram convidados a pronunciar-se criticamente sobre o filme. Propusemos que conseguissem identificar algumas diferenças entre a música americana e a europeia, e foram apontados casos particulares, como por exemplo, a singularidade da música inglesa.

A música que acompanhou a contestação dos anos 60, a contracultura, os hippies e a afirmação de um novo conceito de juventude foram amplamente discutidos através da leitura e interpretação do documento 4) da página 190 do manual.

A propósito da música explicámos que a definição atual das Artes já não contempla só as 7 artes, mas 11, o que passámos a demonstrar, primeiro no quadro e depois apresentando a imagem do Ppt.

- Assim transitámos para a hegemonia dos hábitos socioculturais norte americanos, Já que a América dos anos 20, acabou por atravessar o atlântico e “americanizar” a Europa. Essa “liderança” ficou conhecida como o “way of life” americano
- Pedimos a leitura e interpretação do documento 5) do manual, da página 191, onde se complementa a informação dada.
- Acabamos a aula pedindo aos alunos que procedessem ao preenchimento de um questionário que elaborámos no sentido de ficarmos a conhecer um pouco melhor a turma e os alunos.
- Como, entretanto, acabou o tempo letivo, saíram com a indicação de no dia seguinte o trazerem preenchido.

**Recursos:** quadro, manual escolar e projeção em Ppt

**Comentário crítico:** A aula hoje foi muito animada porque o tema central foi a música dos anos 60 e os alunos mostraram ter um conhecimento alargado sobre esse período. Apesar de haver documentos para ler e interpretar e demasiada exposição de conteúdos, houve tempo para falar de música, dos intérpretes como Beatles, Rolling Stones e Bob Dylan, tendo este último motivado grande discussão entre os alunos, pelo facto de nem todos estarem de acordo pelo cantautor ter sido agraciado com o prémio Nobel da Literatura.

Falar de todo o período e contextualiza-lo foi interessante do nosso ponto de vista, porque durante esta estratégia procurou-se valorizar a expressão oral dos alunos e eles corresponderam ao que era esperado.

TABELA DE CONCEITOS		
CONCEITO	DEFINIÇÃO	AULA Nº 3
Neorrealismo	Corrente artística de meados do século XX, com um carácter ideológico marcadamente marxista, que teve ramificações em várias formas de arte literatura, pintura e música e que atingiu o seu expoente máximo no Cinema Neorrealista	
<i>Nouvelle vague</i>	Movimento artístico do cinema francês que se insere no movimento contestatório próprio dos anos sessenta.	

#### 1.4 Quarta Aula

<b>AULA Nº 7 (50m)</b>	<b>Ano Letivo 2016/2017</b>
<b>12º B - Sala:</b>	<b>Horário 11:00h – 12:50h</b>
<b>PLANIFICAÇÃO</b> A planificação de curto prazo desta aula não foi executada por ser uma aula de revisões	
<b>DESCRIÇÃO DA AULA</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começámos a aula por escrever o Sumário. Como houve um novo elemento na sala para assistir ao tempo letivo, no caso o nosso orientador de estágio<sup>47</sup>, apresentámos brevemente o Professor Miguel Monteiro à turma, explicando a razão da sua presença.</li> <li>• Durante a última aula com esta turma, conforme o sumário, estávamos preparadas para falar das Alterações na Estrutura Social e nos Comportamentos, mas quando questionámos os alunos sobre dúvidas existentes acerca da matéria lecionada esta semana, responderam que precisavam de rever alguns pontos da matéria da Arte e da última aula, o que passámos a fazer.</li> </ul>	

<sup>47</sup> Este é um procedimento habitual quando estamos na fase de leção das aulas que vão constar do Relatório de Prática de Ensino Supervisionada. No nosso caso foi o Professor Doutor Miguel Monteiro.

- Voltámos aos Ppt anteriormente apresentados e às questões e exposições feitas, e, por ser uma aula de 50 minutos, pouco mais pudemos fazer, ficando a matéria em falta, para uma próxima aula, logo aprazada com a professora cooperante.

**Recursos:** manual escolar, e projeção em Ppt

**Comentário Crítico:** A aula hoje foi diferente. O nosso professor orientador foi assistir. Como foi uma aula pequena, de 50m, não conseguimos acabar o tema proposto, porque os alunos tiveram necessidade de rever algumas matérias anteriormente lecionadas.

Os discentes, como sempre, estiveram muito bem tanto no que se refere às dúvidas apresentadas e temas propostos, como na resposta às nossas questões sobre os mesmos. Foi importante e interessante do ponto de vista pedagógico os alunos terem tomado a iniciativa de fazer essas revisões.

Acabámos por não cumprir o sumário da aula, mas sem dúvida criámos condições para que a futura aula seja, de exposição, mas com a compreensão necessária para aprender novas matérias.

No final da aula ainda combinámos com a cooperante acabar os tópicos em falta, se possível no decorrer da próxima semana, durante um tempo letivo da professora, (100m), questão com a qual desde logo concordou.

Quanto ao nosso desempenho durante a aula, houve alguma falta do controle do tempo, porque acabámos a aula em cima do toque de saída. Esta é uma questão a ter em atenção no futuro.

### 1.5 Quinta Aula

<b>AULA n.º. 8/9 (100m)</b>	<b>Ano letivo 2016/2017</b>
<b>12º B - Sala: 304</b>	<b>Hora: 10:10h/11:50h</b>
<b>PLANIFICAÇÃO</b>	
A planificação de curto prazo referente a esta aula encontra-se no Anexo I / pg. 17/8/9	
<b>DESCRIÇÃO DA AULA</b>	
Hoje vamos lecionar a nossa última aula na escola. Como não conseguimos acabar os conteúdos programáticos por razões anteriormente expostas, tomámos um tempo	

letivo completo (100m), da professora cooperante. Assim, vamos hoje tratar das Alterações na Estrutura Social e nos Comportamentos.

Ao iniciamos a aula a falar da terciarização da sociedade, questionámos os alunos sobre o seu significado. Houve algumas respostas corretas, o que nos agradou, mas também algumas incorreções que passámos imediatamente a explicar.

- Analisámos o quadro do documento 1 e 2 do manual, pág. 192 o que permitiu desde logo perceber qual o principal motivo da alteração nas estruturas sociais. Foram apontadas razões para as mudanças que se operaram a partir dos anos 60, contribuindo as mesmas para o declínio do campesinato, provocando uma alteração na composição social bem como no peso de vários setores de atividade. Aproximou-se assim a gestação de uma nova mentalidade com a procura de novos referentes ideológicos.
- Referimos as preocupações ambientais, definimos ecologia e aproveitámos para pedir aos alunos para falarem sobre o que hoje, para eles, significam as preocupações ambientais.
- Preencheram na aula um pequeno questionário sobre o tema<sup>48a</sup> que se seguiu um pequeno debate. Relembrámos que as questões ambientais estão sempre ligadas à política, à economia e ao social e essa é uma questão que não podemos esquecer
- Os alunos leram o documento 4) do manual, da página 196 e responderam às perguntas relacionadas com o mesmo.
- Em seguida visualizaram o documentário sobre os “Hippies” (aconselhado pelo manual) que havia de gerar alguma controvérsia.

Sobre a contestação juvenil, a contracultura e o inconformismo da juventude os discentes analisaram o cartune e a fotografia que o manual apresenta e identificaram as mensagens veiculadas pelos mesmos.

- Para os direitos da mulher, pedimos a leitura, em silêncio dos Doc. 6 e 7 da página 200 do manual, solicitando resposta ao questionário do final da página. Propusemos 10 minutos para esse trabalho.

---

<sup>48</sup> Cf. Questionário aos Alunos sobre o Ambiente, ANEXO 2. I, pg. 66

- Acompanhamos toda esta informação com imagens de Ppt que foram sendo “descodificadas” na medida em que percebiam o que era pedido.

Antes de terminar a aula, solicitámos ao grupo que hoje fizessem eles o resumo da aula, mas só uma das alunas se ofereceu.

Como já não havia tempo para visionar outro documentário solicitamos que o visionassem em casa. Facilitamos a página do YouTube onde o poderiam ver. (<https://www.youtube.com/watch?v=MWUHurprTVA>)

Os alunos no final vieram despedir-se, o que muito nos agradou. Entretanto pediram se podíamos facultar-lhes todos os Ppt (deixaram-nos o e-mail da turma) ao que respondemos afirmativamente.

**Recursos:** manual escolar, e projeção em Ppt

**Comentário crítico:** esta aula aconteceu por necessidade de conclusão da matéria destinada à nossa leção. Foi uma aula muito intensa pelo facto de tratar de temáticas que de alguma forma refletem problemas dos dias de hoje.

Os recursos ambientais que estão a ser destruídos ou a alterar o nosso Planeta de forma drástica estão também a produzir uma enorme erosão nos ecossistemas. E esse, notámos, é um problema em que os alunos refletem com preocupação. Também houve acesa discussão quando se falou nos direitos da mulher e fizeram a ponte com as dificuldades que as mulheres sempre enfrentaram na profissão ou nas famílias e como são “usadas” no consumo de géneros diversos.

No final vieram despedir-se o que muito nos agradou e solicitar os Ppt das aulas. Também nos perguntaram se havia algum livro onde pudessem saber mais sobre a Arte que falámos nas aulas, por causa da matéria de exame. Ofereci-me para lhes fazer um Ppt<sup>49</sup> só sobre as matérias de exame e essa notícia foi recebida com enorme satisfação. Apesar de estarem completas as aulas para a efetivação do Relatório/Tese, sentimos alguma nostalgia, por termos de abandonar os alunos e a escola.

Foi uma excelente aula.

---

<sup>49</sup> Cf. Anexo IV, pág. 179

1.6 Sexta Aula<sup>50</sup>

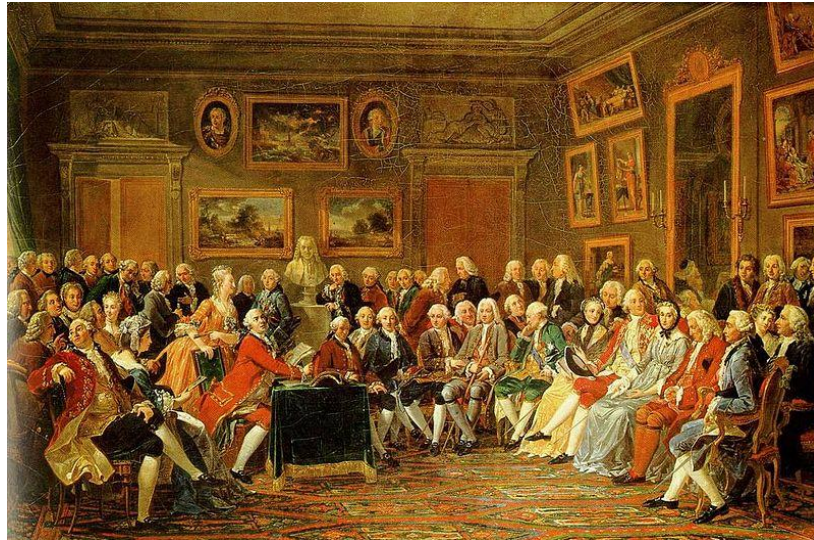
<b>AULA nº. 10/11 (100m)</b> <b>11º C - Sala: 304</b>	<b>Ano letivo 2016/2017</b> <b>Hora: 15:50h/17:30h</b>
<b>PLANIFICAÇÃO</b> A planificação de curto prazo referente a esta aula encontra-se no Anexo I / pg. 3/12	
<b>DESCRIÇÃO DA AULA:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da mestranda aos alunos. Foi-lhes explicada a nossa presença na aula e pedimos de seguida que também eles se apresentassem e falassem do que esperam vir a fazer depois de completar os estudos;</li> <li>• Depois de escrever o sumário falámos aos alunos como gostaríamos de abordar a matéria curricular desta aula e porque defendemos que a construção do conhecimento histórico pode ser entendida através da Arte;</li> <li>• Procurámos depois saber o que os alunos conheciam sobre a época em estudo; o Iluminismo, a Europa no século XVIII e Portugal. Recuámos no tempo para relembrar o conhecimento anterior e passámos à explicação do conceito chave da unidade didática – Iluminismo - que foi explicado.</li> <li>• De seguida explicitamos os objetivos concretos para aquelas duas horas letivas e iniciámos a explicação da matéria nova: <i>Portugal - o projeto pombalino de inspiração iluminista com pontos chave determinantes: a modernização do Estado e das instituições, ordenação do espaço urbano e a reforma do ensino.</i></li> </ul> <p>Chamámos a atenção para a necessidade de utilizarem e explorarem bem o manual tanto na aula como no estudo em casa, pois essa atitude tem não só a utilidade de aprender a matéria dada, mas também perceberem se os conteúdos estão a ser compreendidos.</p> <p>Falámos sobre documentos iconográficos, a sua utilidade prática e de validade científica, pois muitas vezes uma imagem pode ser o suficiente para explicar um conteúdo menos explícito, ou mais complexo.</p>	

<sup>50</sup>Paula Marinho, Marília Gago, Alice Costa. *Horizonte da História*, Vol. I. Lisboa. Texto Editora. 2015. Pps. 106/147



Os alunos concordaram que as aulas de História deveriam ter mais imagens e deram até exemplos de aulas em que isso já tinha acontecido e tinha resultado bem.

Assim sendo, mostrámos uma imagem, bastante conhecida deste período, para ilustrar o que acabámos de dizer e dessa forma, tornar a explicação dual: professora e alunos.



Quadro 6 - Leitura da Tragédia de Voltaire *L'Orphelin de la Chine*, no salão de Madame Geoffrin em 1755, Pintura de Anicet Charles Gabriel Lemonnier (1812)

Ao analisar a pintura rapidamente compreenderam que este Salão da Madame Geoffrin, (1699-1777) só poderia ser em Paris, pelo luxo da casa e dos seus convidados. Casada com François Geoffrin, um conhecido burguês que tinha acumulado um considerável património, na primeira metade do Séc. XVIII, recebia já na sua mansão os artistas e intelectuais da época e seu Salão foi, segundo Sainte-Beuve:

*"o mais completo, o melhor organizado e (...) o melhor administrado do seu tempo (...) uma das instituições do século XVIII".*

Recebia, dois dias por semana e entre outros intelectuais contavam-se Marivaux, d'Alambert e d'Holbach, nomeadamente estrangeiros residentes como Galiano, Hume, etc.

Deve-se a esta senhora a salvação da Enciclopédia, quando em 1759 parecia definitivamente comprometida e com algum dinheiro seu, devolveu o ânimo ao tipógrafo e permitiu a Diderot levar a bom porto aquela obra.

O seu Salão Literário constituiu um dos âmbitos mais importantes da vida intelectual e social parisiense da época, apesar de, um outro Salão, de estilo oposto, haveriam de enfrentar-se durante mais de três décadas com símbolos de duas realidades profundamente distintas: uma expressão da ascensão de uma burguesia ilustrada, outro da aristocracia mais exclusiva, que reconhecia como único imperativo, a salvaguarda do seu próprio estilo e da sua própria linguagem.<sup>51</sup>

Após explicação e debate sobre o tema da pintura foi exposto o tema central da aula, o Iluminismo, tendo a professora recorrido a alguma informação anteriormente aprendida pelos alunos para fazer a ligação à matéria desse dia: a corte e D. José I e o ministro Marquês de Pombal. A aula continuou e falámos sobre a modernização do Estado e das Instituições entre elas a reforma do Ensino.

Seguidamente procedemos ao visionamento de um pequeno filme sobre o terramoto de 1755, a partir do qual apresentamos a ordenação do Espaço Urbano, considerando as mudanças efetuadas na cidade de Lisboa.

- Ainda pudemos apresentar quadros de revisão da aula para consolidar conhecimentos.

Em seguida tecemos algumas considerações finais, agradecemos a interação havida após o que deixámos sair os alunos, porque tinha terminado o tempo da aula.

**Recursos:** o manual escolar, e apresentação multimédia e Ppt.

**Comentário crítico:** A seleção de materiais, a construção de recursos, o tempo letivo e a planificação foram pensadas no sentido de dar estrutura ao objetivo proposto para a aula.

Quando foram construídos os Ppt., pensámos que esta seria uma boa ferramenta para utilizar na leção. Contudo, ao ligar o computador para a projeção, a sala de aula não tinha internet o que acabou por nos fazer perceber que tem de haver sempre uma

---

<sup>51</sup>Para a explicação do quadro foi retirada a informação da página <http://estoriadahistoria12.blogspot.pt/2013/12/mulheres-na-historia-xlv-madame-geoffrin.html> (Acedido em Janeiro de 2017)

alternativa aos processos informáticos. Começámos sem computador, mas depois o problema resolveu-se e a aula continuou em bom ritmo.

A sala onde lecionámos, apresentava uma planta tradicional, o que levou a mestrandas a circular por entre os alunos, promovendo assim uma aula mais dialogante. A participação dos discentes foi essencial para concluirmos com eficácia a leção do módulo.

Estamos certas de que nem todos dentro da aula tiveram a mesma motivação, ou perceberam a totalidade do que foi apresentado, contudo acreditámos que os conteúdos foram transmitidos de forma a permitir que a aprendizagem tivesse sido significativa.

## 2. Comentário final da prática letiva

Todas as aulas que acabámos de descrever inseriram-se no programa que o nosso Relatório propõe: A História da Arte no processo de aprendizagem da História. Relativamente à exposição em aula nem sempre foi o que desejaríamos, mas o professor estagiário precisa expor toda a matéria, situação que ocupa grande parte do tempo letivo. Assim sendo, qualquer outra nova estratégia que se pretenda implementar terá sempre um *déficit* de aplicabilidade.

*“A linguagem proporciona aos alunos os meios para falarem sobre o que já sabem [...] proporciona-lhes identidade enquanto aprendentes e membros do grupo da sala de aula.”*<sup>52</sup>, por isso a discussão desenvolve o pensamento e o raciocínio e ao conceberem expressões próprias dos conteúdos, acabam por não se limitar ao que estudam no manual ou nos apontamentos recolhidos nas aulas.

Quando tomámos conhecimento dos temas que faziam parte das metas curriculares, bem como da avaliação, percebemos os enormes desafios que teríamos de enfrentar e que os alunos estariam prontos a desafiar todas as nossas capacidades. E embora tenhamos percebido que o guia orientador deva estar focado na aprendizagem do aluno, procurámos nunca esquecer que o está também, na aprendizagem do professor.

---

<sup>52</sup> Arends, *Aprender a ensinar*. Richard I. Arends; trad. Maria João Alvarez. et al.; rev. Sara Bahia. Lisboa: McGraw-Hill, [D.L. 1995], 2008, p. 414.

A forma pela qual a informação pode ser apresentada - quadros, gráficos, ilustrações, filmes e projeções - deve desejavelmente contribuir para aumentar um bom resultado final e, assim, cumprir o objetivo de uma escola com alunos determinados e de sucesso.

Aí radica um dos argumentos pelo qual defendemos a utilização das obras de Arte em contexto de sala de aula, consubstanciadas nas teorias de educação anteriormente abordadas. Não só por terem tido a oportunidade de expressar as suas ideias, mas também por terem participado ativamente nessa prática, acabou por lhes criar o desejo de saber mais e, por essa razão pensamos que a motivação que despertámos nos alunos foi importante.

Uma das razões porque é legítimo debruçarmo-nos sobre esta temática, prende-se com o facto de precisarmos também de nos interessar por outro processo de aprendizagem, já que todos os projetos se refletem no desenvolvimento e cultura académica, deixando transparecer a forma como se integram socialmente e nesse princípio, entendemos a educação como um processo dinâmica da transmissão da cultura e que constitui num critério mais amplo, aprendizagem.

A produção científica ganha corpo exatamente com os trabalhos cujos modelos teóricos constituem ponto de partida.

Assim, o plano de ação de qualquer projeto desta natureza, depende numa grande parte, da capacidade de mobilização da escola e da forma como atua. Todos, nas estruturas educativas, têm o dever de se empenhar na divulgação, implementação e avaliação de todo e qualquer projeto que alargue horizontes.

Então a Arte na Escola e a Escola na Arte não é uma mera troca de palavras. Se a demonstração do objetivo que tínhamos estabelecido foi possível ao trazer – e especialmente ao explicar e fazer entender – a Arte no processo de aprendizagem, não nos torna cúmplices de uma sensação de completude, ou seja, de ter atingido o limite de um caminho escolhido. Pelo contrário, as respostas encontradas levam-nos a considerar uma possibilidade de extrapolação, a visualizar estratégias possíveis para alargar um diálogo assim aberto, a conhecer, apreciar e aprender outras experiências que, onde e quando, tenham sido realizadas.

Se a História pode ser, como procurámos realizar, um campo ideal para a apresentação e o convívio com a Arte, outros ramos do conhecimento estão abertos a

essa possibilidade. Escher, por exemplo, encontra lugar na sala de aula, em termos de domínio do espaço, de noções matemáticas e de impossibilidades físicas – tal como a mancha aparentemente disforme no chão de “Os Embaixadores” pode suportar, por si só, uma lição de ótica.

Podem realizar-se experiências diversas, inclusive de troca de desempenhos, em que não é o professor que documenta o tema, mas em que desafia (e ajuda) os alunos a descobrirem eles próprios como é possível enquadrar o tema e expô-lo através da Arte, sem afastamento do cumprimento de um programa curricular.

Todos os novos recursos, se bem utilizados, estão exuberantemente disponíveis para isso. Conhecimento pela Arte, curiosidade pela Arte, respeito pela Arte são fases sucessivas de uma aproximação desejável e formativamente útil.

No fecho do nosso projeto concluímos – e aí também aprendemos – que foi apenas um fim de etapa, a partir da qual muito caminho novo pode começar a ser percorrido.

Aumentar sinergias e saber aplicar estratégias, ainda que diferentes das que costumam orientar os nossos recursos, pode criar uma mudança inteligente e indispensável à competência da escola e torná-la naquilo para que foi realmente criada, formar cidadãos intervenientes e com consciência da sua capacidade cívica.

As aulas que lecionámos no período de estágio, estão longe de responder a questões supervenientes como: que experiência estamos a adquirir? ou mesmo: que recursos somos capazes de organizar para apresentar aulas dinâmicas e de conteúdo?

Não temos dúvidas que a estas e muitas outras questões o futuro dará resposta, mas uma certeza deve pairar sempre no nosso espírito: deveremos estar sempre à altura dos acontecimentos com profissionalismo e ética.

Quanto a nós, estamos certas de ter aprendido que a regra básica de um professor é nunca deixar de perceber que a educação é um processo e que os alunos são o futuro. Saibamos por isso estar à altura.

### **3. Outras atividades da mestranda na Escola**

Muitas outras formas de participação ativa foram desenvolvidas ao longo do tempo em que o nosso estágio decorreu.

Acompanhámos duas visitas de estudo<sup>53</sup>, com alunos de 11º e 12º.anos. Assistimos a alguns colóquios sobre temas de interesse, como por exemplo “A Emigração e a Migração” e “Como tomar a sério os Direitos Humanos”, onde aprendemos por ouvir e de onde ensinámos por conhecer. Nessas sessões os alunos puderam intervir e nesse questionamento estava o desejo de fazer melhor.

Durante um tempo letivo da professora cooperante, colaborámos na orientação de uma turma do 11º ano, para perceber o interesse e a curiosidade durante a visualização de um filme sobre “Maria Antonieta”. Não lecionámos conteúdos, mas ajudámos os alunos na compreensão e discussão do filme e no final da projeção a preencher um questionário sobre o mesmo.

Ao integrarmos todas estas formas de participação, ao fazermos parte do grupo Escola, mais não fizemos do que perceber o dia a dia de uma professora.

A todas as solicitações respondemos com determinação e responsabilidade, certas de que as experiências vividas nos serão de grande utilidade no futuro.

---

<sup>53</sup> Cf. Anexo IV, p. 69 – Modelo de Inquérito/Visita de Estudo, entregue aos alunos no fim desta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

A primeira fase do estágio foi um princípio da caminhada: o contacto com a escola, a professora cooperante, a assistência às aulas. Numa segunda fase, por forma a valorizar o espaço da nossa atividade, veio a planificação e a preparação dos momentos a lecionar, as aulas, a interação e cooperação com os colegas, as reuniões de “feedback” e as explicações metodológicas, fazendo-nos compreender que estudar para o ofício de professor é muito mais que deter saber científico, esgrimir argumentos, preparar “PowerPoint” ou gerir os alunos dentro de uma sala de aula.

É antes do mais, tentar olhar para lá do que se vê, entender para lá do que é dito, mas sobretudo aproximarmo-nos o suficiente para que, em cada momento, saibamos o que fazer e dizer a acreditar que tal oportunidade constituiu, por isso, um tempo de ensino-aprendizagem útil e dinâmico.

Com o tema das nossas aulas, pudemos claramente perceber que, após a Segunda Guerra Mundial, outras formas de ler o espaço e o tempo tinham acompanhado novas reflexões sobre a condição da Humanidade. Depois da barbárie, a reação foi perceptível através das novas conceções estéticas, seja na cultura em geral, seja especialmente a que marcou a produção artística. Assim, o nosso objetivo centrou-se na apresentação de sessões letivas, levando-os a ver e entender a História, sem nunca fugir ao rigor científico, utilizando para isso uma aliada, a imagem.

Sabemos que, com os problemas de gerir currículos extensos, se torna cada vez mais difícil para Escolas e Professores organizar e articular entre si novos formatos sendo que estes acabam remetidos para projetos futuros ou estágios curriculares que provaram já ser capazes de uma mudança com resultados interessantes do ponto de vista pedagógico, mas que, infinitamente adiados, vão condicionando a efetivação de processos necessários.

O professor precisa de analisar o que é essencial nos conteúdos trabalhados para perceber o fundamental nos programas. Por vezes, mudar metodologias pode ser um risco, mas, para uma melhor adequação de conteúdos, pensamos que vale a pena.

Quando as turmas a lecionar são já pré-universitárias, como as que tivemos oportunidade de trabalhar, o desafio torna-se maior, mas também mais gratificante

A leitura e interpretação de imagens é um dos pontos mais importante da aprendizagem da História, porque ajuda à compreensão, desenvolve a capacidade de análise e aproxima o aluno do facto histórico.



Além disso, tornar a sua interpretação mais dinâmica e apelativa contribui para a identificação da ideia geral porque explica e sintetiza.

Ao ensinar as diferentes épocas da História, devemos ter sempre em atenção, que uma melhor compreensão acerca do tempo passado é o de construir conhecimento ligado ao momento real da vida do aluno, pois ele vai procurar explicações para o que ouve e fá-lo de acordo com uma lógica própria, formada pelo seu meio ambiente, tornando-se assim necessário criar pontes de ligação evitando equívocos que podem condicionar aprendizagens futuras.

Os professores de História que valorizam o saber adquirido dos seus alunos para a construção de novos conhecimentos, podem e devem fazer ligações com as artes, dando mais significado ao objeto de estudo e possibilitando uma melhor organização dos conteúdos específicos.

Porque a nossa formação inicial é em História da Arte, percebemos, por experiências anteriores em formação de adultos e crianças, que uma das formas para trabalhar a História, pode ser através da Arte. Também pelo facto de pertencermos ao mundo das artes plásticas, o nosso entendimento foi levado para além das teorias em abstrato. O objetivo que nos propusemos ao lecionar e que acabou por ser o subtítulo do nosso tema de Relatório, “A Arte no Processo de Aprendizagem da História”, conduziu-nos assim para o caminho em que a iconografia se revelou fundamental no desenvolvimento do processo.

Lembrando Ortega e Gasset, que num determinado momento disse que “Entender a pintura não é saber pintar, é saber outra porção de coisas”<sup>54</sup> - ideia que corroboramos inteiramente - leva-nos sempre a defender que a arte deveria fazer parte dos programas académicos como base da educação e não esporadicamente nele surgir.

Sobre educação poderemos discutir se o Homem deve ser criado para ser o que é ou se o Homem deve ser criado para ser aquilo que não é<sup>55</sup>. As potencialidades do individuo devem ser desenvolvidas ou, quaisquer que sejam as suas idiossincrasias, devem ser irradiadas? Assim sendo qual é afinal o objetivo da Educação? Mozart, dotado de nascença, ou Beethoven, obrigado a sê-lo em tenra idade?

---

<sup>54</sup> José Ortega Y Gasset, *A Desumanização da Arte e Outros Ensaios de Estética*, Lisboa, Edições Almedina, 2001, p.200

<sup>55</sup> Carl Rogers, *Tornar-se pessoa*, Lisboa, 1961 pp. 147

Temos vindo a questionar-nos se o que pode estar errado no nosso sistema é o facto de permanentemente estabelecermos barreiras entre territórios onde não deveriam existir muros ou se a educação pode ser autónoma com um modo de expressão que se aprende e cultiva.

A Arte é afinal tudo o que nos rodeia e não somente aquilo que podemos observar nos museus ou galerias. Arte é verdadeiramente tudo o que agrada aos sentidos. E se é verdade que nem todos sentimos da mesma forma esse apelo estético, acabamos por descobrir um critério exterior às particularidades de cada um<sup>56</sup>.

Para todos nós, futuros professores, só através de uma busca continuada de novas aprendizagens, de novos estudos, novas pesquisas, mas sobretudo na procura de novas metodologias e estratégias inovadoras, poderemos alcançar ser professores que orientem, mas sobretudo que inspirem.

A emoção sentida pela descoberta e/ou curiosidade é a mesma que nos traz o conhecimento. Desta forma, defendo a Arte na Educação por entender que essa emoção pode colher origem em todas as artes.

---

<sup>56</sup> Herbert Reed, *A Educação pela Arte*, Lisboa, Edições 70, 1958. p. 20

## **BIBLIOGRAFIA**

---

## OBRAS GERAIS E ESPECÍFICAS

BLOCH, Marc, *História e Historiadores* / Marc Bloch; trad. Telma Costa. Col. Teorema. Especial; 31. Lisboa: Teorema, 1998, 320 pp.

BRAUDEL, Fernand, *História e Ciências Sociais*; trad. Carlos Braga; Inácia Canelas. 2.<sup>a</sup> ed. Col. Biblioteca de Ciências Humanas; 19. Lisboa: Edições Presença, 1976, 243 pp.

FELGUEIRAS, Margarida Louro, Rogério Fernandes: *Questionar a Sociedade, Interrogar a História, (R)epensar a Educação* / Org. Margarida Louro Felgueiras, Maria Cristina Menezes. Col. Biblioteca das ciências do homem. Ciências da Educação; 18. Porto: Afrontamento, 2004, 837 pp.

FOSTER, HAL, et alt. *Art Since 1900*, 2nd. ed., Thames & Hudson, London, 2011, 816 pp.

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL, Coord, Jorge de Assunção, Lisboa. Alfa. 1993.

JETTÉ, René, *A História e o seu Ensino*. Col. Almedina; 4. Coimbra: Livraria Almedina, 1976, 211 pp.

LE GOFF, Jacques; LADURIE, Le Roy; DUBY, Georges... et allii., *A Nova História*/Jacques Le Goff... et allii.; trad. Ana Maria Bessa. Col. Lugar da História; 1. Lisboa: Edições 70, [D.L. n.º 51114/91], 89 pp.

LE MOS, Mário Matos e, *Dicionário de História Universal* Mário Matos e Lemos; rev. Histórica António Horta Fernandes; rev. Nelson Horta. Mem Martins: Editorial Inquérito, 2001. 815 pp.

SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal* / dir. José Hermano Saraiva; des. Fernando Lopes; col. António Augusto Ferreira da Cruz... [et al.]. 2.º v.: 1245-1640. Lisboa: Seleções do Reader's Digest: Alfa, [D.L. 1986], 800 pp.

### **TEORIAS DA APRENDIZAGEM**

AUSUBEL, David. P. *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspetiva Cognitiva*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003, 226 pp.

BERTRAND, Yves, *Teorias Contemporâneas da Educação*. Yves Bertrand; trad. Alexandre Emílio. 2.ª ed. Col. Horizontes Pedagógicos; 4. Lisboa: Instituto Piaget, [D.L. 2001], 273 pp.

NOVAK, Joseph D.; GOWIN, D. Bob *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1996, 212 pp.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e; CHADWICK, Clifton *Aprender e Ensinar*. João Batista Araújo e Oliveira e Clifton Chadwick. São Paulo: Editora Global, 2001, 393 pp.

VALENTE, Maria Odete, *Aprender a Pensar: Projeto Dianoia*. Maria Odete Valente. Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências – Departamento de Educação, [s.d.], 118 pp.

VIEIRA, Rui Marques, VIEIRA, Celina. *Estratégias de Ensino Aprendizagem*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. Lisboa. 2005. 148 pp.

### **DIDÁCTICA / PEDAGOGIA**

ALARCÃO, Isabel; TAVARES, José, *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Isabel Alarcão, José Tavares. 2.ª ed. revista e atualizada. Col. Ciências da Educação e Pedagogia, Coimbra: Almedina, 2003, 166 pp.

AIRES, Luís M., *Disciplina na Sala de Aulas. Um guia de boas práticas para professores do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. 2.ª ed., Lisboa: Edições Sílabo, 2010, 91 pp.

ALLAL, Linda; CARDINET, Jean; PERRENOUD, Philippe, *A Avaliação Formativa num Ensino Diferenciado: Atas do Colóquio Realizado na Universidade de Genebra, Março 1978* / [Ed. Lit.] Linda Allal, Jean Cardinet, Philippe Perrenoud; trad. Clara Moura Lourenço, José Afonso Baptista. Col. Almedina; 59. Coimbra: Almedina, 1986, 306 pp.

ARENDTS, Richard I., *Aprender a ensinar*. Richard I. Arends; trad. Maria João Alvarez. et al.; rev. Sara Bahia. Lisboa: McGraw-Hill, [D.L. 1995], 566 pp.

CALABRESE, Omar, *Como se lê uma obra de arte*. Lisboa, Arte e Comunicação, Edições 70, 1993. 142 pp.

CHAFFER, John; TAYLOR, Laurence, *A História e o Professor de História*; trad. Maria de Fátima Cunha. Col. Biblioteca do Educador Profissional; 86. Lisboa: Livros Horizonte, cop. 1984, 158 pp.

ESTRELA, Albano, *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*. 4.ª ed. Porto: Porto Editora, cop. 1994, pp. 479.

FARIA, Ana Leal de *Coletânea de Textos coligidos por Ana Maria Homem Leal de Faria, “Didática da História II / Metodologia e Trabalhos Práticos”*, Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de História, 2005-2006.

GASSET, José Ortega Y., *A Desumanização da Arte e Outros Ensaaios de Estética*, Edições Almedina, Lisboa, 2003, 184 pp.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Coletânea de Textos coligidos por Miguel Corrêa Monteiro, “Didática da História I / Ensinar História – Notas para uma Didática Renovadora”*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, Mestrado em Ensino, 2004/2005.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Didáctica da História: teorização e prática: algumas reflexões*. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2001, 269 pp.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *O Ensino da História num Escola em Transformação*. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Plátano Editora, 2003, 175 pp.

NÓVOA, António, *Os professores e a sua formação*, 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995

PEREIRA, Alexandre. Poupá, Carlos. *Como escrever uma Tese, monografia ou livro científico*, 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2016, 256 pp

PERRENOUD, Philippe, et.al., *As competências para ensinar no Século XXI – A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação*, São Paulo, Artmed Editora, 2002.

PINTASSILGO, Joaquim; MOGARRO, Maria João; HENRIQUES, Raquel Pereira, A *Formação de Professores em Portugal*. Lisboa: Colibri, 2010, 142 pp.

PROENÇA, Maria Cândida, *Didática da História*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992, 227 pp.

READ, Herbert, *A Educação pela Arte*, Lisboa, Edições 70, 1958. 423 pp.

RIBEIRO, Lucie Carrilho, *Avaliação da Aprendizagem* Lucie Carrilho Ribeiro. 3.<sup>a</sup> ed. Col. Educação Hoje. Lisboa: Texto, 1991, 226 pp.

ROGERS, Carl. R., *Tornar-se Pessoa*, 7.<sup>a</sup> ed., Moraes Editores, Lisboa, 1961. 342 pp.

SALVATER, Fernando, *O Valor de Educar*, Lisboa, Editorial Presença, 1997

SANTOS, Leonor org., *Avaliar para Aprender - Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário*, Col. Educação Teoria e Prática, Instituto Educação da Universidade de Lisboa, Porto Editora, Porto, 2010. 112 pp.

SNYDERS, Georges, *Para onde vão as Pedagogias Não-Diretivas?* / Georges Snyders. Col. Psicologia e pedagogia. Lisboa: Moraes, cop. 1974, 365 pp.

### **PROGRAMAS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Programa de História A / 10.º, 11.º e 12.º Anos / Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas / Formação Específica / Homologação / 16/03/2001 (10.º Ano) / 01/04/2002 (11.º e 12.º Anos) Autoras / Clarisse Mendes (Coordenadora) / Cristina Silveira / Margarida Brum. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 2002, 79 pp.

### **DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS**

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS NUNO GONÇALVES, (na qual passou a constar com membro desde 2012, a Escola Secundária D. Luísa de Gusmão), [consultado em agosto de 2017], em WWW:<URL: <http://aenunogoncalves.net/>> ou WWW:<URL: <http://www.esec-Luísa-gusmao.pt/>>

ALVES, Francisco Cordeiro, *A Dimensão Preocupacional dos Professores*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2001, 97 pp. [consultado em julho de 2017], em WWW<URL: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/210/1/57%20%20A%20dimens%C3%A3o%20preocupacional%20dos%20professores.pdf>>



CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Estado da Educação 2012 / Autonomia e Descentralização. Coord. Manuel Miguéns, 33 pp., ISSN: 1647-8541, [consultado em julho de 2017], disponível em WWW<URL: [http://www.crup.pt/images/Estado da Educao 2012.pdf](http://www.crup.pt/images/Estado_da_Educao_2012.pdf)>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, Suplemento, 2.<sup>a</sup> série – N.º 131 – 10 de julho de 2013, “Ministério da Educação e Ciência, Gabinete do Ministro, Parte C, Despacho normativo 7-A/2013”, [consultado em julho de 2017], WWW<URL: <http://dre.pt/pdf2sdip/2013/07/131000001/0000200002.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, 1.<sup>a</sup> série – N.º 129 – 5 de julho de 2012, “Ministério da Educação e Ciência, Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho”, [consultado em julho de 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/07/12900/0347603491.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, 2.<sup>a</sup> série – N.º 73 – 12 de abril de 2012, “Parte C, Gabinetes do Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar e da Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Despacho n.º 5106-A/2012”, [consultado em julho de 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf2sdip/2012/04/073000002/0000400009.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, 1.<sup>a</sup> série – N.º 126 – 2 de julho de 2012, “Ministério da Educação e Ciência, Decreto-Lei n.º 137/2012 de 2 de julho”, [consultado em julho de 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2012/07/12600/0334003364.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, 2.<sup>a</sup> série — N.º 160 — 22 de agosto de 2011, “Gabinete da Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Despacho n.º 10532/2011”, [consultado em junho de 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf2sdip/2011/08/160000000/3447834478.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO. Diário da República, 1.<sup>a</sup> série A – N.º 166 – 30 de agosto de 2005, “Assembleia da República, Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior, [consultado em junho de 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/2005/08/166A00/51225138.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, 1.<sup>a</sup> série A – N.º 217 – 19 de setembro de 1997, “Assembleia da República, Lei n.º 115/97 de 19 de setembro, Alteração à Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, (Lei de Bases do Sistema Educativo), [consultado em julho de 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/09/217A00/50825083.pdf>>

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELECTRÓNICO, Diário da República, 1.<sup>a</sup> série – N.º 237 – 14 de outubro de 1986, “Assembleia da República, Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo”, [consultado em julho 2017], em WWW<URL: <http://dre.pt/pdf1sdip/1986/10/23700/30673081.pdf>>

## **ANEXOS**

---

## **ANEXO 1 – Planificação Curto Prazo**

---

## ANEXO I – Planificação da aula lecionadas ao 11º Ano, Turma B

Ano: 11 Ano Turma: B Tempo: 100 m/2 aulas Ano Letivo 2016/2017 <b>Mestranda:</b> Leonor Rocha <b>Professor cooperante:</b> Isabel Cluny	<b>Tema: 4. A Construção da Modernidade Europeia</b> <b>Unidade: 4.3. Portugal – O projeto pombalino de inspiração iluminista</b>  <b>Sumário: Portugal- o projeto pombalino de inspiração iluminista</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ A modernização do Estado e das Instituições</li> <li>○ Ordenação do espaço urbano</li> <li>○ A reforma do Ensino</li> </ul>
---	---

Objetivo Geral (adaptado do programa de história)	Objetivos específicos	Conceitos	Estratégias e Metodologia		Recursos
			Professor	Aluno	
A Construção da Modernidade Europeia	Portugal- o projeto pombalino de inspiração iluminista	- Estrangeirados - Déspotas Iluminados - Reformador	Apresentação do professor e explicação dos objetivos da aula, com a apresentação do sumário.  A Europa e Portugal no Séc. XVIII <ul style="list-style-type: none"> <li>• Solicita a leitura a um aluno</li> <li>• Questiona: Indica a que transformação cultural se refere o texto?</li> <li>• Questiona: Identifica o acontecimento referido no segundo parágrafo?</li> <li>• Questiona: que princípios são estes?</li> <li>• Explica a figura histórica de D. José I</li> </ul>	- Lê o PPT  Refere: Século das Luzes que é o mesmo que dizer o Iluminismo  Refere: A Revolução Francesa de 1789  Refere: São os do Iluminismo	Power point  Manual

			<p>Questiona: Recorda o conceito de despotismo esclarecido.</p> <p>Apresentação de Sebastião José de Carvalho e Melo</p> <p>Leitura do texto da Pág. 102 / 3º parágrafo</p> <p>Questiona: Quais foram as principais medidas do conde da Ericeira?</p> <p>Justifica porque se retrocedeu ao abandono do investimento nas manufaturas?</p>	<p>Refere: designa uma forma de governar que foi característica da Europa continental na segunda metade do século XVIII</p> <p>Partilhava com o absolutismo a exaltação do Estado e do poder do soberano, mas era animada pelos ideais de progresso, reforma e filantropia do Iluminismo.</p> <p>O aluno lê o terceiro parágrafo</p> <p>Refere: Desenvolvimento das manufaturas Proteção dos produtos nacionais Leis pragmáticas 1677(evitavam os artigos de luxo) Criação de companhias comerciais monopolistas</p> <p>Refere: Descoberta do ouro do Brasil e pedras preciosas que levou ao abandono das medidas de desenvolvimento manufatureiro Aumento importações Défice balança comercial</p>	
--	--	--	--	---	--

			<p>Relaciona o Tratado de Methuen com a apropriação do ouro brasileiro pelo mercado britânico?</p> <p>Leitura do texto da pág. 137 / 1º parágrafo</p> <p>Questiona: Indica duas formas de integração as ideias Iluministas no Antigo Regime?</p> <p>Leitura do pág. 137/ 2º parágrafo</p> <p>Questiona: O que entende por dogmático?</p> <p>Enumera os soberanos que adotaram as ideias iluministas?</p> <p>Como ficaram conhecidos?</p>	<p>Refere: Tratado de Methuen (1703) acordo comercial celebrado entre Inglaterra e Portugal no ano de 1703, que, no seu aspeto económico, estabelecia que a Inglaterra teria o monopólio dos tecidos importados por Portugal, que, em contrapartida, teria o monopólio da importação de vinho pelos britânicos, e no seu aspeto militar, estabelecia uma aliança ofensiva e defensiva entre as duas potências. Dessa forma Portugal endividou-se com a Inglaterra e para pagar deve de se valer do ouro do Brasil</p> <p>O aluno lê o primeiro parágrafo</p> <p>Refere: As leis da Natureza e do Estado dão ao Rei o poder de governar dentro desses limites da Razão <b>Acabar com os privilégios da nobreza e os dogmas religiosos</b></p> <p>O aluno lê o segundo parágrafo</p> <p>Refere: crer em algo como verdadeiro e indiscutível, termo muito utilizado pela religião e pela filosofia.</p> <p>Refere: Frederico II da Prússia, Catarina II da Rússia, D. José I.</p> <p>Refere: Déspotas Iluminados</p>	
--	--	--	--	---	--

			<p>Leitura da pág. 137 / 3º parágrafo</p> <p>Questiona: compara as mudanças no reinado de D. João V com as mudanças em de D. José I?</p> <p>Leitura da pág. 137/ 4º parágrafo</p> <p>Questiona: Dá a tua opinião sobre a possibilidade de concretização dos valores Iluministas num governo despótico?</p> <p><i>(Déspota: que dirige ou governa de modo completamente autoritário; que é capaz de exercer sua autoridade de modo opressor)</i></p>	<p>Aluno lê o terceiro parágrafo</p> <p>Refere: As cortes perderam força e os tribunais perderam efeito devido à centralização do poder No tempo de D. José I, foi o Marques de Pombal que reforçou a autoridade do Estado procedendo a reformas estruturais.</p> <p>Aluno lê o quarto parágrafo</p> <p>Refere: <b>Não há qualquer intervenção popular</b> como defendiam os Iluministas Quando surgiu o despotismo esclarecido nas casas reais tinha o objetivo de transformar a monarquia absoluta que estava em crise. A popularidade das ideias iluministas fazia bem à popularidade dos reis absolutos.</p> <p>Antes do Iluminismo, acreditava-se que o monarca era escolhido por Deus, sem questionamentos, era a centralização do poder. No entanto, desde o século XVII, os filósofos iluministas ganhavam espaço por toda a Europa com os seus ideais, defendendo o uso da razão sobre a visão teocêntrica que vigorava. Então, passaram a realizar reformas nos seus reinos com influências iluministas, e isso acabou por</p>	
--	--	--	---	--	--



			<p>Questiona: Então podemos dizer que o Governo orientado por Pombal era Iluminista?</p> <p>Leitura do texto da Pág. 139 / 1º parágrafo</p> <p>Questiona: Como é que as medidas do 1º ministro puderam ser inspiradas por valores europeus? Como conhecia ele esses princípios?</p> <p>Leitura texto pág. 139/ 2º parágrafo</p> <p>Questiona Indica algumas das medidas que tomou para reformar a economia</p> <p>Questiona: o que foi o Erário Régio?</p>	<p>contribuir para o desenvolvimento das nações. Estes monarcas que ficaram conhecidos como déspotas esclarecidos, ou reis absolutos iluminados.</p> <p>O ministro do Rei D. José I, Sebastião José, expulsou os jesuítas das terras portuguesas, reformando a estrutura administrativa e desenvolvendo o comércio colonial. Por esse aspeto foi Iluminista</p> <p>O aluno lê o primeiro parágrafo</p> <p>Refere: Porque tinha sido Secretario dos Negócios Estrangeiros e Guerra da corte portuguesa, D. João V, na Europa, tendo por isso conhecimento das novas ideias iluministas</p> <p>O aluno lê o segundo parágrafo</p> <p>Refere: voltou a apostar nas indústrias manufatureiras, estruturou a cobrança de impostos, apostou nas fabricas de vidros, loiças e lãs</p> <p>Refere: Sistema de recolha e contabilidade de impostos que permitia a centralização dos recursos financeiros.</p>	
--	--	--	--	---	--

-Modernização  
de Estado e das  
Instituições

			<p>Questiona: E o que era a Intendência Geral da Policia?</p> <p>Leitura texto pág. 139/ 3º parágrafo</p> <p>Questiona: Como aproveitou Sebastião José, o atentado ao Rei, para proveito das suas intenções?</p> <p>Leitura texto pág. 139/ último parágrafo</p> <p>Questiona: Que medidas tomou Sebastião José para acabar com o poder da Igreja no Estado?</p> <p>Questiona: Que consequência teve essa atitude?</p>	<p>Refere: Tinha como meta a vigilância dos corregedores, provedores e juizes de fora; o combate a criminalidade e o fomento económico e social e eliminou os <b>privilégios de foro</b> da nobreza e do clero que quer dizer <b>Começaram a pagar impostos ao Estado ou a deixar de receber os dízimos da população que estava na sua dependência</b></p> <p>O aluno lê o terceiro parágrafo</p> <p>Refere: Para mandar executar quem a seu ver era nefasto à Coroa Portuguesa. Famílias que tinham muita influencia em setores importantes e que contrariavam de certa forma o trabalho que o ministro estava a desenvolver</p> <p>O aluno lê o último parágrafo</p> <p>Refere: Criou a Real Mesa Censoria</p> <p>Refere: Retirou poder ao clero e controlava o Tribunal da Inquisição</p> <p>Foi expulsa a Companhia de Jesus de todo o território nacional. E isso levou ao corte de relações com a Santa Sé por mais de uma década</p>	
--	--	--	--	---	--

	A Reforma do Ensino		Solicita leitura do texto da pág. 143/ 1º parágrafo ao aluno	O aluno lê o primeiro parágrafo	
			Questiona: Quem eram os principais críticos ao atraso de Portugal?	Refere: Os estrangeirados Refere: Estrangeirados, eram os intelectuais portugueses que, particularmente no século XVIII, após terem tido contacto com os progressos da Revolução científica e a filosofia das Luzes no estrangeiro, retornavam ao país.	
			Leitura texto pág. 143/ 2º parágrafo Quem eram os estrangeirados portugueses  Apresentação de António Verney Apresentação de Ribeiro Sanches	O aluno lê o segundo parágrafo  Enuncia: Ribeiro Sanches António Verney Martinho Mendonça	
			Leitura texto pág. 143/ 3º parágrafo  Questiona: Qual a finalidade da criação do Real Colégio dos Nobres?	O aluno lê o terceiro parágrafo  Refere: Criaram-se novas metodologias pedagógicas Formaram-se mestres de ler e escrever e lecionaram-se aulas de Filosofia, Retorica, Gramatica e Latim	

			<p>Questiona Uma das propostas para que a igreja não estivesse ao serviço da educação era tornar o ensino laico. O que era o ensino laico?</p> <p>Porque é que era importante?</p> <p>Questiona: Teve sucesso esse projeto de laicização do ensino? Porquê?</p> <p>Leitura texto pág. 143/ último parágrafo</p> <p>Questiona: Identifica as reformas no ensino e as suas medidas práticas</p> <p>Síntese das Reformas do ensino</p> <p>Projeção de um pequeno filme sobre o terramoto de Lisboa</p>	<p>Refere: Laico significa quem não pertence ou não está sujeito a uma religião ou não é influenciado por ela.</p> <p>Porque queria afastar a Igreja.</p> <p>Refere: Não teve o sucesso esperado Porque a nobreza não estava de acordo em mandar estudar os seus filhos em colégios onde quem mandava era o seu pior inimigo</p> <p>O aluno lê o último parágrafo</p> <p>Refere: Modernizou o ensino na Universidade de Coimbra com a introdução do método pratico e experimental, porque antes so se valorizava os textos clássicos Criaram-se duas novas faculdades de Medicina e Física e com eles a construção de laboratórios e museus Cursos de Direito e Medicina também sofreram remodelações especialmente o de Medicina que passou a ter uma ligação direta ao hospital.</p>	
--	--	--	---	--	--

	Ordenação do espaço urbano		<p>Fotografia sobre a manha do terramoto</p> <p>Ordenação do Espaço Urbano</p> <p>Leitura do texto da Pág. 141 / 1º parágrafo</p> <p>Questiona: O que aconteceu no dia 1 de novembro 1755? O nascimento da sismologia moderna</p> <p>Pequena alusão a Voltaire e ao seu livro <i>Candide</i> (onde refere o terramoto de Lisboa)</p> <p>Leitura do texto da Pág. 141 / 2º parágrafo</p> <p>Questiona De que modo foi o Iluminismo importante na reconstrução de Lisboa?</p> <p>Leitura do texto da Pág. 141 / 3º parágrafo</p> <p>Questiona Como eram antes e como ficaram as ruas de Lisboa, depois da reconstrução.</p> <p>Leitura do texto da Pág. 141 / 4º parágrafo</p> <p>Questiona:</p>	<p>O aluno lê o primeiro parágrafo</p> <p>Refere: O terramoto. Pode também referir o marmoto.</p> <p>O aluno lê o segundo parágrafo</p> <p>Refere: O conhecimento matemático e geométrico, baseado na Razão e marcadamente iluminista</p> <p>O aluno lê o terceiro parágrafo</p> <p>Refere Eram sujas e confusas e passaram a ser largas e retilíneas, fachadas idênticas e prédios de 4 andares.</p> <p>Aluno lê o quarto parágrafo</p> <p>Refere: Sim. Porque agrupou ofícios por ruas</p>	
--	----------------------------	--	--	--	--

			<p>O desenvolvimento comercial refletia-se nesta nova forma de instalar o comércio?</p> <p>Leitura do texto da Pág. 141 / 5º parágrafo</p> <p>Questiona: O que é a “gaiola” pombalina?</p> <p>Considerações finais sobre a matéria dada*</p>	<p>O aluno lê o quinto parágrafo</p> <p>Refere é um sistema de construção antissísmica utilizado na Baixa Pombalina depois de 1755. <b>A gaiola pombalina é uma estrutura tridimensional de madeira incorporada nas paredes de alvenaria</b></p>	
--	--	--	--	--	--

\*A aula teve participações espontâneas dos alunos, sobre questões relacionadas com a matéria, que foram respondidas. Todavia esta planificação não foi completamente seguida, embora tenham sido dados os temas estruturantes propostos.

## ANEXO II - Planificação da aula lecionada ao 12º Ano, Turma B

Tempo de cada aula: 100m Turma: 12º B Professora Cooperante: Dra. Isabel Cluny	<b>MÓDULO 8 -</b> Unidade Didática 3 - As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX <b>Sumário:</b> A importância dos polos culturais Anglo Americanos; A reflexão sobre a condição humana nas artes e nas letras.
--	--

Conteúdo/Unidade Didática	Conceitos	Competências	Operacionalização Professora	Operacionalização Alunos	Recursos
-As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Século XX.  - A importância dos polos culturais Anglo Americanos	Expressionismo abstrato	Identificar as tensões políticas e a devastação da Segunda Guerra Mundial e as suas consequências na evolução provocada nos anos 50 e 60.	A professora faz uma revisão generalizada sobre os antecedentes da época. Antecedentes políticos, económicos e de cultura. Quanto às artes faz um breve historial para poder enquadrar o Expressionismo abstrato.  Solicita a leitura: A reflexão sobre a condição Humana nas artes e letras. (texto da pág. 169) com comentário.	Leitura e reflexão	Manual

	Expressionismo Abstrato Pintura Gestual	Identificar Expressionismo Abstrato	<p>A professora faz referencia à mudança cultural, que modifica o arco, Paris, Berlim, Milão, para o arco Londres, NY.</p> <p>Caracteriza o Expressionismo Abstrato A obra de arte de Pollock, Rothko e Kooning</p> <p>Solicita a enumeração de algumas caraterísticas do Expressionismo Abstrato</p> <p>Análise e comentário de quadro Mulher 1/ Kooning (1950-1952)</p>	<p>Enumera as características do Expressionismo Abstrato</p> <p>Comenta o quadro de Kooning .</p> <p>Analisa o documento. O quadro de Richard Hamilton.</p>	
	POP ART	Identificar a POP ART	<p>Define POP ART e solicita análise do Doc. 6 da pág. 173</p> <p>Solicita também que refira quais as inspirações da POP ART</p>	<p>Refere as inspirações da <i>Pop Art</i> e enuncia um dos princípios da <i>Pop Art</i> (o consumismo como tema)</p>	
	Arte concetual	Identificar Arte Concetual	<p>Define e explica a Arte concetual Solicita resolução do Doc. 9 da pág. 177</p>	<p>Lê a legenda do documento e refere três aspetos que concretizam a arte concetual</p>	



	Existencialismo	Identificar o Existencialismo	Define e explica o Existencialismo, enumerando Sartre como o principal autor  (a continuar na próxima aula)		
--	-----------------	-------------------------------	---	--	--

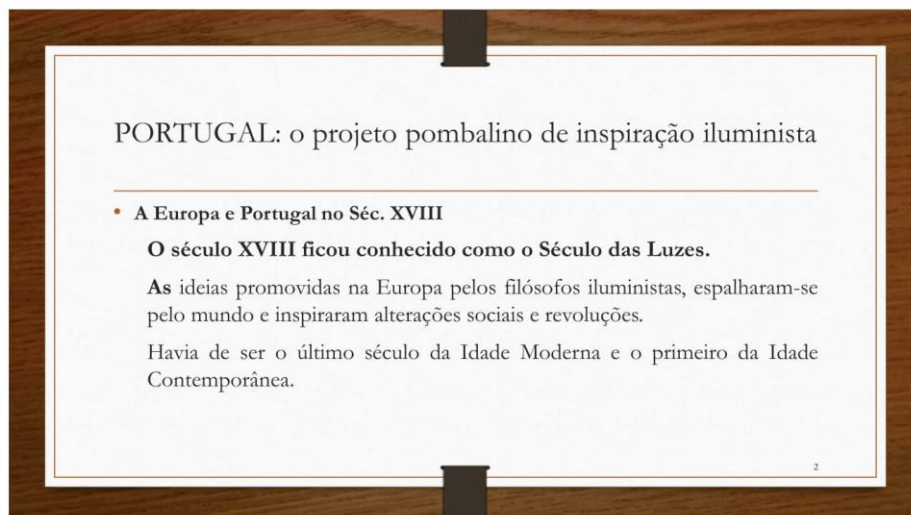
AULA (100m)		<b>Modulo 8: As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Seculo XX</b> <b>Unidade 3: Alterações na Estrutura Social e nos Comportamentos</b>			
Turma 12º B					
Professora Cooperante: Isabel Cluny					
Conteúdos/Unidade Didática	Conceitos	Competências	Operacionalização da Professora	Operacionalização do Aluno	Recursos
-As Transformações Sociais e Culturais do Terceiro Quartel do Seculo XX					PPT Manual
A Evolução do Media: Os novos centros de produção cinematográfica (conclusão)	Nouvelle Vague Neorrealismo		Conclui a matéria da aula anterior.  Solicita aos alunos que caracterizem os novos estilos cinematográficos	Indica e caracteriza os novos estilos cinematográficos	
O impacto da TV e da Musica no quotidiano	Rock 'n' Roll	Relacionar a importância dos media na evolução das mentalidades.	A TV Aparece com mais força nos anos 50 e vai impor-se na Europa nos anos 60  Solicitar a leitura do doc. 2 da pág. 185 Solicita a realização do exercício da mesma página	Identifica alterações que a TV introduziu: <b>reúne a família, quebra o isolamento das populações...</b>  Lê o documento Responde e identifica alguns comportamentos americanos na Europa - a moda - a música e o cinema - os ídolos	

<p>- A hegemonia dos hábitos socio culturais norte americanos</p> <p>- Alterações nas Estruturas Sociais e nos Comportamentos</p>	<p><i>American way of life</i></p>	<p>Identificar a mudança de hábitos na sociedade ocidental.</p>	<p>Solicita a leitura do documento 5 da pág. 191 bem como a resposta ao questionário proposto.</p>	<p>- afirmação de marcas americanas na Europa</p>	
		<p>Identificar a terciarização da sociedade</p>	<p>Solicita a leitura e interpretação dos doc. 1 e 2 da pág. 192</p> <p>Solicita a definição de sectores primário, secundário, terciário, depois da explicação.</p>	<p>Lê os documentos e interpreta os resultados</p> <p>Sectores, primário (agricultura, mineração, pesca, pecuária, extração vegetal e caça. É o setor primário que fornece a matéria-prima para a indústria de transformação; secundário (É o setor da economia que transforma as matérias-primas (produzidas pelo setor primário) em produtos industrializados (roupas, máquinas, automóveis, alimentos industrializados, eletrónicos, casas). Países com bom grau de desenvolvimento possuem uma significativa base económica concentrada no setor secundário. e Terciário (É o setor</p>	

				<p>económico relacionado aos serviços. Como atividades deste setor podemos citar: comércio, educação, saúde, telecomunicações, serviços de informática, seguros, transporte, serviços de limpeza, serviços de alimentação, turismo, serviços bancários e administrativos, transportes, etc.)</p>	
	<p>Ecumenismo (designa o movimento que procura unir as igrejas cristãs; credos e ideologias religiosas diferentes)</p>	<p>Identifica uma nova mentalidade/Novos referentes ideológicos</p>	<p>A professora refere que as mudanças sociais operadas na Europa e na América com a sociedade de consumo e a consolidação da cultura de massas afastou a igreja do centro de interesse das populações.</p>		
	<p>Ecologia (designa a ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si e com o ambiente)</p>	<p>Identifica consciência ecológica.</p>	<p>Também as preocupações ambientais passaram a estar na ordem do dia devido essencialmente aos perigos para o planeta devido ao uso da energia nuclear.</p>		

Preocupações ambientais	- Movimento pacifista (designa o movimento de jovens no EUA contra a intervenção no Vietname)	Identifica a mensagem que os movimentos de contestação defendiam	As mensagens que os movimentos contestatários defendiam		
A contestação Juvenil	- Contracultura (ruptura com o mundo capitalista e defesa de novos valores e estilos de vida)		A contestação juvenil		
A afirmação dos direitos da mulher		Identifica a nova consciencialização face ao papel da mulher na sociedade	Solicita leitura do documento 6 da página 200 bem como a resolução do questionário.	Lê o documento 6 da pág. 200 e responde ao questionário proposto	

11-Oct-17



1

### PORTUGAL: o projeto pombalino de inspiração iluminista

- A apologia da *Razão* estava aliada ao *Progresso*. A ideia de progresso possibilitava o **desenvolvimento da Humanidade** e essa conduzia à *Felicidade*.
- Dá-se **importância à educação** como fator de promoção individual, tendo o conhecimento científico alcançado grande avanço.
- A **valorização do indivíduo** leva à condenação da tortura e da escravatura, defendendo por isso a **tolerância religiosa** e o princípio da **liberdade pensamento**.

3

### PORTUGAL: o projeto pombalino de inspiração iluminista

-D. José I ( Reformador), nasceu em Lisboa, a 6 de junho de 1714 e faleceu em Sintra, a 24 de fevereiro de 1777.

-Foi o 25º.Rei de Portugal e Algarves (1750/1777)

-Casou com D. Mariana Vitória de Bourbon, filha de Filipe V (Espanha)

Encontra-se sepultado no Panteão dos Braganças, no interior do mosteiro da Igreja de São Vicente de Fora em Lisboa.



4

## PORTUGAL: o projeto pombalino de inspiração iluminista

- O reinado de D. José I foi marcado pelo Iluminismo, cujas influências vindas do estrangeiro, se fizeram sentir na doutrina política e na prática de governo.
- *Os estrangeirados*, trouxeram novas ideias das cortes europeias e dos meios sociais em que estiveram envolvidos, sendo utilizadas para tornar Portugal um país mais moderno.
- Mas a influência marcante do Iluminismo, na Europa, vai fazer com que a corte de D. José I, fique associada à prática do *Despotismo Esclarecido*.

5

## PORTUGAL: o projeto pombalino de inspiração iluminista

Sebastião José de Carvalho e Melo (1689-1782)

1º Conde Oeiras (1759) e Marquês de Pombal (1769)



6



## PORTUGAL: o projeto pombalino de inspiração iluminista

- Sebastião José de Carvalho e Melo, foi um nobre, diplomata e estadista português.
- Durante o Séc. XVIII desempenhou um papel fundamental na aproximação de Portugal à realidade económica e social dos países do norte da Europa.
- Os grandes objetivos da sua política foram: modernizar Portugal e torna-lo competitivo cultural e economicamente.

7

### Portugal – dificuldades e crescimento económico

#### Crise comercial (1670-1692)

- Dificuldades de escoamento dos produtos coloniais
- Descida dos preços dos produtos
- Debilidade manufatureira
- Atraso da agricultura

#### Política mercantilista

- Fomento manufatureiro
- Proteção dos produtos nacionais – Leis Pragmáticas
- Criação de companhias comerciais monopolistas

- Fim da crise comercial
- Descoberta do ouro e de pedras preciosas no Brasil – **bandeirantes**
- Tratado de Methuen (1703)

- Abandono das medidas de desenvolvimento manufatureiro
- Aumento das importações e consequente défice balança comercial

#### Política económico-social de Pombal

- Fomento manufatureiro
- Valorização da burguesia
- Criação de companhias monopolistas

(Pág. 103)

**A AÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL**

**Principais indústrias apoiadas no tempo do marquês de Pombal.**



**REFORMAS ECONÓMICAS**

- Criação de novas indústrias e apoio às já existentes, para aumentar as exportações e diminuir as importações.

Têxteis de lanifícios e algodões	Louças
Pelicas e peles	Botões
Têxteis de seda	Chapéus
Tapeçarias	Papel
Refinação de açúcar	Relógios
Fundição de metais	Vidros
Indústria da lã em 1756	Cutelaria


9

**A AÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL**

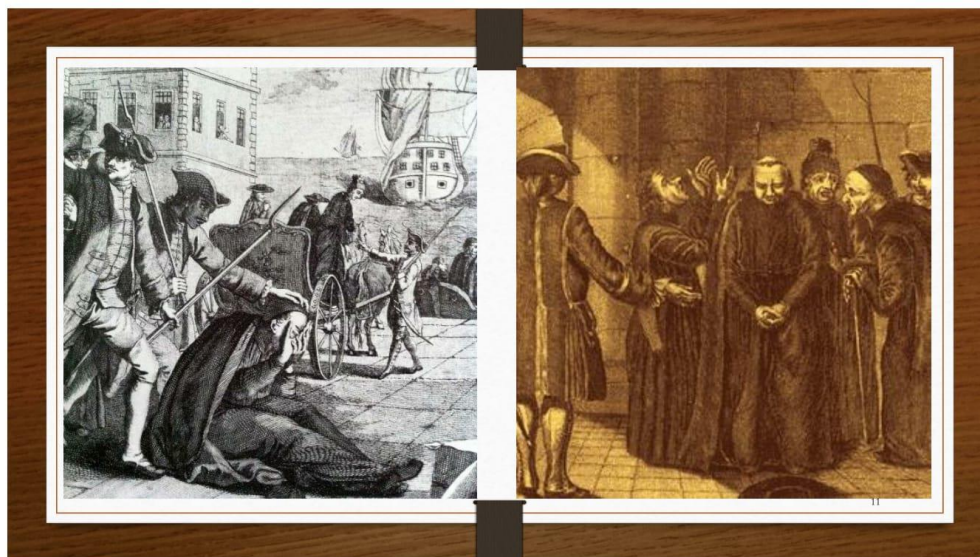
**REFORMAS SOCIAIS E POLÍTICAS**

- Retirou cargos e riquezas aos nobres e chegou mesmo a mandar matar alguns que se opunham à sua política, como a poderosa família Távora;
- Expulsou os Jesuítas;
- Protegeu a burguesia atribuindo-lhe cargos de grande confiança;
- Proibiu a escravatura em Portugal.

**A Morte dos Távoras e a expulsão dos Jesuítas**



10





**REFORMAS POMBALINAS  
DO ENSINO**

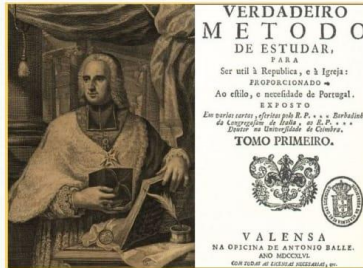
- ❖ Escolas menores oficiais e gratuitas
- ❖ Escolas régias
- ❖ Colégio dos Nobres
- ❖ Aula do Comércio
- ❖ Reformou a **Universidade de Coimbra**
- ❖ Iniciou a **Laicização do ensino**

12



# PORTUGAL: A política económica e social pombalina -Reformas na Educação

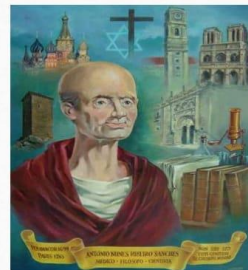
- **Luís António Verney (1713-1792)**
- “*Verdadeiro Método de Estudar*”, (1746) manual em que o autor defende um ensino com base na observação da natureza e na experiência, bem como a instrução dos jovens assegurada pelo Estado.
- Filósofo, teólogo, padre e professor, este estrangeirado foi um dos principais representantes do Iluminismo português.



1.

## PORTUGAL: A política económica e social pombalina -Reformas na Educação

- **António Ribeiro Sanches** (1699-1783)
- *"Cartas sobre a Educação da Mocidade"* (1760) escrito onde defende uma reforma do ensino português através da laicização do mesmo.
- Colaborou escreveu a pedido de D'Alembert e Diderot para a *"Enciclopedia"*
- Médico, Filósofo, Pedagogo, Historiador.



1.

A AÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL

**REFORMAS NO ENSINO**

- Criou escolas de instrução primária;
- Criou escolas de ensino técnico em Lisboa e no Porto;
- Fundou o Colégio dos Nobres;
- Reformou a Universidade de Coimbra;
- Extinguiu a Universidade de Évora, controlada pelos Jesuítas.

As Universidades de Coimbra e Évora



15



16



### - Ordenação do espaço urbano

No dia 1 de Novembro de 1755, Lisboa foi atingida por uma catástrofe que foi identificada como um dos acontecimentos mais mortíferos da História.

Daí resultou a destruição quase completa da cidade de Lisboa, atingindo ainda grande parte do litoral do Algarve e Setúbal.

O sismo foi seguido de um maremoto - que se crê tenha atingido a altura de cerca de vinte metros - e de múltiplos incêndios, tendo feito certamente milhares de mortos.

18



O terramoto de Lisboa teve um enorme impacto político e socioeconómico na sociedade portuguesa do século XVIII.

Por essa altura tiveram origem aos primeiros estudos científicos, marcando assim o nascimento da sismologia moderna.

O acontecimento foi largamente discutido pelos filósofos iluministas, entre os quais Voltaire.

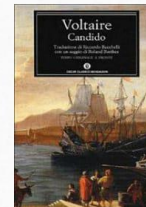


19

### Voltaire: *Candide*

*Candide, ou L'optimiste* É uma comédia romântica, controversa, onde a Igreja Católica é o principal alvo da obra, através da qual o filósofo francês Voltaire, demonstra com humor que, após o terramoto de Lisboa, só mesmo alguém muito ingénuo, muito cândido, poderia continuar a acreditar que vivia num mundo regido pela bondade e misericórdia de Deus.

- "*Candide*" (1759)



20

- Ordenação do espaço urbano

A Gaiola Pombalina



21

A AÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL



A antiga e a nova Lisboa

As ruas passaram a ser largas, com um traçado geométrico e com passeios calçetados. O Terreiro do Paço deu lugar à atual Praça do Comércio.



Lisboa pombalina

22



**A AÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL**



**Fachada de casa pombalina**

As casas foram construídas todas da mesma altura e com fachadas iguais para simbolizar a igualdade de todos perante o rei. Foi construída uma rede de esgotos, tentando acabar com o hábito de atirar os despejos pelas janelas acompanhados do grito "água vai".



**Maqueta da gaiola pombalina**

23

**As mudanças políticas em Portugal**

**Mudanças na administração central de D. João V a D. José I**

---

- A reunião das Cortes vão diminuindo e chegaram mesmo a deixar de se realizarem
- Declínio dos Conselhos e Tribunais
- Conjunto de reformas centralizadoras
- Decisões políticas tomadas pelos secretários de Estado, próximos do rei

↓

No reinado de D. José I  
destacou-se a ação do ministro  
marquês de Pombal

→

Reforço da autoridade do Estado  
através de reformas  
que fortaleceram o poder monárquico

24

### As mudanças políticas

#### Despotismo esclarecido

- Os filósofos iluministas acreditavam na existência de um rei culto, justo e empenhado na aplicação de leis e reformas estruturantes para o bem-estar dos súbditos.
- Aparecimento de uma corte europeia que congregava filósofos, cientistas, escritores e poetas.
- A crença na Razão e no progresso pelos déspotas iluminados permitiu uma organização dos reinos em diferentes domínios: ação administrativa, decisões económicas, vida social, promoção do ensino, relação com a Igreja.

Frederico II,  
da Prússia

Catarina II,  
da Rússia

José II,  
do Sacro-Império

D. José I,  
de Portugal

25

### A modernização do Estado e das instituições


#### Reformas Pombalinas

- Racionalização do aparelho de Estado
- Fomento comercial e manufatureiro: criação de fábricas de lanifícios, de vidros, de louças
- Fundação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro
- Fundação do Erário Régio: centralização dos recursos financeiros do país
- Criação da Intendência Geral da Polícia
- Criação da Real Mesa Censória
- Abolição dos privilégios da nobreza e do clero

Na sua opinião, as reformas pombalinas espelharam, ou não, os valores iluministas? Justifique.

26

### Ordenação do espaço urbano



Praça do Comércio, antigo Terreiro do Paço

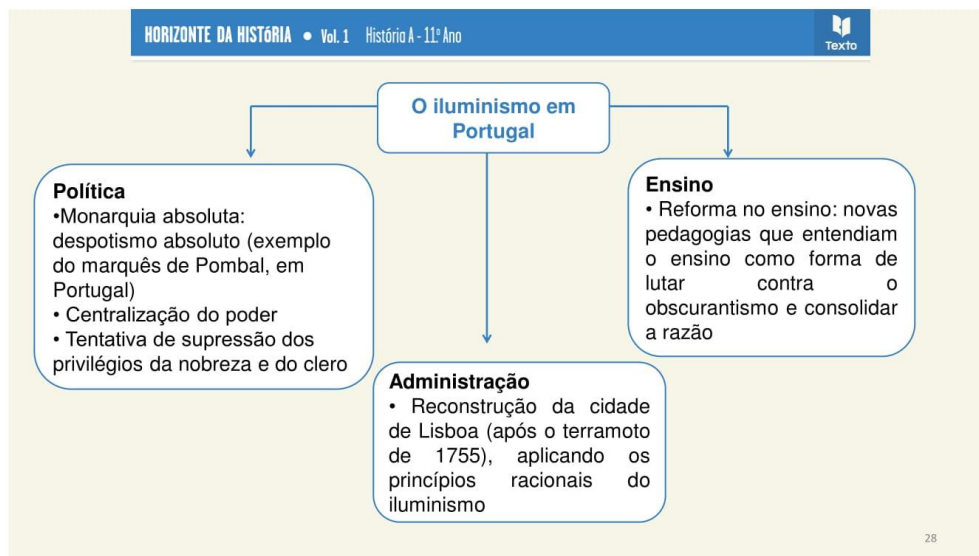
- 10 000 edifícios destruídos:
- 20 000 a 100 000 mortos.

Na sua opinião, os valores iluministas estavam, ou não, presentes na Lisboa pombalina? Justifique.

### Reconstrução da cidade de Lisboa

- Valorização dos ideais iluministas: geometria e matemática;
- Plano urbanístico moderno e racional:
  - a) uniformização das ruas e edifícios: geometria rigorosa;
  - b) construção antissísmica, a "gaiola" ;
  - c) desenvolvimento do comércio com a criação de ruas que agrupavam os ofícios da cidade.

27

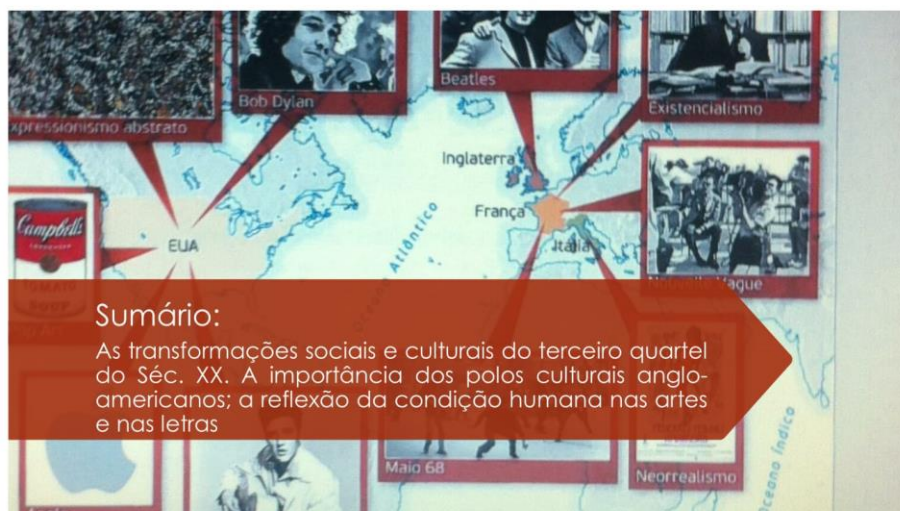






ANEXO IV –PowerPoint referente às aulas elaboradas do 12º Ano, Turma B

11-Oct-17



### A IMPORTANCIA DOS POLOS CULTURAIS ANGLO-AMERICANOS

**No terceiro quartel do Seculo XX, a cultura anglo-saxónica afirmou-se como modelo de referência no mundo ocidental.** Londres e Nova Iorque tornaram-se os novos polos culturais. As tensões políticas e a devastação da Segunda Guerra Mundial, provocaram danos na cultura europeia e na sua produção.

**Nos anos 50 e 60 ao nível da cultura e das artes, o arco PARIS-BERLIM, foi substituído pelo eixo NOVA IORQUE-LONDRES.** O dinamismo cultural de Nova Iorque permitiu à cidade afirmar-se como tal.

## AS VANGUARDAS EUROPEIAS

- As artes plásticas apresentam uma rutura de processos que vinha do Sec. XIX
- Com o advento da tecnologia a luta pelo poder
- Com a hegemonia e os totalitarismos nas potências mundiais, surgem as vanguardas
- As correntes vanguardistas aparecem e vão influenciar as artes em todo o mundo.

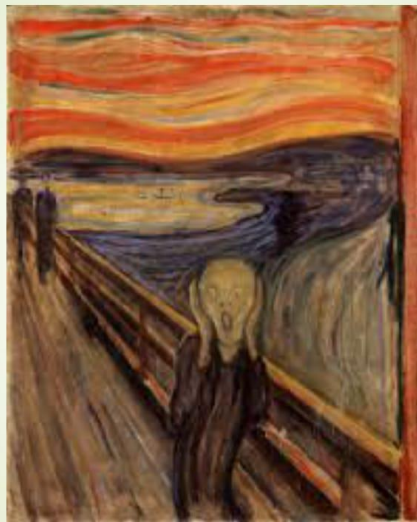
## As vanguardas ...

- **CUBISMO**
  - Fragmentação e subjetividade
  - Representado por Picasso e Braque
- **DADAISMO**
  - Surge durante a 1ª Guerra
  - Procuram chocar com a agressividade e a indignação
- **SURREALISMO**
  - Aparece no período entre guerras
  - A arte deve surgir do inconsciente. Trabalha com a fantasia
- **FUTURISMO**
  - Pretende trazer para a Arte a técnica e a tecnologia
  - Manifesto de Marinetti

## As vanguardas...

### • Expressionismo

- Surge na primeira década do Sec. XX
- Surge como reação ao Impressionismo
- Expressa a agitação do homem em início de século
- Mas essencialmente as angustias do Homem



Edvard Munch  
91 cm x 74 cm  
Expressionismo  
National Gallery, Munique  
Tinta a óleo e Pastel

## A REFLEXÃO SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA NAS ARTES E NAS LETRAS

O fim da Segunda Guerra Mundial e os horrores do conflito favoreceram uma reflexão acerca da essência humana e do papel da arte e da literatura. O modernismo sobreviveu, mas assumiu uma nova perspetiva. As artes e as letras manifestaram novas abordagens que levantaram interrogações sobre o que era o **Homem e a Arte**.

## ARTES

(A criação artística tornou-se mais intuitiva e desligada da racionalidade)

Nos EUA desde a década de 40, desenvolveu-se o expressionismo abstrato, pois era capaz de exprimir o universal e transmitir todas as experiências humanas, tendo como características:

- A espontaneidade, a expressão e a individualidade do artista
- O improviso e recurso ao gesto dinâmico
- O uso de largas manchas de cor



## EXPRESSIONISMO ABSTRATO



### O expressionismo abstrato em duas grandes tendências:

- A que deu primazia à pintura gestual
  - esta forma de expressão artística assentou na espontaneidade do gesto e da ação do artista sobre a tela.
- A que privilegiou o uso das manchas de cor
  - reduziu a pintura ao essencial produzindo largas manchas de cor na superfície da tela, com variações tonais que criavam efeitos luminosos.

## Expressionismo Abstrato (Gestual)



W. Kooning (1904-1997)  
Mulher I 1950/2  
(72.4 x 57.8 cm)  
MoMa, NY



J. Pollock (1912-1956)  
Convergence, 1952  
236cmX393 cm  
MoMa, NY

## Expressionismo Abstrato Color Field (Manchas de Cor)



Mark Rothko (1903-1970)  
Orange & Yellow, 1956  
180.3 x 231.1 cm  
Museu: Albright-Knox Art Gallery,  
Buffalo, NY

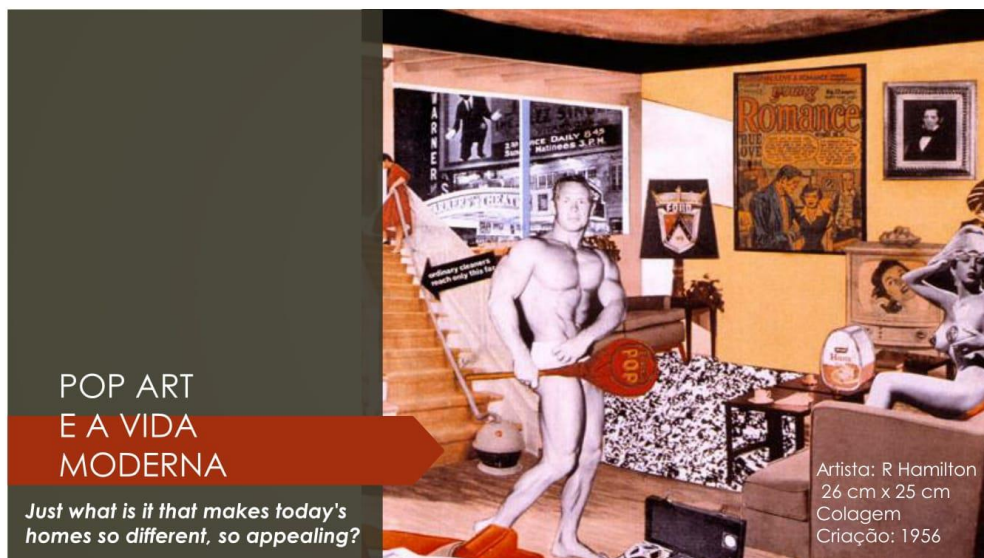
### A Partir de meados da década de 50

A arte vai enveredar por um novo caminho ligado à valorização das manifestações da cultura de massas e da cultura popular, dando origem ao Movimento da POP ART.



## A POP ART

- Surgiu em Inglaterra e expandiu-se para os EUA
- Afirmou-se como uma reflexão crítica, por vezes satírica, por vezes agressiva, sobre o vazio do Homem e da sociedade de consumo
- Neste movimento destaca-se em Inglaterra
  - Richard Hamilton
- E nos Estados Unidos da América
  - Roy Lichtenstein
  - Andy Warhol





## Roy LICHTENSTEIN



The source for *In the Car* was *Girls' Romances* n° 78 (Sept 1961).




## Andy WARHOL



"(...) os consumidores ricos compram essencialmente as mesmas coisas que os pobres. Todos podem ver TV, eu posso beber coca cola, o Presidente pode beber coca cola, a Liz Taylor bebe coca cola, e todas são boas e são iguais."



ARTE  
CONCETUAL



René Magritte (1898-1967)  
A traição das Imagens, 1928-1929  
Museu de Arte do Condado de Los Angeles, LA

A interrogação sobre o que é a ARTE e a sua  
função estética e cultural tornou-se tema  
fundamental na segunda metade do Séc. XX

Esta nova corrente assentou no princípio de que a ideia era a obra de arte e que a forma física, ou o objeto, não era condição essencial para a criação artística.

A arte concetual abriu um novo caminho no domínio artístico, na medida em que a ideia se sobrepôs à estética e à representação do objeto.

### “A traição das Imagens”

(René Magritte)

O autor desafia o espectador a acreditar que está na presença de um cachimbo.

Afinal, tudo não passa de uma ilusão, de uma representação de um cachimbo no papel.

Algum dia vai conseguir fumar este cachimbo?



### “A persistência da Memória”

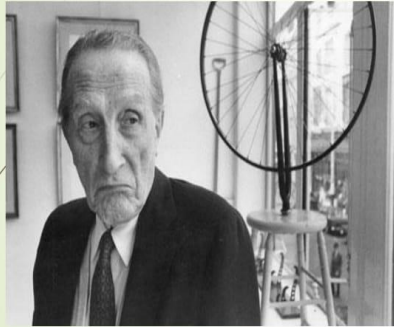
(Dali)

Valorização do processo mental  
O tempo e a memória



Salvador Dalí (1904-1989)  
Persistência da Memória, 1931  
Óleo sobre tela (24cm x 33cm)  
MoMa, NY

## Marcel DUCHAMP (1887-1968)



É um dos precursores da arte conceitual e introduziu a ideia de *ready made* como objeto de arte

Roda de bicicleta fixa em cima de um banco.  
(metáfora da vida)

A roda é um ciclo/ é a vida/  
gira/ umas vezes em cima  
/outras vezes em baixo

O banco/ prende a roda/ e é  
preso por ela

Estamos sujeitos a isso porque  
somos Humanos

## LETRAS

O desastre da guerra e as atrocidades cometidas contra a Humanidade reacenderam a reflexão sobre a condição humana. A consciência do indivíduo, a sua liberdade e responsabilidade levaram **JEAN PAUL SARTRE (1905-1980)** a definir o **EXISTENCIALISMO**.



Viria a marcar a obra de pensadores como **ALBERT CAMUS (1913-1960)** e **SIMONE DE BEAUVOIR (1908-1986)**





## O EXISTENCIALISMO

Assenta na ideia que o Homem se faz a si próprio, de que dispõe de liberdade de escolha e que pode mudar a sua existência através das suas ações.

Assim sendo:

- As ideias de liberdade e de responsabilidade são consideradas determinantes na construção do indivíduo;
- O Homem não tem obrigatoriamente que ser aquilo para que, supostamente, estava determinado, mas antes aquilo que pretender ser, fruto das suas escolhas;
- A filosofia existencialista coloca toda a responsabilidade no indivíduo e nas suas escolhas, logo, **é a ação que cria o Homem**





**NOS ANOS 50**

assistiu-se a um acelerado desenvolvimento da ciência, aplicada à tecnologia.  
Foram permitidos progressos na qualidade de vida e da sociedade.

Apesar do efeito destrutivo das duas bombas atômicas lançadas a física nuclear pode ser usada para fins pacíficos.

A slide with a light green background. On the left, a red arrow points right towards the text 'NOS ANOS 50'. Below this, there is a paragraph of text. On the right, there is a cartoon bomb character with a lit fuse, holding a sign that reads 'Apesar do efeito destrutivo das duas bombas atômicas lançadas a física nuclear pode ser usada para fins pacíficos.'

## EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

O desenvolvimento no domínio das tecnologias de comunicação tornou possível uma verdadeira revolução nas tecnologias de informação

Os circuitos integrados e os mini circuitos foram fundamentais para a miniaturização tecnológica. A aplicação da eletrónica à informação levou à construção do primeiro computador (1945/1946) e do primeiro chip em 1965.

Aumentou a capacidade de armazenamento de dados

permitiu uma maior rapidez em cálculos e no acesso à informação

## No domínio das ciências da Vida

... surgiram novas especialidades como a fisiologia cibernética, a microscopia eletrónica, a genética bioquímica, a biologia molecular e a engenharia genética.

Os organismos tornaram-se manipuláveis e, como tal, podiam ser modificados, com vista a conferir-lhe características novas.

**Em 1953**

James Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins...

... descobriram a estrutura do ADN (ácido desoxirribonucleico) que determina o código genético.

## Transplante do Coração (Transplanted Heart)

1967 As doenças do coração receberam um novo contributo, para minimizar os seus efeitos, com a aplicação da técnica de transplante, utilizada pela primeira vez, na África do Sul, pelo cirurgião Christiaan Barnard



## SUPERBABE

1978  
Os problemas de infertilidade beneficiaram com os avanços científicos e com a descoberta de fertilização *in vitro*, que tornou possível o nascimento, do primeiro bebé-proveta, LOUISE BRAWN.









1. Música (som)

2. Artes /Cénicas, Teatro Dança Coreografia (movimento)

3. Pintura (cor)

4. Escultura (volume)

5. Arquitetura (espaço)

6. Literatura (palavra)

7. Cinema (imagem em movimento)

8. Fotografia (imagem)

9. BD (palavra e imagem)

10. Jogos de Vídeo (imagem e movimento)

11. Arte Digital (cartazes)

AS 7 ARTES



**ITALIA**

Entre os anos 40 e 50 a renovação do cinema foi levada a cabo por uma nova geração de cineastas do designado **neorrealismo italiano**.

O realizador mais **destacado desta corrente** foi **LUCHINO VISCONTI**

➤ Utilizou o cinema como veículo de crítica social



## FRANÇA

Nos anos 60 o cinema conhecido por **NOUVELLE VAGUE**, deu origem ao chamado cinema de autor que procurou tratar a vida contemporânea

*Destaca-se o realizador Jean Luc Godard*



## SUÉCIA / EUROPA DE LESTE

Na Suécia será Ingmar Bergman cujas obras captaram, de forma magistral, o sentido da existência.



Na Europa de Leste, não obstante os constrangimentos impostos pelos regimes comunistas destacou-se **Milos Forman** que, com outros cineastas, fizeram da Checoslováquia e da Polónia importantes centros de produção cinematográfica.



## JAPÃO / BRASIL

Fora da Europa o **Japão** viu afirmar-se **AKIRA KUROSAWA**, que em 1951 se destacou no Festival de Cannes, cuja obra revela uma **visão humanista do Mundo**, pela mão de um cineasta ligado ao passado



No **Brasil** o chamado cinema novo, testemunha a miséria da sociedade brasileira, **assumindo um cunho político**. Tendo como um dos seus maiores representantes **GLAUBER ROCHA**



Alterações na  
estrutura social e  
nos  
comportamentos





## O IMPACTO DA TV E DA MUSICA NO QUOTIDIANO

A TV teve um enorme sucesso junto da população tanto na Europa como nos Estados Unidos.

- Mudou hábitos e comportamentos
- Fez chegar a política a casa dos cidadãos
- Proporcionou o acesso à informação
- Afirmou-se como um dos mais poderosos meios de comunicação de massas

O segundo conflito mundial parou os esforços desenvolvidos, pelo que só após 1945 a televisão se junta ao cinema e à radio como grande meio de comunicação

Os EUA adiantam-se em termos de progressos tecnológicos que tornam a televisão mais barata e mais atrativa.

- Torna-se o entretenimento mais privilegiado
  - Novelas e séries dramáticas
  - Concurso com prémios monetários
  - Fonte de informação e conhecimento de notícias internacionais

## MÚSICA

Os jovens que cresceram no pós-guerra tinham mais poder de compra e procuravam novos modelos culturais

- O ROCK AND ROLL tornou-se um símbolo da juventude rebelde, na década de 50 e estava destinado a marcar de modo intenso a cultura e a vida dos adolescentes dos anos 50 e 60.
- A música passou a fazer parte do quotidiano da juventude e influenciou o seu modo de vida, a sua forma de vestir, os seus comportamentos e atitudes perante a sociedade.

<https://www.youtube.com/watch?v=ZgdufzXvjgw>

<https://www.youtube.com/watch?v=gj0Rz-uP4Mk>

Foi o "Rei" do Rock'n roll *Elvis Presley*

Chegaram por várias vezes aos tops britânicos *The Beatles*

Destacaram-se no panorama musical e influenciaram a juventude *DOORS*

Irreverentes e desafiadores da ordem estabelecida conquistaram os adolescentes ingleses e dos EUA *Rolling Stones*

## A hegemonia dos hábitos socio culturais Norte-Americanos

O *american-way-of-life* popularizou-se na Europa, os meios de comunicação divulgavam, cada vez mais, a viver à americana e assistiu-se à americanização da Europa.

- ❖ Os produtos americanos eram consumidos e os ícons daquela cultura admirados
- ❖ As estrelas de cinema, da música ou da banda desenhada.
- ❖ A coca-cola e o *fast-food*

Era essa a modernidade que a Europa queria experimentar

## Os hábitos americanos propagaram-se sobretudo através da publicidade

O movimento *HIPPY* inaugurou uma época em que os jovens de todo o mundo vestiam roupas largas, étnicas e desestruturadas, que correspondiam ao ideal de desdém pelo luxo e vocacionado para a espiritualidade.



## A TERCIARIZAÇÃO DA SOCIEDADE

A percentagem da população ativa e agrícola desceu radicalmente e, operou-se uma mudança estrutural na composição social visível, pela terciarização das sociedades contemporâneas.

## OS ANOS 60 E A GESTAÇÃO DE UMA NOVA MENTALIDADE

### A procura de novos referentes ideológicos

A partir dos anos 60 a sociedade mais jovem, entrou em rutura, em conflito de gerações, recusando a herança do Mundo saído da guerra, em busca de novos valores e referentes ideológicos.

## O ECUMENISMO

Designa o movimento que procura unir as igrejas cristãs, congregando pessoas de diferentes credos e ideologias religiosas



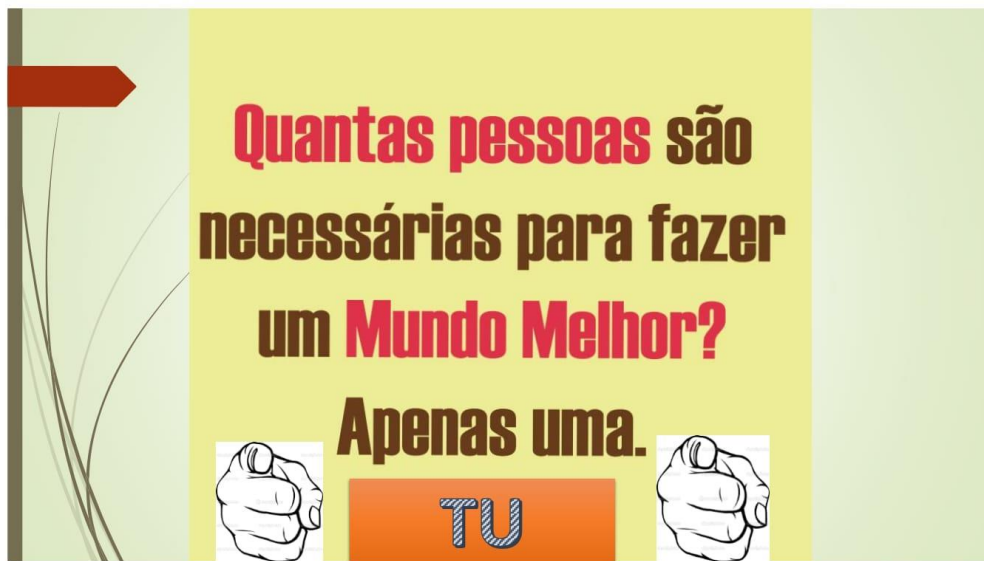
## O Concílio Vaticano II e o Ecumenismo

As transformações sociais e a mudança nos valores e nos comportamentos, tiveram impacto na vivência religiosa tradicional e tornaram evidente o desajustamento entre a Igreja e a Sociedade Civil.

○ Papa João XXIII reuniu o Concílio do Vaticano II que teve como objetivos:

- Adaptar a Igreja aos tempos modernos
- Desenvolver a Fé e a prática dos católicos
- Renovar moralmente a vida dos católicos
- Promover a aproximação e maior cooperação das igrejas cristãs com outras religiões



A slide with a light green background and a yellow central panel. On the left, there is a red arrow pointing right and some thin, dark, curved lines. The title "As preocupações ambientais" is written in red. Below the title, there is a paragraph of text and a list of two bullet points.

As preocupações ambientais

O ritmo acelerado do desenvolvimento provocou a exploração dos recursos naturais e contribuiu para o aumento da poluição ambiental. A degradação progressiva do planeta alertou para os problemas ambientais, causados pelo desenvolvimento e, fez despertar a "consciência verde".

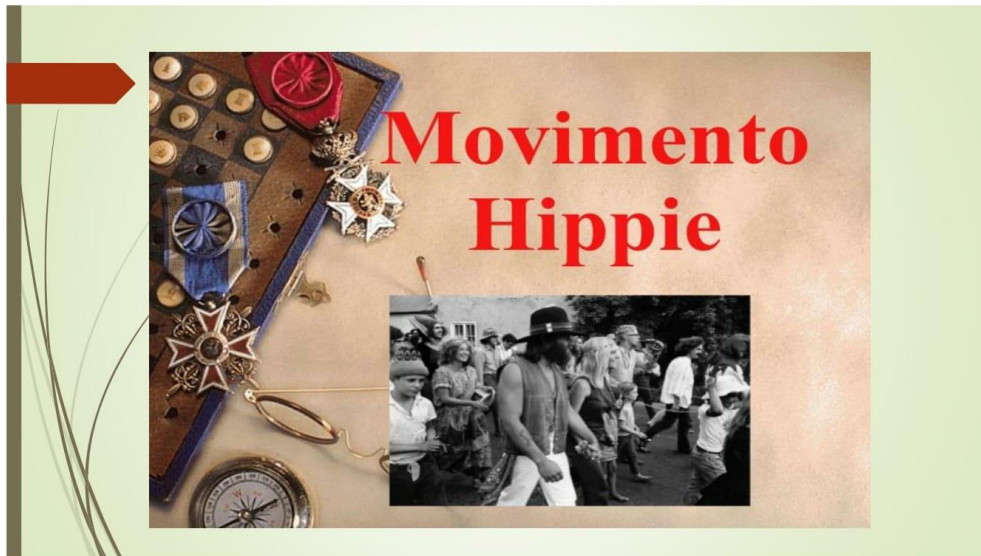
- Inúmeros ativistas saíram em defesa da proteção e da preservação do meio ambiente;
- A ecologia tornou-se popular através dos movimentos ambientalistas dos anos 60;



### A CONTESTAÇÃO JUVENIL

A juventude dos anos 60 ficou associada aos movimentos de contestação juvenil que eclodiram, na década de 60, na Europa e nos EUA.

- Clamou por liberdade e quebrou convenções sociais
- A juventude tornou-se produto e produtora de uma nova cultura e tomou consciência do seu papel na sociedade;
- A juventude americana associou-se em torno do movimento pacifista, levada a cabo nos EUA, contra a intervenção americana na guerra do Vietname;
- Defendeu a luta pelos direitos cívicos dos afro-americanos;
- Defendeu os direitos da mulher e da liberdade sexual;
- Criaram uma subcultura que se afirmou como contracultura, defendendo novos valores e estilos de vida.



## O MOVIMENTO HIPPI

### Nos EUA

Ganhou enorme visibilidade, com um estilo de vida alternativo, associado:

- *à musica rock;*
- *ao consumo de drogas;*
- *ao amor livre;*
- *PAZ E AMOR – PEACE AND LOVE (era o slogan do movimento)*

### NA EUROPA

- *Contestação juvenil em França*
- *Maio e Junho de 1968*

**O MUNDO ESTAVA EM MUDANÇA. A JUVENTUDE LIDERAVA A  
CONTESTAÇÃO E DESAFIAVA A ORDEM ESTABELECID.**





### A AFIRMAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER

Face ao papel da mulher, afirma-se uma nova mentalidade e ressurgem os **DIREITOS DA MULHER** agora associada à ideia de **IGUALDADE** no tratamento e nas oportunidades, ganhando grande impulso nos anos 60.

Movimentos feministas trazem para a discussão, não associada aos direitos políticos, mas à ideia de **igualdade de tratamento (na lei)** e de oportunidades (**acesso ao emprego carreira e salário**).

A mulher passou a ser encarada como uma pessoa autónoma e livre, tornando-se um agente da revolução cultural e moral do Sec.XX.

A causa das mulheres viria a ganhar maior impacto em **1975**. **Consagrada pela ONU como o Ano Internacional da MULHER.**

11-Oct-17



## **ANEXO 2 – Modelos de obtenção de dados aos alunos**

---

ANEXO I – Questionário aos Alunos sobre o Ambiente

**ESCOLA DONA LUÍSA DE GUSMÃO**  
**12º. B História**

**Questionário**

Este questionário servirá para conhecer melhor os hábitos e opiniões dos alunos desta turma, em aspetos relacionados com o ambiente. As tuas respostas são muito importantes!

(A) Em tua casa é habitual separar alguns resíduos e colocá-los para reciclar por exemplo no ecoponto?

☐ Não

☐ Sim

(B) No Bar da escola, separas os resíduos e coloca-los no caixote adequado?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Com frequência

☐ Sempre

(C) Quando lavas os dentes, a torneira do lavatório está aberta?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Com frequência

☐ Sempre

(D) Quando não vai estar mais ninguém na sala ou no quarto durante um longo período, apagas a luz ao sair?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Com frequência

☐ Sempre

(E) Na tua casa é costume apagar a televisão deixando-a em stand by (desligar apenas com o comando)?

☐ Nunca

☐ Raramente

☐ Com frequência

☐ Sempre

(F) Na maioria das vezes, deslocas-te para a escola:

☐ A pé

☐ De bicicleta

☐ De transportes públicos

☐ De carro

(G) Propõe uma medida que gostarias de ver implementada na escola para a tornar mais amiga do ambiente.

---

---

---

ANEXO II – Guião de Análise de uma Pintura

**GUIÃO DE ANÁLISE DE UMA PINTURA**

**1. IDENTIFICAÇÃO**

a) Título

---

b) Localização

---

c) Autor

---

d) Data da realização

---

e) Estilo

---

**2. ANÁLISE/DESCRIÇÃO**

a) Materiais de suporte

---

b) Técnicas utilizadas

---

**3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E INTERPRETAÇÃO**

a) Tema da pintura

---

b) Integração da obra no seu contexto histórico

---

---

---

**COMENTÁRIO / CONCLUSÃO**

---

---

---

---

ANEXO III – Modelo de Inquérito aos alunos sobre a relevância da Arte no ensino da História

ESCOLA DONA LUÍSA DE GUSMÃO  
12º. B / HISTÓRIA

ASPETOS	AVALIAÇÃO				
	Mau	Suficiente	Bom	Excelente	S/opinião
Relevância do ensino da História					
Os recursos utilizados					
A quantidade dos recursos					
A qualidade da exposição feita					
A revisão das matérias					
As tarefas propostas na aula					
O programa de arte na disciplina de História					
O ensino da Arte ao longo do percurso académico					
A duração dos tempos letivos (aulas)					
As matérias e os currículos propostos					

Para responder deves considerar os valores da tabela. Obrigada.



ANEXO IV – Modelo de Inquérito aos alunos sobre a relevância do ensino da História

## INQUÉRITO / VISITA DE ESTUDO

### VISITA DE ESTUDO TURMA 12º ANO/B E C

COM ESTE QUESTIONÁRIO PRETENDE-SE SABER A SUA OPINIÃO SOBRE A VISITA DE ESTUDO A \_\_\_\_\_, REALIZADA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA. AGRADEÇO QUE RESPONDA A TODAS AS QUESTÕES. OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO. ☐

**Considera que as visitas de estudo são importantes para a sua formação?**

\_\_\_\_\_

**Sentiu que ao longo da visita lhe foram dados os esclarecimentos e o apoio necessários?**

\_\_\_\_\_

**Qual foi o seu grau de satisfação com a visita?**

\_\_\_\_\_

**Concretizaram-se as expectativas que tinha para a visita?**

\_\_\_\_\_

**O que mais gostou foi**

\_\_\_\_\_

### OBSERVAÇÕES

-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----

OBRIGADA

### **ANEXO 3 – Diversos**

---



## ANEXO I – Currículo Vitae da Professora Cooperante Doutora Isabel Cluny

### 1. Currículo académico e profissional

Identificação: Isabel Maria de Araújo Lima Cluny Summavielle

Data de nascimento: 13.2.1957, natural do Porto.

B. I. 3416652, do Arquivo de Lisboa; Contribuinte nº 110930282.

Morada: A. João XXI, nº 8, 7º B, Lisboa.

Telefone/Fax 21 8487 249. email: icluny@msn.com

### 2. Habilitações Académicas

- Doutoramento em História e Teoria da Ideias Políticas, aprovada com Muito Bom, com Distinção e Louvor, por unanimidade, 2003
- Mestrado em História das Ideias. Classificação 17 valores (parte letiva) de Muito Bom (prova de dissertação), 1997.
- Licenciatura em História pela F.L.L., Universidade Clássica. Classificação de 16 valores (Bom com distinção), 1980

### 3. Experiência Profissional

1. Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Secundária D. Luísa de Gusmão, 10º Grupo A. 33 anos de serviço docente (1978-2011)

2. Universidade Clássica, Faculdade de Letras de Lisboa: Orientadora do núcleo de estágio da secundária D. Luísa de Gusmão (1993 -1997, 2003-2005).

3. UNL, FCSH, Curso de Ciência Política / Relações Internacionais: Conferencista no curso de *História das Relações Internacionais, Portugal*; anos de 1998- 1999 e 1999-2000. Disciplina: História das Relações Internacionais, séc. XVIII XIX.

4. Biblioteca Nacional: Directora-adjunta de *Leituras, Revista da B.N*, números: *Inovação, Classificação; Comparação; Classificação*; anos de 1996-1997 e 1997-1997;

5. Conferencista convidada do mestrado de Didáctica da História da FLL, 2003-2004, 2004-2005.

Disciplina: Didática da História.

6. Docente no mestrado de *Diplomacia* da Universidade Lusófona, curso de ciência Política e Relações Internacionais, 2010-2011 e 2011-2012. Disciplina: História da Diplomacia Portuguesa (XII- XXI; Disciplina: Diplomacia e Formação dos Diplomatas no Século XXI.

#### 4. Colóquios/comunicações

##### 1997

- Organização do colóquio da *Revista Leituras da Biblioteca Nacional: Inovação e Classificação*

##### 1998

- Organização do colóquio da *Revista Leituras da Biblioteca Nacional: Comparação,*
- Moderação do colóquio da *Revista Leituras da Biblioteca Nacional: Práticas de investigação.*
- Participação no Congresso de professores de História promovido pela A.P.H como dinamizadora de um painel /debate sobre Currículo de História no Ensino Secundário

##### 1999

- Organização na UNL seminário sobre as "Idades das fronteiras do Brasil".
- Realização na Escola Secundária D. Luísa de Gusmão uma acção de formação sobre a "O estudo da política externa de Portugal nos séculos XVII e XVIII: sua importância para o ensino da História no secundário "

##### 2000

- Participação como consultora, no âmbito da revisão curricular do ensino secundário, nos diversos painéis sobre a revisão dos programas de História no ensino secundário, realizados no ME, ao longo do ano de 2000-2001
- Elaboração, em conjunto com uma colega, de um parecer sobre a reformulação dos programas do 10º, 11º e 12º anos.
- Realização de uma conferência num *Curso de Direitos Humanos e Cidadania*, organizado pela *Civitas*.

##### 2001

- Conferência no *Seminário de História*, CISEP (ISEG/UTL) e pelo Instituto de História Contemporânea (FCSH/UN): *algumas notas sobre a Guerra de Sucessão de Espanha e a diplomacia portuguesa*, Seminário ICS, 15 de maio de 2001
- Organização, ao longo do ano 2000-2001, de *conferências* no âmbito da investigação em Relações Internacionais: 1º. *Pátrias, Nações e estados nos juristas hispânicos -séculos XII-XIII*; 2º. *Embaixadas e Legados Portugueses no sec. XVII e XVIII*; 3º. *As adaptações de um pequeno poder às crises finisseculares*, 4º. *O fim do Império*; Prof. Doutor António Costa Pinto, junho 2001;

##### 2002

- Participação no Colóquio Internacional, *Diplomatas e Diplomacia – Retratos, Cerimónias e Práticas*, Lisboa, Assembleia da República, 24-25 de outubro de 2002

## 2003

- Participação no 2º Colóquio de História Social das Elites, Elites Aristocráticas, Diplomacia e Guerra, ICS, UL, 13/15 de novembro, 2003.
- Participação no Colóquio das Casas Fronteiras e Alorna, *O Tratado Methuen*.
- Participação no Colóquio da Associação de História Portuguesa Económica e Social, *Universidade de Coimbra: O Tratado Methuen, A diplomacia portuguesa e a Guerra de Sucessão da Espanha*.

## 2004

- Organização de conferências no mestrado de didática da História, FLL, UL- Maria Emília Diniz - *Competências em História e a reforma curricular*; Maria Graça Fernandes subordinado ao tema *Indisciplina na Sala de aula*.
- Participação no Colóquio sobre a Inquisição, Reitoria da UL, A Inquisição nos manuais do ensino básico; FLL, 22 de setembro, 2004.
- Participação no Colóquio das Casas Fronteiras e Alorna sobre *A correspondência no séc. XVIII, A correspondência do Conde de Tarouca: pública e privada*, outubro, 2004.

## 2005

- Organização de colóquio Escola Secundária D. Luísa de Gusmão, Maria Emília Diniz subordinado ao tema *Competências em História e a reforma curricular*.
- Coordenação científica de *Projeto Festa Pombalina em Oeiras*.

## 2006

- Comissão organizadora do colóquio da Academia Portuguesa de História *Evocativo de S. Francisco Xavier*, Abril de 2006.
- Membro de painel-debate sobre *Violência nas escolas*, RTP1, Junho de 2006.

## 2007

- Participação no Coloquio, La Pérdida de La Europa. La la Guerra de Sucesión por la Monarquía de España, Madrid, 2007.

## 2008

- *O Barão de Forrester, Razão e Sentimento (1831-1861), Uma História do Douro*, Comissão da Exposição e Direção Científica do catálogo, 2008.

## 2010

- *Plutarco XXI, Biografías (individuales y colectivas) y procesos (sociales, políticos, económicos y culturales), 1650-1750- Seminário interuniversitário e internacional*, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba., 2010.
- Participação no colóquio de *Comemoração do centenário da República* (Arcos de Valdevez)

## 2011

- *D. Antónia, uma vida singular*, Comissão da Exposição do Museu do Douro e do Catálogo, Junho 2011- Abril de 2012
- Participação no *Congresso Maria Bárbara: A diplomacia portuguesa e os duplos esponsais dos infantes de Espanha e Portugal* (prelo actas do congresso Maria Bárbara )
- Participação no Congresso Faculdade de Letras - *A Casa Vilar Maior/Alegrete-Nas alianças matrimoniais da monarquia portuguesa* (séculos XVII-XVIII), FLL; UL.

## 2013

- Participação no Colóquio sobre a Paz de Utreque: Guerra de Sucessão de Espanha, o Congresso de Utreque e a diplomacia

## 5. Publicações:

### 1991

- Guião da exposição "Antero de Quental". Esta exposição da CML, - escolas secundárias de todo o país/ Centro Cultural de Paris.

### 1992

- "A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão -Enquadramento Histórico-Político", *Marcos Históricos dos Direitos do Homem*, vol. I, Comissão para a promoção dos direitos humanos e igualdade na educação, Ministério da Educação, cadernos nº3, Lisboa, Março 1992.

### 1994

- "D. Luís da Cunha e a questão Judaica ", Catálogo da Exposição *Os Judeus Portugueses entre os Descobrimentos e a Diáspora*, Fundação Calouste Gulbenkian e Embaixada de Israel. Lisboa 1994.

### 1996

- "O Morgado do Bulhaco", investigação e texto apresentado no *Encontro de Quintas do Concelho de Vila Franca de Xira*, Câmara de Vila Franca de Xira, em 15 e 16 de Março de 1996.
- Co-autoria e vice-coordenação da obra *Lisboa 1821 -A Cidade e os Políticos*. Livros Horizonte, Dezembro de 1996.
- Co-autoria da exposição e catálogo, *Vida e obra de João de Deus*, CML, Lisboa, Novembro 1996.

### 1998

- A diplomacia portuguesa no Congresso da Paz de Utreque, Portugal e os Caminhos do Mar, edições Inapa/ UNL, Lisboa, 1998.
- A propósito de um documento de um documento da política cultural joanina, *Leituras, Revista da Biblioteca Nacional*, Comparação., nº3, 1998.

- Soberania no Mar, co-autoria com José Saldanha, *Pavilhão Conhecimento dos Mares*, Catálogo da Expo 98, Lisboa, 1998.

#### 1999

- *D. Luís da Cunha e a ideia de diplomacia em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999.
- Castiços e estrangeirados uma polémica em aberto? *Cultura, revista da História e teoria das Ideias*, vol. XI, 2ª série, UNL, 1999.
- Recensão crítica, L' invention de la diplomatie, *Penélope, fazer de desfazer a História*, Cosmos, nº21, 1999, p.195

#### 2002

- Coordenação e co-autoria do *Dicionário do Vintismo e do Cartismo*, Assembleia da República e UNL, 2 vol. Afrontamento, 2002.
- A Guerra da Sucessão de Espanha e a diplomacia portuguesa, *Revista Penélope*, nº26, Lisboa, 2002.

#### 2003

- A diplomacia portuguesa e a Guerra de Sucessão da Espanha, *O Tratado de Methuen*, Livros Horizonte, 2003, Lisboa.
- Elites Aristocráticas, Diplomacia e Guerra, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias, Ciência Política* Nº XVI/XVII, 2003

#### 2004

- La diplomatie portugaise et la guerre de succession d'Espagne, *Revista Cheiron*, nº39 40, Bulzoni Editore, p.33-50, Milano, 2004.
- *Diplomatas e Diplomacia. Retratos, cerimónias e práticas*, Os diplomatas de negociação e de representação, Livros Horizonte, 2004, Lisboa.
- *Dicionário de Judaísmo*, Ed. Presença, Ed. Presença, 2004; marquês de Pombal; Róis de Fin-tas.
- Biografias de deputados (12), *Dicionário Parlamentar* (1834-1910), coordenação Prof. Maria Filomena Mónica e Prof. Doutor Pedro Tavares de Almeida, Assembleia da República.

#### 2005

- Cavaleiro de Oliveira, Lisboa, *Dicionário de Judaísmo*, Ed. Presença, 2005.
- “Os suspeitos do Costume” *Jornal Expresso*, Setembro de 2005 (políticas educativas)
- Laura Soares de Oliveira Summavielle, *Dicionário no Femino- séc. XIX-XX*, dir. Zília Osório de Castro, e João Esteves, L.H, 2005

#### 2007

- *O conde de Tarouca e a diplomacia na época Moderna*, Livros Horizonte, Lisboa, 2007
- Estrategias Políticas de la monarquía portuguesa frente a la Guerra de Sucesión Española, *La Pérdida de La Europa. La la Guerra de Sucesión por la Monarquía de España*, 2007.

**2008**

- *O Barão de Forrester, Razão e Sentimento (1831-1861), Uma História do Douro*, Dezembro de comissão da exposição e Direcção Científica do catálogo, 2008 ed., bilingue.

**2010**

- *Plutarco XXI, Biografías (individuales y colectivas) y procesos (sociales, políticos, económicos y culturales), 1650-1750*- Conde de Tarouca e D. Luis da Cunha, Córdova

**2011**

- *D. Antónia, uma vida singular*, Comissão da Exposição do Museu do Douro e do Catálogo, Junho 2011- Abril de 2012.

**2014**

- *Atas do congresso: A diplomacia portuguesa e os duplos esponsais dos infantes de Espanha e Portugal*

**2015**

- *Ernesto Rudolfo Hintze Ribeiro, uma biografia política* (no prelo) Assembleia da República.

**2017**

- *A Casa Vilar Maior/Alegrete - Nas alianças matrimoniais da monarquia portuguesa* (séculos XVII-XVIII), Circulo dos Leitores, 2017

ANEXO II – Planta tipo da Sala de Aula



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS NUNO GONÇALVES

PLANTA DA SALA DE AULA DO \_\_\_\_ ANO /TURMA \_\_\_\_

_____ _____ _____			

- Delegado de turma: \_\_\_\_\_
- Subdelegado de turma: \_\_\_\_\_

PROFESSOR

## ANEXO III – Cronologia histórica de 1985/2015

NO TEMPO	
1985	Assinatura dos acordos de Schengen
1986	Início da Perestroika na URSS com Mikhail Gorbachev. Ato Único Europeu. Adesão de Portugal e da Espanha à CEE. Explosão na central nuclear de Chernobyl (URSS)
1989	Instauração da Democracia na Polónia. Queda do Muro de Berlim. Derrube de Nicolae Ceaucescu na Roménia. Vaclav Havel é eleito presidente da Checoslováquia. Intervenção norte-americana no Panamá. O petroleiro “Exxon Valdez” encalha no Alasca, provocando uma maré negra.
1990	Lech Walesa é eleito presidente da Polónia. Eleições na Hungria e na Jugoslávia. Reunificação da Alemanha. Fim da ditadura de Pinochet (Chile). Início dos conflitos étnicos no Ruanda. Expansão da Internet
1991	Boris Ieltsin é eleito presidente da Federação Russa. Massacre no cemitério de Santa Cruz (Díli). Guerra do Golfo. Desagregação da Jugoslávia. Independência da Eslovénia, Croácia e Montenegro.
1992	Tratado de Maastricht. Primeira cimeira da terra (Rio de Janeiro). Intensificação da guerra civil em Angola. Os <i>mujahidin</i> tomam o poder no Afeganistão
1993	A Checoslováquia divide-se em duas repúblicas: República Checa e Eslováquia. Guerra civil na Jugoslávia.
1994	Fundação da OMC. (Organização Mundial do Comercio) Conflitos étnicos no Ruanda
1995	Assinatura do NNPT (Tratado de Não Proliferação Nuclear) Alargamento da EU a 15 membros. Intervenção da ONU no conflito da Jugoslávia.
1996	Atribuição do Prémio Nobel da Paz a Ramos Horta e D. Ximenes Belo. Criação da CPLP. Início dos conflitos étnicos na República do Zaire.
1997	Tratado de Amesterdão Protocolo de Quioto. Clonagem da ovelha Dolly
1999	Passagem de Macau para administração chinesa. Intervenção da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) na guerra do Kosovo. Fórum Social Mundial.
2000	Tratado de Nice. Anuncio da descoberta do genoma humano.
2001	Xanana Gusmão é eleito presidente da República de Timor. Ataque terrorista ao <i>World Trade Center</i> (NY). Intervenção americana no Afeganistão.
2002	Entrada em circulação da moeda única (euro-€). Proclamação oficial da República Democrática de Timor-Leste. O petroleiro liberiano <i>PRESTIGE</i> afunda-se ao largo da Galiza.
2003	Intervenção americana no Iraque. Descoberta do genoma humano.
2004	Alargamento da UE para 25 membros. Atentados terroristas em Madrid.
2005	Atentados terroristas em Londres.
2012	Cimeira Rio +20
2015	Atentados terroristas em Paris.(Je suis Charlie)

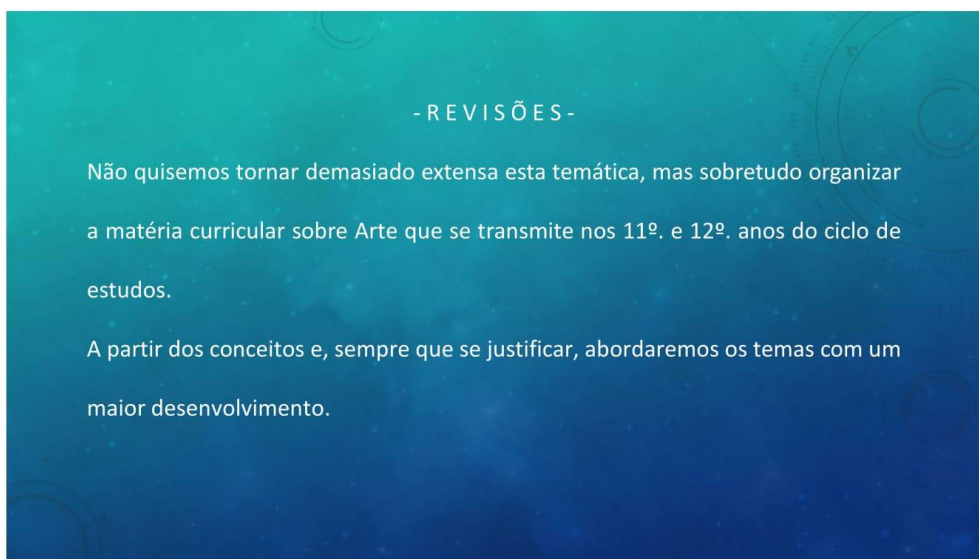


ESCOLA DONA LUÍSA DE GUSMÃO  
HISTÓRIA 12º. B



ANEXO IV – PowerPoint “Uma Viagem à História da Arte”

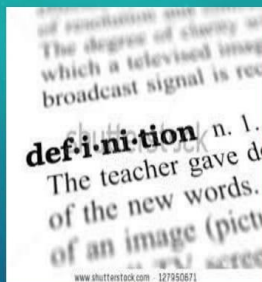
11-Oct-17





- **CONCEITOS**

- (Conceito significa definição, conceção ou caracterização. É a formulação de uma ideia por meio de palavras ou recursos visuais.)



- **Fonte Histórica:**

- Para que se entenda bem o que são as fontes históricas, é necessário que se saiba que a palavra “fonte” aqui é entendida no sentido de “documento”, ou seja, algo em que está registado o testemunho de algum evento que ocorreu no passado.
- Nesse sentido, as fontes ou documentos históricos constituem tudo o que o ser humano produziu desde os seus primórdios. Tais fontes podem ser desde artefactos arqueológicos até dispositivos eletrónicos feitos no século XXI, como computadores, iPad, etc.



• **Tempo Histórico:**

- Podemos contar o tempo através de relógios ou calendários, e esse é o tempo cronológico. Mas o tempo pode ser: o tempo geológico, quando se refere às mudanças ocorridas na crosta terrestre ou o tempo histórico que está relacionado com as mudanças das sociedades humanas.
- O tempo histórico tem como agentes os grupos humanos, os quais provocam as mudanças sociais, ao mesmo tempo que são modificados por elas.
- O **tempo histórico** revela e esclarece o processo pelo qual passou ou passa a realidade em estudo. Nos anos 60, por exemplo, em quase todo o Ocidente, a juventude viveu um período agitado, com mudanças, movimentos políticos, contestação aos governos, pelo rock, os hippies e a juventude “revolucionária”. Foram experiências que deram à década de 60 uma história peculiar e diferente dos anos 50 e dos anos 70.



**CRONOLOGIA:**

Ciência cuja finalidade é **datar acontecimentos históricos**, descrevendo-os e agrupando-os numa sequência lógica.

Esta disciplina insere-se numa ciência maior, que é a História.

## PERIODIZAÇÃO

- **Periodização:**
- é um método cronológico usado para contar e separar o tempo histórico da humanidade.
- Também podemos dizer que a periodização é o estudo da História Geral da Humanidade que costuma dividir a história humana, por convenção, para fins didáticos.

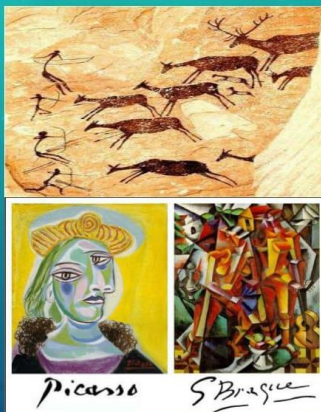


- **Património:**

"Património" vem do latim *patrimoniu* (*patri, pai + monium, recebido*).  
O termo está, historicamente, ligado ao conceito de herança.

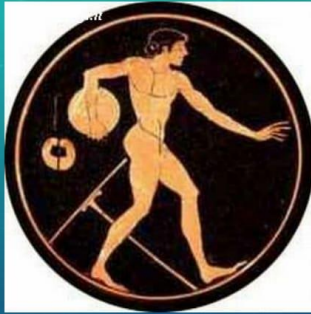


## A ARTE



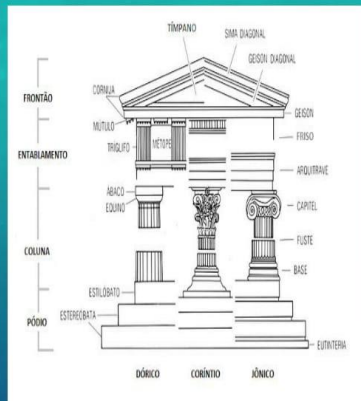
O principal problema na definição do que é Arte é o fato de que esta definição varia com o tempo e de acordo com as várias culturas humanas.

- Devemos, pois, ter em mente que a própria definição de arte é uma construção cultural variável e sem significado constante.
- Muito do que hoje uma cultura ou grupo chama arte não era ou não é considerado como tal por culturas ou grupos diferentes daqueles onde foi produzida, e até numa mesma época e numa mesma cultura pode haver múltiplas aceções do que é arte.
- Um **MOVIMENTO ARTISTICO** é uma tendência ou estilo, em Arte, com uma filosofia ou objetivo comum seguido por um grupo de artistas durante um determinado período de tempo.



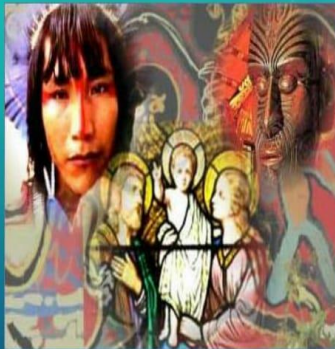
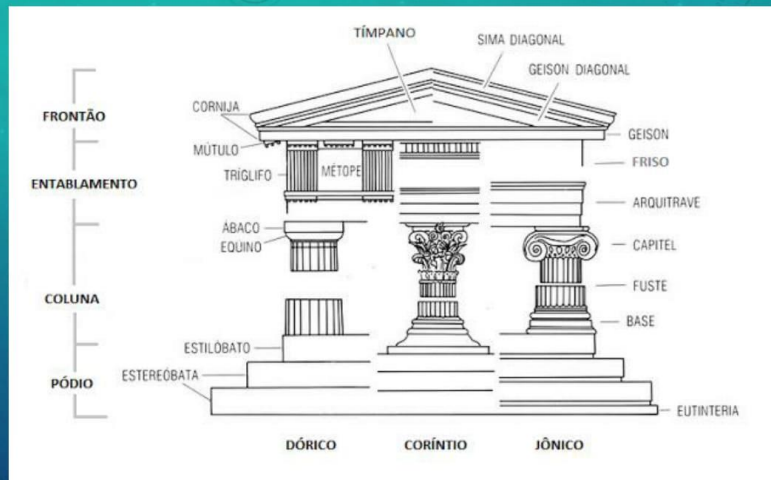
• **Época Clássica:**

- Atribui-se a designação de época clássica ao período que tem como referências estéticas e culturais a cultura clássica greco-romana e adota as formas e géneros do Renascimento italiano.
- Nestes cerca de três séculos incluem-se vários movimentos estéticos: o classicismo, o maneirismo, o barroco e o neoclassicismo



• **Ordem arquitetónica:**

- Dentro do contexto da arquitetura clássica, compreende o conjunto de elementos previamente definidos e padronizados que, relacionando-se entre si e com o todo de um modo coerente, conferem harmonia, unidade e proporção a um edifício segundo os preceitos clássicos de beleza.
- **As diferentes ordens arquitetónicas foram criadas na Antiguidade Clássica.**



• **Romanização:**

- Conceito criado por Theodor Mommsen no século XIX, indica a propagação da cultura romana através da **aculturação** e assimilação cultural dos seus atributos, por parte das populações anexadas durante o período de expansão da República Romana, do Império Romano.

• **Aculturação:**

- designa as mudanças que podem acontecer numa sociedade diante de sua fusão com elementos culturais externos, geralmente por meio de dominação política, militar e territorial.





- **A arte gótica**

- designa uma fase da história da arte ocidental, identificável por características muito próprias de contexto social, político e religioso em conjugação com valores estéticos e filosóficos e que surge como resposta à austeridade do estilo românico.



- **ARTE GÓTICA**

- Este movimento cultural e artístico desenvolve-se durante a Idade Média, no contexto do Renascimento do Século XII e prolonga-se até ao advento do Renascimento italiano, quando a inspiração clássica quebra a linguagem artística até então difundida.
- Os primeiros passos são dados a meados do século XII em França no campo da arquitetura (mais especificamente na construção de catedrais) e, acaba por abranger outras disciplinas estéticas, propagando-se pela Europa até ao início do século XVI, não apresentando no final a mesma uniformidade.





- **Renascimento:**
- Ou **Renascença** são termos usados para identificar o período da História da Europa aproximadamente entre fins do século XIV e o fim do século XVI.

### O Renascimento

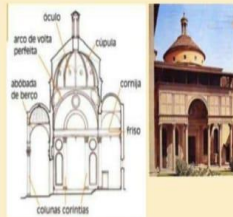
- Movimento cultural que se desenvolveu na Europa ao longo dos séculos XV e XVI;
- Não surgiu ao mesmo tempo em toda a Europa;
- Com reflexos nas artes, nas ciências e em outros ramos da actividade humana;
- A atenção é de novo voltada para as grandes obras da antiguidade clássica greco-romana.

Este período foi marcado por transformações em muitas áreas e apesar destas transformações serem evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião, caracterizando uma rutura com as estruturas medievais, o termo **Renascimento** é vulgarmente empregue nas artes, na filosofia e nas ciências.

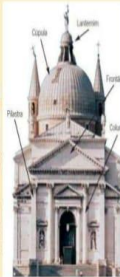
## ARQUITETURA

### ✧ Classicismo

- + Utilização de elementos estruturais clássicos



Capela dos Pazzi, Florença



Igreja da Consolação, Itália

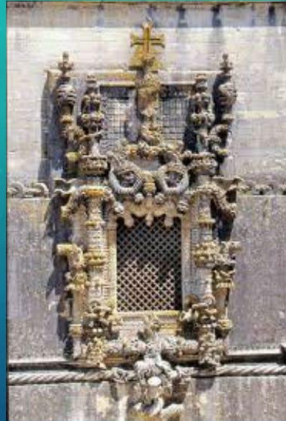
### • Classicismo:

- Em arte, classicismo refere-se ao mundo antigo, ou seja, à valorização da Antiguidade Clássica como padrão por excelência do sentido estético.
- A arte classicista procura a pureza formal, o equilíbrio, o rigor.

### • Estilo Manuelino:



- O *Estilo Manuelino*, por vezes também chamado gótico português tardio ou flamejante, é um estilo decorativo, escultórico e de arte móvel que se desenvolveu no reinado de D. Manuel I e prosseguiu após a sua morte, ainda que já existisse desde o reinado de D. João II.

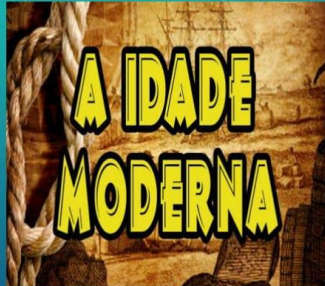


- Estilo Manuelino
- Variação portuguesa do Gótico Final, bem como da Arte Luso-Mourisca ou Arte Mudéjar, marcada por uma sistematização de motivos iconográficos próprios, de grande porte, simbolizando o poder régio.
- Os motivos mais frequentes da Arquitetura Manuelina são a *Esfera Armilar*, a *Cruz da Ordem de Cristo* e elementos naturalistas como: *corais*, *algas*, *alcachofras*, *pinhas*, *animais vários* e ainda elementos fantásticos como *sereias* e *gárgulas*.



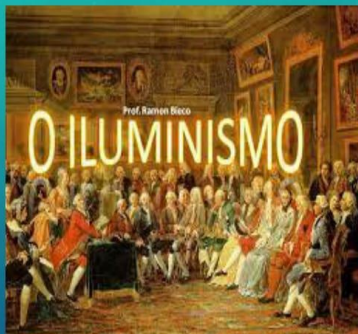
- Cultura erudita e
- Cultura Popular
- A principal diferença entre a cultura popular e a cultura erudita é que a primeira baseia-se nos costumes e tradições populares;
- enquanto que a última está relacionada com um pensamento mais elaborado, crítico e de certa forma, conotado com uma certa forma de elite cultural.





- **Época Moderna:**

- A Idade Moderna é um período específico da História do Ocidente. Destaca-se das demais por ter sido um período de transição por excelência.
- Tradicionalmente aceita-se o início estabelecido em 29 de maio de 1453 quando ocorreu a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, e o término com a Revolução Francesa, em 14 de julho de 1789.



- **O iluminismo,**

- Conhecido como *Século das Luzes* e como *Ilustração* foi um movimento intelectual europeu, do século XVIII que procurou mobilizar o poder da Razão, com o fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval.



- O Iluminismo

- Abarcou inúmeras tendências e, entre elas, buscava-se um conhecimento apurado da natureza, com o objetivo de torná-la útil ao homem moderno e progressista.
- Promoveu o intercâmbio intelectual e foi contra a intolerância da Igreja e do Estado.
- Foram vários os príncipes reinantes que apoiaram figuras do Iluminismo fomentando a aplicação desses ideais para novas formas de Governo.



- A Idade Contemporânea,

- também chamada de *Contemporaneidade*, é o período específico atual da História do mundo ocidental, **iniciado a partir da Revolução Francesa no século XVIII -1789**, até aos nossos dias .
- O seu início foi marcado pela corrente filosófica iluminista, que elevava a importância da Razão.
- Pensava-se que as ciências iriam descobrindo sempre novas soluções para os problemas humanos e que a civilização progredia a cada ano com novos conhecimentos adquiridos.

1189 / 1198	1418	1527	1580	1756	1825	1865	1890	1915
Trovadorismo	Humanismo	Clasicismo	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo Naturalismo	Simbolismo	Modernismo
		1500	1601	1768	1836	1881	1893	1902
		Literatura de Informação	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo Naturalismo Parnasianismo	Simbolismo	Pré-Modernismo
								1922
								Modernismo

Tabela Cronológica referente ao Período que medeia o Séc. XII e o Séc. XX



- Século XIX

- Romantismo

- Realismo- 1850

→ Evolucionismo (Darwin)

→ Determinismo (Taine)

→ Positivismo (Comte)

→ RAZÃO

- A fotografia

- Impressionismo



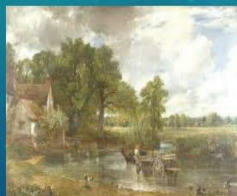


- **Romantismo**

- O romantismo é o período cultural, artístico e literário que se inicia na Europa no final do século XVIII, e se espalha pelo mundo até aos finais do século XIX.
- Como berço do romantismo podem considerar-se três países: Itália, Alemanha e Inglaterra. Porém, é na França que o romantismo ganha força e, é através dos artistas franceses que os ideais românticos se espalham pela Europa e pela América.



*A Liberdade guiando o Povo*  
Delacroix - 1830



*Carroça de Feno*  
Constable - 1821

- **ROMANTISMO**

- As características principais deste período são:
  - valorização das emoções
  - **liberdade de criação**
  - amor platónico
  - Individualismo
  - Nacionalismo e história
  - Natureza
  - Dramaticidade
  - Dinamismo



*As peneiradoras de trigo-1855*  
G. Courbet (1819/1877)



*Os quebradores de pedra-1849-*  
G. Courbet (1819/1877)

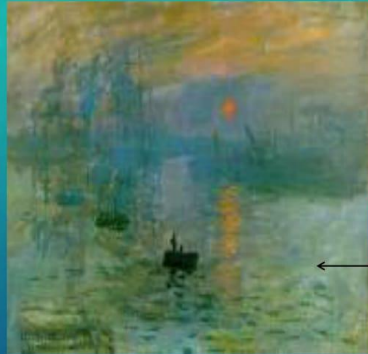
## O REALISMO

- Foi um movimento artístico e literário surgido nas últimas décadas do século XIX na Europa, mais especificamente na França, em reação ao Romantismo.
- Entre 1850 e 1900 o movimento cultural, chamado Realismo, predominou em França e estendeu-se pela Europa e outros continentes.
- Os integrantes desse movimento repudiaram a artificialidade do Neoclassicismo e do Romantismo, pois sentiam a necessidade de retratar a vida, os problemas e costumes das classes média e baixa, não inspirada em modelos do passado.
- O movimento manifestou-se também na escultura, com Rodin.



- A FOTOGRAFIA aparece
- e nesta fase aparece a Fotografia e os artistas começam a questionar a utilidade da pintura...
- A Luz e a Sombra vai dar início ao IMPRESSIONISMO
- O Impressionismo vai para a rua explorar a Luz e os seus efeitos no Redireccionamento da Arte





### Impressionismo

foi um movimento que surgiu na pintura francesa do século XIX

O nome do movimento deriva da obra "*Impressão*" (1872), de Claude Monet, durante uma exposição dos seus trabalhos, no Salão dos excluídos, em Paris.

Principais artistas:

E. Manet, C. Monet, P. Renoir, Degas e Seurat.



A Ponte - 1924  
Oscar-Claude Monet-(1840/1926)

- A pintura deve registar as tonalidades que os objetos adquirem ao refletir a luz solar num determinado momento, pois as cores da natureza modificam-se constantemente, dependendo da incidência da luz do sol.
- As sombras devem ser luminosas e coloridas, tal como é a impressão visual que nos causam, e não escuras ou pretas, como os pintores costumavam representá-las no passado.
- Os contrastes de luz e sombra devem ser obtidos de acordo com a lei das cores complementares. Assim, um amarelo próximo a um violeta produz uma impressão de luz e de sombra muito mais real do que o claro-escuro tão valorizado pelos pintores barrocos.
- As cores e tonalidades não devem ser obtidas pela mistura das tintas na paleta do pintor. Pelo contrário, devem ser puras e dissociadas nos quadros em pequenas pinceladas.
- É o observador que, ao admirar a pintura, combina as várias cores, obtendo o resultado final. A mistura deixa, portanto, de ser técnica para se ótica.

## Simbolismo



- **Simbolismo**

- Simbolismo é um movimento da poesia e outras artes que surgiu na França, no final do século XIX, como oposição ao Realismo, ao Naturalismo e ao Positivismo da época.
- Movido pelos ideais românticos, estendeu as suas raízes à literatura, aos palcos teatrais, e às artes plásticas.

## A ARTE NOVA

Artes decorativas



Louis Comfort Tiffany

- **Arte Nova**

- Estilo artístico ornamental (também conhecido por *Art Nouveau*, entre outros nomes) surgiu na Europa e nos Estados Unidos da América, entre 1860 e 1910.
- A estética da Arte Nova constitui uma tentativa de modernidade e de criar um estilo livre das imitações históricas que tinham caracterizado o século XIX.
- Afirma-se principalmente no campo decorativo, empregando curvas e contracurvas, excêntricas e assimétricas, e estilizações florais. É visível na arquitetura, no desenho de interiores, na joalheria, no desenho em vidro e na ilustração.

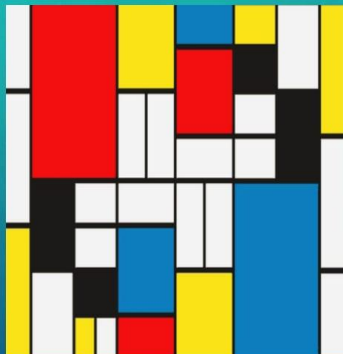
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
1914-1918	1939-1945
1ª. Guerra Mundial	2ª. Guerra Mundial
Baionetas	Campos de extermínio/Bombas atómicas

Expressionismo (Pós-Impressionismo) 1905/1933

- Reação ao Impressionismo
- Expressão das emoções humanas
- Interpretar as angústias do Homem do Séc.
- Deformação propositada das formas- revela o mundo interior







- **Vanguarda**
- Significa à frente, na dianteira. É um substantivo feminino, do francês “avant-garde” (estar na frente de um movimento).
- **Vanguarda Cultural**
- Na vanguarda estão os mais combativos, ou de ideias mais avançadas, de qualquer grupo social. Por extensão, é um grupo de indivíduos que pelos seus conhecimentos ou por uma tendência natural, exercem o papel de precursores ou pioneiros em determinados movimentos artísticos, científicos ou culturais.



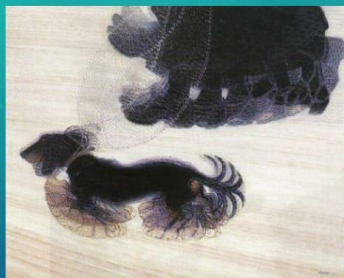
- **Modernismo**
- Chama-se genericamente modernismo ao conjunto de movimentos culturais, escolas e estilos que permearam as artes e o design da primeira metade do século XX.



*O Grito-1893*  
Edvard Munch(1863/1944)

- **Expressionismo**

- O Expressionismo é a arte do instinto, trata-se de uma pintura dramática, subjetiva, “expressando” sentimentos humanos.
- Utiliza cores irreais, dá forma plástica ao amor, ao ciúme, ao medo, à solidão, à miséria humana, à prostituição. Deforma-se a figura, para ressaltar o sentimento.
- Predominam os valores emocionais sobre os intelectuais. Corrente artística **concentrada** especialmente na Alemanha entre 1905 e 1930.



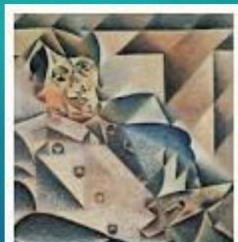
Dinamismo de um cão na coleira- 1912  
Giacomo Balla (1871-1958)

- **FUTURISMO (1909/1914)**
- Valorização do futuro
- Mostrar movimento e velocidade
- Uso de linhas retas, curvas e cores que demonstrassem movimento



- **Futurismo**

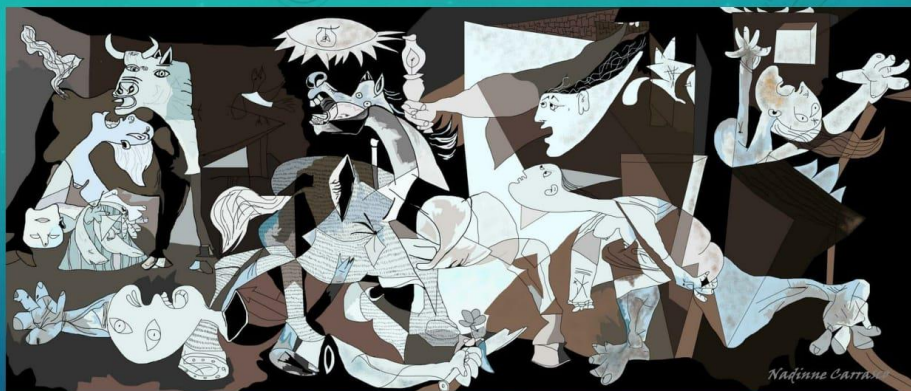
- O futurismo é um movimento artístico e literário, que surgiu oficialmente em **20 de fevereiro de 1909 com a publicação do Manifesto Futurista, pelo poeta italiano Filippo Marinetti**, no jornal francês *Le Figaro*.
- Os adeptos do movimento rejeitavam o moralismo e o passado, e as suas obras baseavam-se fortemente na representação da velocidade, fazendo uma ligação ao desenvolvimento tecnológico dos finais do século XIX.
- Os primeiros futuristas europeus também exaltavam a guerra e a violência. Há que ter em conta que todo este pensamento antecedeu o tempo da Primeira Grande Guerra.
- O Futurismo desenvolveu-se em todas as artes e influenciou diversos artistas que depois fundaram outros movimentos modernistas.



Retrato de Picasso-1912  
Juan Gris (1887-1927)

- **CUBISMO (1907/1914)**
- Geometrização de formas e volumes
- Renúncia à perspectiva
- Cores austeras – do branco ao negro





Guernica é um painel pintado por Pablo Picasso em 1937

<https://www.youtube.com/watch?v=ic1Nfx4c5LQ>



#### • Cubismo

- O cubismo é um movimento artístico que surgiu no século XX, nas artes plásticas, tendo como principais fundadores Pablo Picasso e Georges Braque ,
- O quadro "*Les demoiselles d'Avignon*", de Picasso, 1907 é conhecido como marco inicial do cubismo.
- Nele ficam evidentes as referências a máscaras africanas, que inspiraram a fase inicial do cubismo.



#### • Surrealismo (1924)

- O surrealismo foi um movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais.
- Reúne artistas anteriormente ligados ao dadaísmo ganhando dimensão mundial.
- Fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas do psicólogo Sigmund Freud (1856-1939), o surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa.
- Um dos seus objetivos foi produzir uma arte que, segundo o movimento, estava a ser destruída pelo racionalismo.



#### • Dadaísmo (1916/1922)

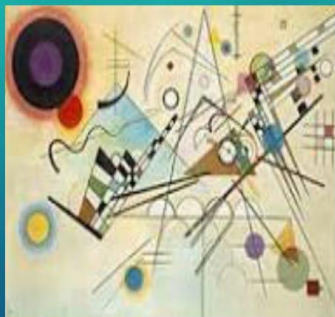
- O dadaísmo ou movimento dada (dádá) foi um movimento artístico da chamada vanguarda artística moderna iniciado em Zurique, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, no chamado Cabaret Voltaire.
- Trata do vazio do ser humano
- Formado por um grupo de escritores, poetas e artistas plásticos – dois deles desertores do serviço militar alemão – foram liderados por Tristan Tzara, entre outros.





#### • Fauvismo (1905-1908)

- ou fovismo (do francês *fauvisme*, oriundo de les fauves, "as feras", como foram chamados os pintores não seguidores do cânone impressionista, vigente à época) é uma corrente artística do início do século XX, que se desenvolveu entre 1905 e 1908.
- O estilo começou em 1901 mas só foi denominado e reconhecido como um movimento artístico em 1905.
- Segundo Henry Matisse, em "Notes d'un Peintre", pretendia-se com o fauvismo "uma arte do equilíbrio, da pureza e da serenidade, destituída de temas perturbadores ou deprimentes".
- Uso exclusivo de cores puras (sem cor não há arte e o pintor começa a repensar essa temática).
- Pinceladas violentas e espontâneas.



#### • Abstracionismo

- é um movimento artístico vanguardista em que a representação da realidade é feita de maneira desconstruída, com o uso de cores, linhas e formas abstratas.
- Ausência de relação imediata entre as formas e as cores representadas e as formas e cores reais.
- Também chamado Arte Abstrata, há registos desta forma de arte desde a pré-história. Mas o conceito de Abstracionismo foi consolidado no início do século XX, com o início do movimento liderado por Wassily Kandinsky.



Ritmo de Outono, 1950  
Pollock (1912/1956)

#### • Expressionismo abstrato

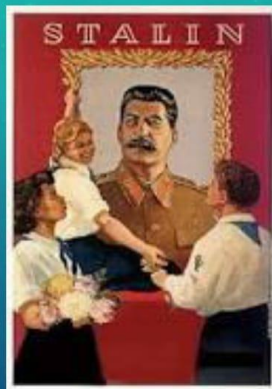
- foi um movimento artístico com origem nos Estados Unidos, cujo auge foi atingido nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial.
- Foi o primeiro movimento especificamente americano a atingir influência mundial, colocando Nova Iorque no centro do mundo artístico (posição previamente exercida por Paris, na França). Por vezes, é chamado como *Escola de Nova Iorque*.
- O movimento ganhou este nome por combinar a intensidade emocional do expressionismo alemão com a estética anti figurativa das Escolas abstratas da Europa, como o Futurismo, o Bauhaus e o Cubismo Sintético.
- O termo foi usado pela primeira vez para designar o movimento americano em 1952 pelo crítico H. Rosenberg.





- **Cultura de Massas**

- Cultura de massas é o produto da chamada Indústria Cultural, cujas expressões culturais são produzidos para atingir a maioria da população, com o objetivo essencialmente comercial, ou seja, de gerar produtos para o consumo
- Seguindo a lógica do capitalismo industrial e financeiro, a cultura de massas busca padronizar e homogeneizar os produtos, para que possam ser consumidos pela maioria das pessoas.
- Assim, tudo o que pertence a cultura de massas deve seguir um padrão pré-definido para o consumo imediato



- **Realismo socialista**

- O realismo socialista foi o estilo artístico oficial da União Soviética entre as décadas de 1930 e 1960, aproximadamente.
- Foi, na prática, uma política de Estado para a estética em todos os campos de aplicação da forma, desde a Literatura até o Design de produto, incluindo todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas (pintura, arquitetura, design, escultura, música, cinema, teatro, etc.).





### • Pop Art

- ou Arte pop é um movimento artístico surgido na década de 1950 na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade na década de 1960 nos Estados Unidos.
- O nome desta escola estético-artística coube ao crítico britânico Laurence Alloway (1926 - 1990) sendo uma das primeiras, e mais famosas imagens relacionadas ao estilo - que de alguma maneira se tornou paradigma deste - a colagem de Richard Hamilton (1922 - 2011): *O que Exatamente Torna os Lares de Hoje Tão Diferentes, Tão Atraentes?* (1956).
- A Pop art propunha que se admitisse a crise da arte que assolava o século XX, que dessa maneira pretendia demonstrar com suas obras a massificação da cultura popular capitalista.
- Procurava a estética das massas, tentando achar a definição do que seria a (cultura pop), aproximando-se do que costuma chamar de *kitsch*.



### • Arte Conceptual

- iniciou-se na década de 1960 e entrou pelos anos setenta.
- Este movimento artístico abriu mão do formalismo e dos objetos para se concentrar em ideias e conceitos.



#### • Contracultura

- Contracultura é um movimento que teve seu auge na década de 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social, utilizando novos meios de comunicação em massa.
- Jovens criando novos estilos, voltando-se mais para o antissocial aos olhos das famílias mais conservadoras, com um espírito mais libertário, resumido como uma cultura underground, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do quotidiano.
- O movimento Hippie, que representa esse auge, almejava a transformação da sociedade como um todo, através da tomada de consciência, da mudança de atitude e do protesto político.



#### • Pós-Modernismo

- A pós-modernidade é um conceito da sociologia histórica que designa a condição sociocultural e estética dominante no capitalismo após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais no final do século XX, com a dissolução da referência à razão como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo através de esquemas totalizantes.

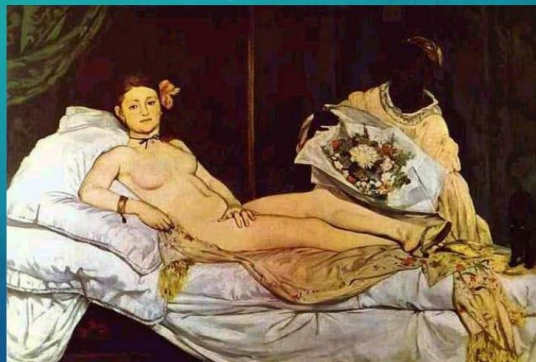
<https://www.youtube.com/watch?v=61eudgWgWb8>

Para um melhor conhecimento da Arte  
Um documentário:  
*"Lixo Extraordinário"*

Estudo  
de caso

Análise de Documentos/Fontes

## ARTE



*Olympia* - 1863  
Édouard Manet (1832/1883)  
Museu d'Orsay  
Paris - França



• **QUESTÕES** que o aluno deve **LEVANTAR À OBRA**:

- Identificar a obra apresentada
- Em que tempo e onde foi a obra executada
- Caracterizar o meio ambiente, local e época (neste caso a Europa)
- Descrever o quadro tendo em atenção a composição, a técnica, cores e influencias .



**Sobre a obra:**

- Em meados do Sec. XIX, os Europeus estavam fascinados pela realizações técnicas e científicas que marcaram o advento da era industrial.
- Os Realistas procuram mostrar as coisas tal como são, sem adornos nem subtilezas artísticas. Política e socialmente comprometidos fazem da arte um meio de contestação e chocam deliberadamente, a classe burguesa, moralista e conservadora.
- O quadro de Manet, remete-nos para o interior de uma alcova (quarto) onde se encontram duas mulheres: uma jovem e desnuda, recosta-se sobre as almofadas da cama desfeita e fixa o espetador.
- A outra, negra e completamente vestida, aparenta ser uma criada. Traz na mão um ramo de flores e, pela atitude, parece apresenta-lo à jovem patroa, a quem certamente se destina.

• (Cont.)

- Aos pés da cama encontra-se um gato preto de olhos brilhantes e dorso arqueado.
- A obra em que predominam os tons frios, enquadra-se, tanto pela composição como pela técnica nos preceitos académicos a que, desde o Renascimento, obedecia a pintura.
- Sobre um desenho de traço rigoroso, Manet tira partido das possibilidades da pintura a óleo, conferindo o brilho de seda ao lenço, realçando a textura dos lençóis, acentuando o contraste entre a pele branca da jovem e a tez escura da criada negra.
- As flores têm o encanto das naturezas-mortas que, frequentemente, se encontram nos quadros do pintor e às quais Manet deve parte da sua fama.

- (Cont.)
- Ora não é esse o caso de Olympia. Ao olhar o quadro, o público viu-se perante uma mulher completamente despida, que o fitava com olhar desafiador. Não se tratava de um “nu artístico”, mas de uma mulher real, na qual facilmente se reconhecia a jovem Victorine Meurant, modelo e companheira do pintor. Tratava-se pois de uma cortesã.
- E tudo o confirmava: as chinelas, a flor e a fita preta tornavam ainda mais obscena a nudez do modelo
- A obra tinha todos os ingredientes para chocar a moral burguesa e despertar sentimentos de condenação e repúdio.
- Em suma, Manet subvertera um tema académico, transportando-o para a realidade crua do presente. Executara, assim, o nu realista mais famoso da História da Arte Europeia



- **Comentário:**

- Olympia é uma das obras mais conhecidas de Édouard Manet (1832/1883), pintor francês considerado um dos precursores da Arte Moderna.
- Pintado a óleo, sobre uma tela de enormes dimensões (130X190cm).
- Um quadro representa um nu feminino, num espaço interior.
- Foi pintado em 1863 e exposto ao público dois anos mais tarde, na mostra oficial de pintores franceses (o Salon).
- Encontra-se no Museu d'Orsay, em Paris, França.

